



**Diana Maria
Martins de Oliveira**

**Sobre a importância dos animais de companhia
para o cidadão urbano**

On the importance of pets for the urban citizen



**Diana Maria
Martins de Oliveira**

**Sobre a importância dos animais de companhia
para o cidadão urbano**

On the importance of pets for the urban citizen

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ecologia Aplicada, realizada sob a orientação científica do Doutor António Manuel da Silva Luís, Professor auxiliar do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro.

DECLARAÇÃO

Declaro que este relatório é integralmente da minha autoria, estando devidamente referenciadas as fontes e obras consultadas, bem como identificadas de modo claro as citações dessas obras. Não contém, por isso, qualquer tipo de plágio quer de textos publicados, qualquer que seja o meio dessa publicação, incluindo meios eletrônicos, quer de trabalhos académicos.

o júri

presidente

Professor Doutor Ulisses Manuel de Miranda Azeiteiro

Professor Associado com Agregação, Universidade de Aveiro

vogais

Professora Doutora Maria Inês de Paula Coelho Canavarro de Morais

Professora Associada, Higher Colleges of Technology, Sharjah, United Arab Emirates

Professor Doutor António Manuel da Silva Luís

Professor Auxiliar, Universidade de Aveiro

agradecimentos

Ao José Quevedo - a quem o agradecimento soa a pouco - por me conhecer a mim (e ao meu trabalho) tão bem (e às vezes melhor) quanto eu. Obrigada.
Ao professor António Luís, pela capacidade de inovação e por querer sempre fazer mais.

Aos meus pais e irmão, por me construírem.

À Dra Maria João, pelo contributo fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

À Câmara Municipal de Aveiro, pelo interesse e colaboração.

Aos meus animais de companhia, por me inspirarem todos os dias.

palavras-chave

animais de companhia; aves; antrozoologia; ligação emocional; ligação funcional; peixes; relação Homem-animal.

resumo

A antrozoologia debruça-se sobre o estudo do vínculo e da interação entre o Homem e os animais. Tendo em conta que a presença de animais de companhia está associada a diversos benefícios para a saúde do Homem, revela-se importante estabelecer uma ponte de ligação entre estes elementos. O conhecimento das motivações que levam as pessoas a adquirir os seus animais, bem como a caracterização das relações estabelecidas e a representatividade dos animais para os seus donos, podem constituir o primeiro passo de um percurso pela antrozoologia.

Este trabalho pretende, assim, fazer uma abordagem primária da disciplina dentro do município de Aveiro. Em primeiro lugar, o objetivo passa pelo estabelecimento de referências de dados das populações de animais de companhia na região. Pretende-se conhecer quantos animais os cidadãos têm e quais os seus preferidos, bem como identificar as razões que levam as pessoas a adotá-los. Em segundo lugar, procura-se compreender a perceção que o Homem tem acerca dos seus animais e o que estes representam na sua vida. Um dos focos do trabalho passa pela exploração mais aprofundada destas questões dirigidas às aves e aos peixes, dado que são grupos de animais que apresentam algumas lacunas de investigação na temática.

Sendo assim, para o estabelecimento de dados das populações de animais e para o levantamento das razões motivacionais para adoção dos mesmos, realizaram-se inquéritos dirigidos à população do município. Posteriormente, dado o foco nos grupos das aves e dos peixes, desenvolveram-se entrevistas particularmente direcionadas para os donos destes animais.

Na amostra de 1128 inquéritos obtidos, 909 corresponderam a habitantes do município de Aveiro. Verificou-se que 78,2% destes cidadãos têm animais e contabilizou-se um mínimo de 2943 animais de companhia entre os respondentes. Os animais mais comuns (por número de respondentes com) são os cães e os gatos, seguidos das aves e dos peixes. Concluiu-se que os fatores de índole emocional são predominantes quando nos referimos à caracterização da relação entre o Homem e os animais. De facto, os animais, incluindo as aves, podem constituir focos de interações recíprocas, de felicidade e até de apoio emocional.

keywords

pets; birds; anthrozoology; emotional attachment; functional connection; fish; human-animal relationship.

abstract

Anthrozoology focuses on the study of the bond and interaction between man and animals. Taking into account that the presence of pets is commonly associated with a series of benefits to humans' health and well-being, it is important to establish a connection between these elements. Knowing the motivations that lead people to acquire their animals, as well as the characterization of the emerging relationships and the meaning of animals to their owners, may constitute an initial step in a path through anthrozoology.

As such, this work provides an initial approach of this discipline within the municipality of Aveiro. Firstly, the objective is to gather data on pet population in the region. The intention is to know how many animals per citizen and what are the favourite ones, as well as to identify the reasons that lead people to adopt them. Secondly, we try to understand how humans see animals and what they represent in its life. One of the focuses of the work is to go deeper in this questions by targeting birds and fish, since these groups of animals present some research gaps in the subject.

Thus, for the gathering of data of on the animals and the motivational reasons for their adoption, a survey was conducted targeting the population of the Aveiro municipality. Moreover, given the focus on the groups of birds and fish, some interviews were developed particularly directed to the owners of these animals.

Out the total sample 1128 surveys, 909 are from citizens from the municipality of Aveiro. It was found that 78,2% of those citizens have animals and a it was accounted a minimum of 2943 pets among the respondents. The most commonly referred animals (by the amount of respondents with reference to its possession) are dogs and cats, followed by birds and fishes. It is concluded that emotional factors are predominant when referring to the characterization of the relationship between humans and animals. In fact, animals, birds included, can provide reciprocal interactions, happiness and even emotional support.

“To me, you are still nothing more than a little boy who is just like a hundred thousand other little boys. And I have no need of you. And you, on your part, have no need of me. To you, I am nothing more than a fox like a hundred thousand other foxes. But if you tame me, then we shall need each other. To me, you will be unique in all the world. To you, I shall be unique in all the world...”

— Antoine de Saint-Exupéry

Índice

Capítulo 1	<i>Introdução</i>	1
1.1	Evidências históricas da ligação Homem-animal	2
1.2	As teorias explicativas da posse de animais de companhia	4
1.2.1	A origem evolutiva	4
1.2.2	A persistência do comportamento ao longo do tempo	7
1.2.3	A fusão das teorias	12
1.3	Caracterização da relação Homem-animal	13
1.3.1	A perspetiva do Homem	14
1.3.2	A perspetiva dos animais	21
1.3.3	Os objetivos investigados e os métodos já utilizados (pesquisa bibliográfica)	22
1.3.4	Como foi feita a <i>avaliação</i> desta relação e respetivos efeitos?	23
1.4	Motivação	25
1.5	Hipóteses e objetivos	26
1.6	Contribuições	26
1.7	Estrutura	27
Capítulo 2	<i>Métodos</i>	28
2.1	Abordagem quantitativa	29
2.1.1	Inquérito	29
2.2	Abordagem qualitativa	31
2.2.1	Entrevistas	31
2.3	Análise estatística das respostas ao inquérito	32
2.3.1	Análise da pergunta de resposta aberta	32
2.4	Análise das entrevistas	32
2.5	Análise Global	33
Capítulo 3	<i>Resultados</i>	34
3.1	Resultados da abordagem quantitativa	34
3.1.1	Inquérito	34
3.1.2	Análise da pergunta de resposta aberta	68

3.2	Resultados da abordagem qualitativa	71
Capítulo 4	<i>Discussão dos resultados</i>	86
4.1	Discussão dos resultados do inquérito.....	86
4.1.1	Análise geral das respostas:.....	86
4.1.2	Sobre os inquiridos – associação de fatores e a posse de animais	86
4.1.3	Sobre os animais	93
4.1.4	Análise das respostas à pergunta de resposta aberta	95
4.2	Discussão dos resultados das entrevistas.....	98
4.2.1	A interpretação dos resultados das entrevistas	98
4.2.2	Discussão da interpretação dos resultados das entrevistas.....	103
4.3	Discussão global dos resultados	107
Capítulo 5	<i>Considerações finais</i>	110
	<i>Referências Bibliográficas</i>	112
Anexo A	<i>Inquérito sobre a posse de animais de companhia</i>	118
Anexo B	<i>Folheto de divulgação do inquérito</i>	123

Índice de Figuras

Figura 3.1 - Percentagem de respondentes de Aveiro e de outras regiões que têm e que não têm animais de companhia	34
Figura 3.2 - Distribuição dos respondentes segundo o sexo.....	35
Figura 3.3 - Histograma das idades dos respondentes	35
Figura 3.4 - Histograma das idades dos residentes do município de Aveiro (por sexo e total). Fonte de dados: INE - Estimativas anuais da população residente, PORDATA (atualização a 15/06/2018).	36
Figura 3.5 - Percentagem de respondentes que identificaram pelo menos um elemento do agregado familiar inserido em cada intervalo de idades	37
Figura 3.6 - Percentagem de respondentes do sexo feminino por número de elementos do agregado familiar e respetivo intervalo de idades.....	38
Figura 3.7 - Percentagem de respondentes do sexo masculino por número de elementos do agregado familiar e respetivo intervalo de idades.....	38
Figura 3.8 - Distribuição dos respondentes segundo o nível de escolaridade	39
Figura 3.9 - Distribuição dos respondentes segundo a profissão (em %).	39
Figura 3.10 - Distribuição dos respondentes segundo o tipo de habitação.....	40
Figura 3.11 - Número de respondentes que apresenta cada espaço exterior na sua habitação	40
Figura 3.12 - Percentagem de respondentes que tem ou não o hábito de alimentar de animais de rua.	41
Figura 3.13 - Distribuição (número de respondentes) da posse de cada animal.....	42
Figura 3.14 - Distribuição (número de respondentes) da quantidade de animais	43
Figura 3.15 - Histograma da quantidade de aves dos respondentes	44
Figura 3.16 - Identificação da fonte de obtenção das aves pelos respondentes.....	45
Figura 3.17 – Percentagem dos respondentes que têm aves (total e por sexo) e que realizam cada uma das atividades referidas com as suas aves.....	45
Figura 3.18 – Percentagem de respondentes com aves que tem cada tipo de gaiola/construção e respetiva quantidade.....	46
Figura 3.19 - Distribuição da quantidade de peixes pelos respondentes	47

Figura 3.20 – Tipo de estrutura na qual se encontram os peixes dos respondentes	47
Figura 3.21 – Número de respondentes com cada tipo de aquário no qual os peixes se encontram	48
Figura 3.22 - Capacidade dos aquários nos quais estão os peixes dos respondentes e respectiva quantidade.....	48
Figura 3.23 – Número de respondentes que assinalou a divisão da habitação na qual se encontram os aquários	49
Figura 3.24 - Percentagem de respondentes de cada sexo que tem e que não tem animais de companhia	49
Figura 3.25 - Percentagem de respondentes de cada sexo que tem e que não tem aves .	50
Figura 3.26 - Percentagem de respondentes de cada sexo que tem e que não tem peixes	50
Figura 3.27 - Percentagem de respondentes de cada sexo com cada animal e respetivo número de animais	51
Figura 3.28 - Número e percentagem de respondentes de cada intervalo de idades que têm e não têm animais de companhia	52
Figura 3.29 - Percentagem de respondentes de cada intervalo de idades com cada animal	53
Figura 3.30 - Número e percentagem de respondentes de cada intervalo de idades que tem e não tem aves	54
Figura 3.31 - Número e percentagem de respondentes de cada intervalo de idades que tem e não tem peixes	55
Figura 3.32 - Associação da posse ou não de animais e a presença ou ausência de crianças no agregado familiar.....	56
Figura 3.33 - Associação da presença ou ausência de crianças no agregado familiar e a posse ou não de animais	56
Figura 3.34 - Número de respondentes que têm ou não animais de companhia segundo o nível de escolaridade	57
Figura 3.35 - Número de respondentes que têm ou não têm aves segundo o nível de escolaridade.....	58

Figura 3.36 - Número de respondentes que têm ou não têm peixes segundo o nível de escolaridade.....	58
Figura 3.37 - Associação do número de respondentes de cada profissão e a posse ou não de animais de companhia.....	60
Figura 3.38 - Associação do número de respondentes de cada profissão e a posse ou não de aves.....	61
Figura 3.39 - Associação do número de respondentes de cada profissão e a posse ou não de peixes.....	61
Figura 3.40 - Associação do tipo de habitação dos respondentes e a posse ou não de animais de companhia.....	62
Figura 3.41 - Associação do tipo de habitação dos respondentes e a posse ou não de aves	63
Figura 3.42 - Associação do tipo de habitação dos respondentes e a posse ou não de peixes.....	63
Figura 3.43 - Número e percentagem de respondentes com e sem animais de companhia por cada espaço exterior presente na habitação.....	64
Figura 3.44 - Número e percentagem de respondentes com e sem aves por cada espaço exterior presente na habitação	64
Figura 3.45 - Número e percentagem de respondentes com e sem peixes por cada espaço exterior presente na habitação	65
Figura 3.46 - Percentagem de respondentes que costuma alimentar animais de rua e tem (ou não tem) animais de companhia.....	66
Figura 3.47 – Número de respondentes que alimenta cada animal de rua e associação com a posse desses mesmos animais pelos respondentes.....	67
Figura 3.48 - Ilustração das razões que levam os respondentes a ter animais com base na pergunta de resposta aberta.....	68
Figura 3.49 – Número de respondentes com animais que assinalou cada um dos fatores motivacionais para adoção destes	69
Figura 3.50 - Percentagem de respondentes que identificou cada fator motivacional com distinção de quem possui apenas aves, apenas peixes, ambos ou nenhum	70

Figura 4.1 – Identificação de fatores motivacionais por diferentes grupos de respondentes, selecionados segundo a posse de animais em geral, aves e peixes.	96
--	----

Índice de Tabelas

Tabela 1.1 – Classificação dos fatores que levam as pessoas a ter animais: fatores emocionais vs. funcionais (adaptada de (T. Anderson et al., 2008; Leslie et al., 1994).....	19
Tabela 3.1 - Dados gerais obtidos nos inquéritos	34
Tabela 3.2 - Número de respondentes com cada quantidade de animais	43
Tabela 3.3 - Número total mínimo de animais dos residentes de Aveiro.....	43
Tabela 3.4 - Percentagem interna dos diferentes grupos estudados na Figura 50	70
Tabela 4.1 - Percentagem de respondentes de cada sexo com animais, com aves e com peixes.....	87
Tabela 4.2 - Percentagens de respondentes com animais, com aves e com peixes segundo a profissão	90
Tabela 4.3 - Número mínimo de animais de companhia dos respondentes	94
Tabela 4.4 - Identificação dos fatores motivacionais dos entrevistados para adoção das aves e/ou peixes	99
Tabela 4.5 - Fatores que caracterizam a relação atual dos entrevistados com as suas aves e/ou os seus peixes.....	101

Capítulo 1 Introdução

A relação entre o Homem e os animais tem vindo a tornar-se de maior interesse, quer para investigadores, quer a nível pessoal. Para além da ligação inevitável com a caça, encontram-se também fósseis de há 12.000 anos atrás que nos mostram, por exemplo, uma ligação afetiva (que parece ser um abraço) entre o *Homo erectus* e uma espécie canina (O'Haire, 2010). Atualmente esta relação permanece muito forte, traduzindo-se em inúmeras visitas a jardins zoológicos, à posse de animais de companhia e também na prosperidade económica da indústria respetiva (Archer, 1997; O'Haire, 2010). Os animais de companhia representam um grupo de animais ao qual os humanos atribuíram um estatuto especial e que, ao longo do tempo, se tem vindo a associar a diversos benefícios para a nossa saúde física e psicológica. A decisão de ter um animal de companhia traduz um vínculo entre o animal e o Homem (Amiot, Bastian, & Martens, 2016; Brooks et al., 2018). Além de ser um comportamento voluntário, a continuidade e sobrevivência deste ao longo do tempo, da história e de culturas traduz a força dessa ligação (T. Anderson, Wallace, & Staats, 2008).

Para uma discussão e compreensão de questões relacionadas com os animais de companhia é fundamental começar com uma definição da expressão. Apesar de existirem diversas definições, considere-se a seguinte: tratam-se de animais que vivem com o Homem e que não têm uma função aparente, sendo as pessoas que determinam as razões pelas quais os adquirem (J. A. Serpell & Paul, 2011). Estão incluídos animais como os cães e os gatos, que já mantêm uma associação com o Homem desde há milhares de anos, mas também os ratos e os coelhos que, após terem sido criados com um propósito diferente, atualmente são domesticados e mantidos nas habitações. Para além destes também as aves, alguns répteis como as tartarugas ou os dragões barbudos e mesmo os peixes estão presentes nos lares familiares enquanto animais de companhia, apesar de se considerar que não foram submetidos a uma domesticação equivalente aos anteriores (Nott & Bradshaw, 1994). As razões que levam as pessoas a adquirir os animais podem ser de natureza pessoal, como o fascínio por um determinado animal, a aparência estética, questões emocionais ou mesmo funcionais (T. Anderson et al., 2008; Leslie, Meek, Kawash, & McKeown, 1994).

A antrozoologia é uma disciplina científica relativamente recente e a única que permite investigar o estabelecimento de ligações conceptuais para o fosso que existe entre o mundo dos humanos e o resto da vida natural (Podberscek, Paul, & Serpell, 2000). Analisa, assim, as diversas formas de ligação, vínculo, interação e comunicação entre humanos e outras espécies animais

(Siddiq & Habib, 2016). Sendo assim, em vez de investigações isoladas sobre o ser humano como acontece em áreas de psicologia, sociologia e antropologia, a antrozoologia tem em consideração o facto de termos evoluído lado a lado com outras espécies e, portanto, afirma ser natural que as relações com estas permaneçam presentes. De facto, desde o período paleolítico que os animais influenciam os nossos comportamentos e até questões culturais: nessa época os animais ainda eram fonte de alimentação, de materiais, de inspiração religiosa e artística, e também de companhia (Podberscek et al., 2000). Deste modo, a antrozoologia debruça-se sobre o estudo das interações entre o Homem e os animais não humanos, procurando compreender, examinar e avaliar as vertentes multidimensionais das mesmas. De forma geral engloba estudos de relações individuais entre humanos e animais não humanos, e não tanto estudos de relações populacionais. Procura, assim, perceber em que medida os animais estão presentes e afetam a vida do Homem, bem como a situação recíproca. Esta área está a ganhar popularidade e está em desenvolvimento contínuo nos últimos anos, no estudo de relações que “(...) *can be real or symbolic, factual or fictional as well as historical or contemporary.*” (Siddiq & Habib, 2016).

1.1 Evidências históricas da ligação Homem-animal

Indubitavelmente que a associação primitiva dos animais ao Homem se baseou no cumprimento de necessidades básicas como a caça para alimentação, a guarda e o fornecimento de calor, implicados na sobrevivência. Estes seres irracionais eram vistos, muitas das vezes, como veículos de benefícios económicos (Podberscek et al., 2000). Até há bem pouco tempo (menos de um século) a maioria das famílias europeias tinha gado como vacas, porcos e galinhas, com o propósito de produzir leite, carne e ovos para o dia-a-dia. Também tinham contacto com a vida selvagem com o principal objetivo de caçar para alimentação própria e para utilização de peles. Os gatos eram muitas vezes mantidos pelas famílias para que pudessem afastar ratos e ratazanas, o que também permitia, sobretudo às crianças, a compreensão intuitiva da relação presa-predador e, em paralelo, constituía uma demonstração das razões utilitárias da relação vida-morte (Siddiq & Habib, 2016). Tal facto opõe-se ao choque contemporâneo que ocorre quando um gato doméstico traz uma presa morta até ao seu dono, pois a consciencialização da interdependência dos papéis dos elementos da natureza não prevalece de forma tão óbvia na sociedade atual. Da mesma forma, os cães eram utilizados essencialmente para proteção e para caçar, ao contrário do que acontece atualmente na maioria dos casos, em que são mantidos dentro de casa (T. Anderson et al., 2008; J.

A. Serpell, 1996; Siddiq & Habib, 2016). De facto, no século passado a sociedade não reconhecia, desfrutava ou desenvolvia propriamente discussões acerca da sua ligação com os animais.

Porém, as referências a este vínculo são inegáveis, quer através da religião e pinturas representativas encontradas, quer através da mitologia e contos populares (Siddiq & Habib, 2016). As pinturas nas paredes de grutas e legendas correspondentes, assim como o facto de ossos de animais terem sido enterrados juntamente com cadáveres humanos em sepulturas pré-históricas, sugerem uma crença ou desejo da companhia de um animal mesmo no momento da morte (T. Anderson et al., 2008; J. A. Serpell, 1996). Também a descoberta de restos mortais de gatos não indígenas em associação com o Homem, de há cerca de 9.500 anos no Chipre, nos traz alguma informação sobre a possibilidade de os humanos terem domesticado gatos selvagens durante viagens oceânicas milhares de anos antes de estes serem animais domésticos (Serpell & Paul, 2011).

À medida que a história avançou o Homem deixou de precisar dos animais para procurar e caçar alimento e para lhe fornecer calor físico, sobretudo nos últimos 5000 anos com as alterações culturais e o avanço da tecnologia (T. Anderson et al., 2008). Com estas transformações de estilo de vida, tendo em conta que as necessidades humanas no dia-a-dia começaram também a desenvolver-se, a relação Homem-animal evoluiu também e acompanhou esse desenvolvimento mas, tendo-se transformado, não desapareceu.

Comportamentos idênticos estiveram e estão presente em muitas sociedades do mundo: há relatos de posse de animais de companhia na Grécia antiga e em Roma, assim como na Europa, China, Japão e África (Archer, 1997). Antes do último século era um comportamento que se verificava comum entre as classes mais pobres, momento a partir do qual começou a tornar-se amplamente distribuído entre as diferentes classes sociais. Também nas tribos há evidências da posse de animais já desde há muito tempo, mantendo-se a tendência, por exemplo, na Austrália e na América (Archer, 1997; J. A. Serpell & Paul, 2011).

De acordo com Serpell (1996) as descrições dos comportamentos existentes nas sociedades ocidentais tradicionais permitem uma comparação da experiência da relação e dedicação atual do Homem com os seus animais. Esses comportamentos humanos incluem a ingestão de pulgas presentes em canídeos (como os dingos), a amamentação de recém-nascidos de outras espécies mantidas como animais domésticos em simultâneo com os filhos, a mastigação prévia cuidada de algumas plantas fibrosas para dar de comer a aves e roedores domésticos, bem como esforços de pesca de várias horas diárias, para captura de peixes pequenos para alimentar os seus animais (Archer, 1997; J. A. Serpell, 1996).

1.2 As teorias explicativas da posse de animais de companhia

Para explicar a posse de animais de companhia propuseram-se várias teorias. É importante, em primeiro lugar, fazer a distinção entre a origem evolutiva do comportamento e a persistência do mesmo ao longo do tempo. Efetivamente, são análises diferentes, sobretudo porque o facto de haver uma persistência do comportamento leva a implicações na aptidão do Homem.

1.2.1 A origem evolutiva

Numa perspetiva Darwiniana, a relação Homem-animal parece constituir um comportamento intrigante, visto que o desenvolvimento deste tipo de ligação e o investimento de recursos com um ser de outra espécie é, teoricamente, sinónimo de redução de aptidão (Archer, 1997). De facto, à primeira vista não parecem existir benefícios em termos de aptidão que derivem deste investimento de tempo, energia, afeto e outros recursos que o Homem dedica aos animais de companhia. Os benefícios parecem ser todos direcionados para os animais, não sendo óbvio qual o retorno para o Homem (Archer, 1997; H. A. Herzog, 2014).

- *Cross species adoption e cooperative breeding*

O comportamento da posse de animais parece, à primeira vista, ser uma manifestação pura de altruísmo, sem esse retorno em termos de sobrevivência e aptidão reprodutiva para o Homem. Sendo assim, parece ser um comportamento que viola as teorias da seleção natural e da seleção de parentesco, de acordo com as quais os indivíduos “(...) *should seek to maximize either their own survival and reproductive success and/or that of their genetic relatives, to an extent proportional to the latter's degree of relatedness and the relative fitness costs thereby incurred by the donor.*” (Hamilton, 1964). Neste aspeto, a posse de animais assemelha-se mais a uma relação aloparental – representada pelos cuidados às crias serem prestados por indivíduos não progenitores – ou mesmo à adoção, que são comuns entre peixes e mamíferos. Dadas as similaridades, por vezes considera-se um termo alternativo, denominado *cross-species adoption* ou adoção entre espécies (J. A. Serpell & Paul, 2011).

Existem relatos de vínculos criados entre outros indivíduos de espécies diferentes. Entre eles temos, por exemplo, as relações interespecíficas criadas entre um gorila e um gato (Patterson, 1987), um hipopótamo e uma tartaruga gigante (Hatkoff, Hatkoff, & Kahumbu, 2016) e entre um elefante asiático e um cão (Buckley, 2009). Segundo a revisão de Herzog (H. A. Herzog, 2014) já se demonstrou que os animais têm esta capacidade de criar um vínculo com indivíduos de outras

espécies. Porém, as investigações como a de Mason & Kenny (1974) que promoveram um vínculo entre macacos e cães, assim como as referidas anteriormente (Buckley, 2009; Hatkoff et al., 2016; Patterson, 1987), tiveram sempre alguma intervenção humana, pelo menos no que diz respeito ao condicionamento do espaço, como em parques fechados ou jardins zoológicos. Um dos casos a salientar aconteceu numa reserva natural e, apesar de existir influência humana na disponibilização de algum alimento para os animais, é o caso com influência menos significativa e que mais se aproxima do meio natural e do respetivo comportamento dos animais. De facto, observaram-se interações entre primatas de espécies diferentes, mais especificamente entre um grupo de capuchinhos, *Cebus libidinosus*, e um sagui juvenil, *Callithrix jacchus*. O sagui, nomeado Fortunata pelos investigadores, integrou-se na comunidade de capuchinhos e duas das fêmeas deste último grupo mostraram comportamentos “maternos”, comportando-se como cuidadoras do sagui. Este foi, por exemplo, alimentado, acompanhado nas deslocações e alvo de brincadeiras por parte dos primatas de maior tamanho. Esta adoção, apesar de ser considerada entre géneros (Izar et al., 2006), não deixa de ser ilustrativa do facto de algumas espécies apresentarem capacidade de criar vínculos com membros de outras espécies, e inclusive darem-lhes os cuidados e proteção que necessitam (neste caso, enquanto juvenil).

Um ponto de vista complementar reside na assunção do facto da adoção de animais de outra espécie resultar de erros ocorrentes nos mecanismos evolutivos de criação de vínculo entre mãe e filho. Neste sentido, afirma-se que estes casos das relações alopARENTAIS acontecem devido a erros de mecanismos motivacionais que, de outra forma, atuariam na promoção da aptidão (Daly & Wilson, 1995). A tendência aparentemente elevada para a ocorrência destes erros é explicada por Silk (1990) através de predisposições psicológicas inatas: o autor afirma que a suscetibilidade se deve à falta de oportunidade, durante a evolução, para as fêmeas adotarem juvenis não parentes, pelo que não se estabeleceram pressões evolutivas para mecanismos de reconhecimento e sobretudo de discriminação entre juvenis parentes e não parentes, fomentando uma atração intensa pelos juvenis no geral. O processo de criação de um vínculo no ser humano é, assim, bastante flexível (Silk, 1990). A capacidade de criar uma empatia e cooperar com os outros são adaptações que promovem a reprodução cooperativa, *cooperative breeding*, que se refere a um sistema social em que indivíduos não parentes – os alopARENTES – ajudam nos cuidados da descendência. Assume-se que estas ações altruístas dos cuidadores alopARENTAIS são motivadas por mecanismos de interesse próprio, de expectativa de reciprocidade, pela combinação do pedido do progenitor e tolerância social e abertura de resposta pelo outro indivíduo e também por empatia cognitiva enquanto resposta a sinais de necessidade (Burkart, Hrdy, & Van Schaik, 2009).

Também se argumenta que estes sistemas de reconhecimento e discernimento poderiam ter sido desvantajosos para os nossos ancestrais, em termos de aptidão, caso os custos de não prestação de cuidados aloparentais fossem superiores aos custos de prestação de cuidados aloparentais. Sendo assim, com a continuidade deste tipo de cuidados, devido aos seus custos mínimos, a manutenção dos animais de estimação poderia evoluir e a alargar-se espacialmente (Daly & Wilson, 1995; J. A. Serpell & Paul, 2011; Silk, 1990).

- Hipótese da biofilia

Se considerarmos que pertencemos a um sistema de coevolução, lado a lado com animais de nichos diferentes do nosso, devemos aqui atentar na hipótese da biofilia. Esta diz-nos que a tendência inata do Homem em focar-se na vida/noutras formas de vida, da qual fazem parte os animais, é produto da evolução. Sendo assim, o vínculo emocional criado entre o Homem e os animais parece residir em preceitos de aprendizagem, muitas vezes moldados por contextos culturais, que desencadeiam reações emocionais (Amiot et al., 2016; Gullone, 2000).

No que diz respeito à evolução, considera-se que a atenção aos animais aumentou as probabilidades de sobrevivência, visto que o comportamento animal atua como um sinalizador ambiental, quer de segurança, quer de perigo (E. O. Wilson, 1984). Nos dias de hoje, os seres vivos continuam a providenciar um excelente foco de atenção que tem, por sua vez, um efeito calmante e relaxante para quem observa os animais (Gullone, 2000). Além disso, como atualmente as pessoas vivem maioritariamente em meio urbano e as oportunidades de contacto com a natureza e os seus elementos (como os animais) são mais escassas, os animais de companhia podem servir como uma ponte para a história evolutiva e estimular o bem-estar psicológico (Gullone, 2000; O’Haire, 2010).

Na mesma linha da biofilia sabe-se que o foco seletivo por outras formas de vida leva a que as reações humanas sejam diferentes perante estas ou perante objetos inanimados. As crianças, por exemplo, têm respostas diferentes entre animais vivos e brinquedos, dando preferência aos primeiros. Têm, também, respostas diferentes de acordo com o animal em causa: a reação será diferente para um cão ou para uma cobra. De facto, o ser humano parece estar mais predisposto a criar ligação com alguns animais do que com outros – o que pode determinar a prevalência de certos grupos de animais entre as famílias (New, Cosmides, & Tooby, 2007).

- Consequência do antropomorfismo

Por outro lado, Serpell (2003) sugeriu que este comportamento poderia ter surgido como uma consequência do antropomorfismo, que se caracteriza pela projeção de estados mentais humanos em espécies não humanas. Para além disso, também se caracteriza pela capacidade de “pensar como um determinado indivíduo”, seja ele de que espécie for, e que permitiu aos nossos

ancestrais do Paleolítico ter maior sucesso na caça, antecipando o comportamento dos alvos. Sendo assim, a atribuição de sentimentos, pensamentos, motivações e crenças racionalizados pelo Homem a outros animais, poderá ter aberto uma janela para a integração destes no meio social humano (H. Herzog, 2014; J. A. Serpell, 2003).

- *Social copying* e a questão cultural

Herzog (2010) (in J. A. Serpell & Paul, 2011) defende que este comportamento está associado a um processo de evolução cultural e pode consistir num *meme*, ou seja, na alteração de genes que passam a constituir unidades de informação cultural. Este padrão de informação vai ser expressado e transmitido a outros indivíduos por um processo de *social copying* (ver mais em Heylighen, 1998). Neste sentido, o autor enfatiza o facto de a preferência por determinados animais permanecer ao longo das gerações; que as diferentes culturas, grupos étnicos ou as diferentes nacionalidades apresentam gostos distintos no que diz respeito aos animais (se têm mais ou menos tendência para a posse ou a preferência por determinado animal); que após a verificação da primeira prática de adoção numa sociedade o comportamento rapidamente se costuma propagar (H. A. Herzog, 2014; J. A. Serpell & Paul, 2011).

1.2.2 A persistência do comportamento ao longo do tempo

De que forma esta relação influenciou as pessoas para que a decisão de ter um animal ocorresse e fosse persistente ao longo da história? São propostas duas classes de teorias: as não promotoras e as promotoras da aptidão do Homem.

1.2.2.1 Teorias não promotoras da aptidão do Homem

Estas teorias dizem-nos que os donos não obtêm qualquer benefício da relação que estabelecem com os seus animais e, portanto, a sua persistência não é adaptativa.

- Característica neutra

Nesta teoria o comportamento da posse de animais é uma característica não benéfica nem prejudicial à aptidão do Homem, isto é, uma característica neutra que se manteve presente por deriva genética (J. A. Serpell & Paul, 2011).

- Caso de parasitismo social

Archer (1997) defende que esta relação representa o parasitismo social, no qual uma espécie tende a manipular o comportamento de outra de forma a retirar algum benefício. Neste caso, a relação seria unilateral, em que o Homem oferece os benefícios da alimentação e proteção aos

animais e estes não lhe dão qualquer retorno. Ou seja, apesar de se considerar que existem sentimentos positivos percebidos e sentidos pelos donos aquando a interação com os seus animais, numa perspetiva Darwiniana considerou-se que estes por si só não constituem um benefício e não contribuem para o aumento da aptidão do Homem. Na melhor das hipóteses os animais terão sido, segundo Archer, apenas um indício para situações que viriam a contribuir para o aumento da aptidão física do Homem durante a evolução e constituem, assim, parasitas sociais que manipulam o Homem (Archer, 1997).

Por outro lado, numa outra perspetiva deste contexto, não é totalmente claro quem está a “ser parasitado” por quem. A título exemplificativo, com o objetivo de melhorar a função de animal de companhia a maioria dos cães e gatos é esterilizada e a criação de raças específicas resulta, muitas vezes, em doenças genéticas, deformidades anatómicas e no comprometimento do bem-estar e da aptidão biológica dos animais (J. A. Serpell, 2003). Sendo assim, pode afirmar-se que os animais também são vítimas de parasitismo social por parte do Homem (Archer, 1997; J. A. Serpell & Paul, 2011).

1.2.2.2 Teorias promotoras da aptidão do Homem

Serpell (1996) considerou que este comportamento teve origem na forma como os animais eram vistos durante a história judaico-cristã e que foram *criados* para servir os interesses de quem tinha domínio sobre eles – o Homem. Apesar disso e sendo um comportamento tão amplamente distribuído, quer pela história quer no mundo moderno, não faria sentido a posse de animais ser vista como um comportamento não adaptativo (Archer, 1997; Podberscek et al., 2000; J. A. Serpell & Paul, 2011). Sendo assim, são várias as hipóteses adaptativas estabelecidas para justificar este comportamento. Estas implicam benefícios para o Homem, promovendo a sua aptidão.

- Mutualismo

Sugeriu-se que o comportamento de manter animais de companhia traduz um caso de mutualismo, no qual ambas as partes, quer o Homem quer o animal, beneficiam da relação/interação (J. A. Serpell, 2003). Na perspetiva dos animais, é fácil compreender que, ao disponibilizarmos alimento, água, abrigo, cuidados e proteção contra diferentes perigos (condições atmosféricas, predadores, caça, etc), estes foram capazes de criar um novo nicho ecológico, no qual apresentam sucesso evolutivo (Archer, 1997; J. A. Serpell & Paul, 2011). E para o Homem quais serão os benefícios? Considera-se que as pessoas beneficiam da presença dos animais e, em particular, dos animais de companhia. São reportados efeitos positivos na saúde física e psicológica, como por

exemplo a redução dos níveis de ansiedade e a facilitação da socialização (O'Haire, 2010) (ver mais no ponto sobre a perspectiva do Homem 1.3.1.1.).

- Hipótese do apoio social: reflexo de lacunas nas relações humanas?

Apesar de, por vezes, se considerar a possibilidade da associação entre a posse de animais e relações humanas com lacunas, acontece muitas vezes que quem tem ligações mais sustentadas e seguras com outras pessoas apresenta ligações também mais fortes com os seus animais. Não há, assim, evidências de que pessoas com mais dificuldade em estabelecer relações com outras pessoas apresentem uma ligação mais forte com os seus animais (Archer, 1997). Para além disso, verifica-se que a posse de animais continua a ser prevalente mesmo quando há muitas relações familiares, ou seja, este comportamento está mais relacionado com as diferentes culturas, tradições e crenças do que propriamente com o tamanho e ligação familiar ou não familiar (amigos, companheiros). Apesar disso, também é importante dizer que, no caso de uma tradição cultural particular, a existência de menos contactos sociais parece levar a uma acentuação da ligação com os animais (Archer, 1997; Podberscek et al., 2000; J. A. Serpell, 1996; J. A. Serpell & Paul, 2011).

Relativamente à hipótese do apoio social devemos ter em conta que a falta desse apoio leva, geralmente, a problemas físicos e, sobretudo, psicológicos. Neste sentido, a teoria propõe que um animal de companhia é, por si só, um apoio importante para as pessoas, mas também permite que haja uma maior facilidade nas interações sociais entre os seres humanos, na medida em que pode facilitar quer um primeiro contacto, quer a estimulação de uma conversa. Enquanto apoio por si mesmo, um animal de companhia destaca-se pela possibilidade de redução da solidão, pela sua disponibilidade constante e ausência de julgamentos, bem como pela sua entrega e amor incondicional (Guest, Collis, & McNicholas, 2006; Kruger & Serpell, 2006; O'Haire, 2010).

O apoio social deriva de três premissas principais: sentimento de ser cuidado por alguém, a crença de que o indivíduo é amado, estimado e valorizado, e a crença de que se está perante uma ligação recíproca. De modo complementar e explicativo, divide-se em diferentes componentes: (a) o apoio emocional, que se traduz na reciprocidade de transmissão de conforto em momentos mais ou menos difíceis; (b) a integração social, ou seja, o sentimento de aceitação num grupo; (c) estimulação da autoestima, através do *feedback* positivo de comportamentos e atitudes; (d) apoio informacional, prático e instrumental, isto é, o conhecimento da capacidade de prover assistência financeira e prática; (e) o apoio informacional, que consiste em guiar e aconselhar; e (f) a oportunidade de proteger e de nutrir, que implica a necessidade humana de se sentir útil (Collis & McNicholas, 1998). As pesquisas que têm vindo a ser feitas sobre o papel dos animais na vida das pessoas parecem encaixar nesta hipótese. De facto, os donos de animais mostram-se mais resilientes

face a situações stressantes, resultando em menos problemas de saúde no geral. Também a própria aquisição de um animal foi associada a melhorias nos estados mentais e físicos dos donos, apresentando uma tendência menor para responder exageradamente a estímulos stressantes. Estas associações entre a posse de animais e os efeitos benéficos na saúde do Homem são, assim, consistentes com a classificação destes como fonte de apoio social (Podberscek et al., 2000). No que diz respeito ao apoio emocional, os donos podem usufruir do fortalecimento da sua individualidade através da internalização de experiências positivas com os seus animais de estimação. Efetivamente, a interiorização do que o animal transmite durante estas experiências pode constituir um benefício aquando a necessidade de ultrapassar a solidão e tempos difíceis (T. Anderson et al., 2008; J. Serpell, 1996).

Contextos históricos como redução de sistemas de apoio social, fragmentação de famílias por necessidade de emigração, aumento das taxas de divórcio e diminuição do número médio de filhos podem ter contribuído para a necessidade de as pessoas se *apoiarem* nos animais e começarem a mantê-los mais perto de si. Com as melhorias a nível de saúde aí implicadas (ver ponto 1.3.1.1.), a possibilidade de sobrevivência do Homem parece ser aumentada (Podberscek et al., 2000). Apesar de atualmente se considerar que a presença de animais de companhia se encontra maioritariamente em contexto urbano, também é importante referir que as pessoas que vivem mais isoladas parecem depender mais deste apoio emocional não humano do que as outras (Siddiq & Habib, 2016).

- Facilitação social

No seguimento da hipótese anterior e visto que há uma influência direta na integração e estimulação social, sabe-se que também pode haver uma melhor resposta dos níveis de stress em contexto de interação social, fenómeno conhecido como *social buffering* (H. A. Herzog, 2014; J. A. Serpell & Paul, 2011). De facto, os efeitos do stress psicossocial afetam negativamente a nossa saúde, pelo que contrariar essa tendência pode aumentar a possibilidade de sobrevivência (O'Haire, 2010; J. A. Serpell & Paul, 2011).

O ser humano possui sistemas de perceção de deteção de movimentos de animais e é considerado, enquanto espécie, uma das mais sociais do reino animal (New et al., 2007). A nível bioquímico e hormonal sabe-se que a origem dos vínculos criados com outras espécies tem como base os mecanismos neuro-hormonais utilizados para estabelecer e desenvolver relações com outros seres humanos. Ou seja, todas as ligações que desenvolvemos com os nossos animais vão estimular e maximizar a capacidade de estabelecimento de relações sociais com outras pessoas, por

intermédio da libertação de oxitocina (Beetz, Uvnäs-Moberg, Julius, & Kotrschal, 2012). Inclusive sabe-se que os polimorfismos no gene OXTR de espécies caninas medeiam, através da oxitocina, comportamentos que sejam dirigidos ao Homem, especificamente com os donos; ou seja, concluiu-se que o comportamento social dos cães para os humanos, tal como na nossa espécie, é regulado pelo sistema da oxitocina (associado a capacidades sociocognitivas). Os autores acreditam que tal se deve ao facto de os cães terem vivido e evoluído na presença do Homem e em ambiente por este influenciado durante milhares de anos (Kis et al., 2014). Hare e Tomasello (2005) acreditam, assim, que a facilidade de comunicação entre *Canis familiaris* e *Homo sapiens* se deve ao fenómeno de evolução convergente, que parece ter oferecido às espécies caninas capacidades comunicativas perceptíveis pelas humanas.

- Sinal de capacidades parentais e desenvolvimento de empatia

A seleção natural favorece a evolução de características e comportamentos que promovam as capacidades parentais do ser humano, visto que estas têm impacto na sobrevivência e no sucesso reprodutivo da descendência (Silk, 1990). A aquisição destas capacidades parece ser fomentada, por exemplo, pelos fenómenos de *cross-species adoption*, bem como pela *cooperative breeding* (já desenvolvidos no ponto sobre a origem evolutiva). Esta cooperação, partilha e comportamento altruísta são espontâneos e comuns em muitos primatas, representando vantagens como a aprendizagem comunicativa e social, a beneficiação da competência de ensinar e da resolução de problemas, bem como o desenvolvimento da tolerância. Se considerarmos que a posse de animais de companhia se insere nestes fenómenos, então tais fatores constituem bons contributos para o desenvolvimento de capacidades parentais, que ofereçam melhores oportunidades para educar uma criança (Burkart et al., 2009). Os pontos aqui desenvolvidos também levam, além do desenvolvimento de capacidades parentais, a uma facilitação do desenvolvimento da empatia e posterior facilitação da participação social. Estes estão relacionados e o desenvolvimento de uma das capacidades contribui para o desenvolvimento da outra, de forma recíproca. Consequentemente, juntas podem também contribuir para o sucesso reprodutivo (Amiot et al., 2016).

Efetivamente, muitos dos donos veem a relação que estabelecem com o animal tal como a que estabelecem com crianças: a forma de abordagem, tal como pegar ao colo, o uso de nomes carinhosos, as brincadeiras e *baby-talking* são demonstradores disso mesmo. Alguns dos estudos tendem a afirmar que os animais cumprem os papéis infantis no seio das famílias e, de facto, verifica-se que muitos dos donos de animais afirmam olhar para estes como se fossem crianças e muitos sentem-se mais próximos dos animais do que de outros membros da família (Barker & Barker, 1988;

Rehn & Keeling, 2016). Por outro lado e/ou em simultâneo, também existe quem tenha os animais como uma forma de substituição de um parente ou companheiro. Isto é, são vistos como uma fonte de segurança, da mesma forma que as crianças têm na figura parental essa mesma fonte de segurança. Os animais podem corresponder, assim, a uma companhia de substituição ou à substituição de uma figura parental (Rehn & Keeling, 2016).

Considera-se que os animais, de forma geral, partilham características físicas com os bebés ou crianças humanas, como por exemplo os olhos de tamanho grande ou as feições suaves e delicadas. O ser humano é, de forma inata, atraído por este tipo de características, que despoletam uma resposta de necessidade de prestação de cuidados – *cute response* (Amiot et al., 2016; J. A. Serpell & Paul, 2011). De acordo com esta ideia, é este mecanismo que nos ajuda a cuidar da nossa descendência, e como esta resposta se mostra tão intensa, alarga-se para outras espécies. Sendo assim, é devido às características infantis dos animais que o Homem apresenta uma tendência inata em cuidar e sentir empatia pelos mesmos. Numa perspetiva evolutiva, como a *cute response* reflete prováveis capacidades parentais, pensa-se que poderá ter sido selecionada naturalmente (Amiot et al., 2016; Archer, 1997; J. A. Serpell, 2003).

1.2.3 A fusão das teorias

Sendo assim, com base nas teorias desenvolvidas, encontramos algumas explicações quer para a motivação intrínseca que leva a este comportamento de ter animais de companhia, quer para a tolerância, aceitação e integração desses animais mesmo após o estágio juvenil de dependência (J. A. Serpell, 2003). De facto, a nível histórico a relação Homem-animal caracterizava-se por fatores mais instrumentais mas, tal como nós evoluímos e começámos a apresentar outro tipo de necessidades, essa relação evoluiu connosco e tornou-se mais emocional. A persistência do comportamento implica investimento, cuidados e socialização com os animais e as teorias biológicas não conseguem, por si só, explicar esta evolução. Contudo, a fusão destas teorias com a predisposição inata do ser humano em atentar nos animais, o antropomorfismo, as características (alo)parentais e a transmissão/aprendizagem social, conseguiram criar uma força evolutiva que permaneceu ao longo da história, mantendo os animais de companhia por perto.

Para além disso, também existe uma teoria que, apesar de não ter evidências biológicas, é de simples compreensão: as pessoas têm os animais de companhia pela mesma razão que usam casacos quando está frio: ao fazê-lo protegem e promovem a sua própria saúde e qualidade de vida (Amiot et al., 2016; O’Haire, 2010; J. A. Serpell, 2003).

1.3 Caracterização da relação Homem-animal

A intensidade atual da ligação estabelecida entre o Homem e os animais pode ser ilustrada por diversos acontecimentos, tais como: o envolvimento do sistema jurídico em questões relacionadas com a custódia de animais; as ofertas de recompensas monetárias aquando a perda de um animal; o investimento de grande valor em cuidados de saúde, alimentação e mesmo presentes (Archer, 1997; H. A. Herzog, 2014); as fotografias com os animais publicadas nas redes sociais, os seguros médicos e os investimentos, quer de teor financeiro quer de tempo disponibilizado (Siddiq & Habib, 2016); histórias insólitas como a de um cão ser escolhido como padrinho de casamento (Hickrod & Schmitt, 1982); posse de animais de estimação por muitas famílias e a prosperidade económica na indústria relativa aos animais de companhia (O'Haire, 2010).

De acordo com a definição considerada, os animais de estimação têm-se tornado uma característica ubíqua da vida familiar, sendo que a grande maioria dos donos de animais considera que estes são um membro da família e tão importantes como os outros membros. Este “estatuto familiar” pode ser comprovado, por exemplo, pelo facto de muitas das pessoas permitirem que eles durmam nas suas camas e pela oferta de presentes ou celebração de aniversário (H. A. Herzog, 2014; O'Haire, 2010; J. A. Serpell & Paul, 2011). Também a experiência da perda de um animal é, muitas vezes, comparada à perda de uma pessoa próxima no que diz respeito ao comportamento de luto (McNicholas et al., 2005) e a força da ligação foi, inclusive, medida através da análise das reações dos donos à perda dos animais (Archer, 1997; Bowlby, 1977; Gerwolls & Labott, 1994).

A divulgação atual de diversas pesquisas científicas acerca dos benefícios dos animais na saúde do Homem, quer a nível físico, quer a nível mental (Beetz et al., 2012; H. A. Herzog, 2014; McNicholas et al., 2005; D. Wells, 2011; D. L. Wells, 2009), e também algumas notícias divulgadas nos meios sociais demonstram o investimento científico na temática. As publicações de estudos recentes mostram resultados promissores acerca da influência que os animais de companhia podem ter no desenvolvimento das crianças, adolescentes, e mesmo na qualidade de vida de pessoas com condições de debilidade mental (Brooks et al., 2018; Hawkins, Williams, & Scottish Society For The Prevention Of Cruelty To Animals Scottish Spca, 2017; Purewal et al., 2017). Os animais podem ser benéficos para a saúde dos donos, promovendo o bem-estar a nível psicológico, físico e aumentando a longevidade (O'Haire, 2010).

Como já vimos, os animais estão presentes na vida do Homem há milhares de anos, mas as relações estabelecidas entre os dois podem ser diversas. Por um lado, os animais podem ter um interesse funcional, por exemplo na moda (peles), medicina, farmácia e cosmética (testes) e mesmo na alimentação humana. Por outro, a relação com os animais de companhia insere-se no âmbito

social: as pessoas atribuem, por exemplo, estatutos familiares e mesmo emoções aos seus animais (Amiot et al., 2016; Podberscek et al., 2000; J. A. Serpell & Paul, 2011). Mas por que motivo esta temática é de tanta importância? Tal como aprendemos em crianças quando ouvimos a história do Principezinho, são as relações sociais que permitem o encontro da verdadeira ligação que estabelecemos com os outros, independentemente de serem ou não da mesma espécie. Esta conexão e o sentido de identidade e responsabilidade com outras vidas são fatores contribuidores para a nossa evolução. O ser humano não evoluiu isolado de interações com indivíduos da mesma ou de outras espécies, aliás, a sua sobrevivência dependeu das espécies não humanas durante grande parte da História, pelo que os animais foram grandes influenciadores na identidade, na cultura e na psicologia humana (Beetz et al., 2012; Podberscek et al., 2000).

Dadas as evidências atuais da relação Homem-animal, sabe-se que esta tem consequências físicas e psicológicas, quer para o Homem quer para os próprios animais. Efetivamente, de forma genérica costuma considerar-se que os animais de companhia trazem efeitos benéficos para a nossa saúde, mas a compreensão da forma como esses efeitos chegam até nós nem sempre é referida. Além disso, também é importante ter presente a noção dos possíveis aspetos negativos da relação, bem como a perspetiva dos animais – esta nem sempre é desenvolvida e pode passar despercebida. Deste modo, a caracterização feita de seguida dividir-se-á nestas duas perspetivas: a do Homem e a dos animais, desenvolvendo as questões de realce do impacto da relação em ambos os intervenientes (Amiot et al., 2016; H. A. Herzog, 2014).

1.3.1 A perspetiva do Homem

1.3.1.1 Benefícios

No que diz respeito às vantagens para a saúde do Homem os efeitos mais perceptíveis são os de curto prazo, ou seja, os que duram alguns segundos ou minutos após a interação com os animais de companhia.

Entre eles temos uma redução dos batimentos cardíacos e da pressão sanguínea e a moderação dos níveis gerais de stress e ansiedade (D. L. Wells, 2009). As respostas fisiológicas a um stressor são diminuídas (Amiot et al., 2016; DeSchraver & Riddick, 1990; Purewal et al., 2017; D. L. Wells, 2005) e a solidão e sintomas depressivos podem ser atenuados (Amiot et al., 2016; Jessen, Cardiello, & Baun, 1996).

Efetivamente, verifica-se que efeitos como a promoção da sensação de bem-estar, de utilidade e também a estimulação de conversações entre as pessoas acontecem mais facilmente

aquando a presença de um animal (McMillan, 2008; O'Haire, 2010; Stallones, Marx, Garrity, & Johnson, 1990; D. Wells, 2011; D. L. Wells, 2009). Também a autoestima dos donos de animais pode ser favorecida, assim como o bom humor, os pensamentos positivos e maior satisfação geral com a vida (P. Anderson, 2003; H. A. Herzog, 2014).

A estimulação do sentido de cuidar, de responsabilidade e capacidades de socialização, sobretudo nas crianças, parece acontecer mais facilmente na presença de um animal de companhia. Parece ocorrer um efeito catalisador social, devido a uma percepção mais positiva que as pessoas adquirem de si mesmas e dos outros, com o favorecimento da empatia e da confiança (Beetz et al., 2012; Purewal et al., 2017). O contacto social é benéfico enquanto fator inibidor do próprio isolamento social e de alívio do sentimento de solidão, permitindo assim uma maior sensação de bem-estar. Isto leva-nos a uma questão relevante, que é a percepção que cada indivíduo tem da sua própria saúde e do seu próprio bem-estar. Ou seja, o facto de existir uma facilitação social, o apoio social fornecido pelos animais, bem como a interação propriamente dita com estes, leva a que a pessoa se sinta melhor e com mais saúde, mesmo que fisicamente não seja possível comprová-lo. É de destacar a hipótese do apoio social não humano que, apesar de não constituir uma substituição do apoio social humano, pode ter vantagens, como a inexistência de conflitos de interesses e de julgamentos (Amiot et al., 2016; McNicholas et al., 2005). Em circunstâncias de vida mais difíceis de ultrapassar ou em casos de crises de doenças mentais os animais parecem ter um grande papel como impulsionadores de sentimento de calma, de melhoria de sintomas e de recuperação. Os donos costumam relatar que os seus animais constituem um grande apoio e motivação nesses momentos (Brooks et al., 2018) e a participação ativa destes doentes psiquiátricos em consultas ou grupos de apoio também foi estimulada (Beck, Seraydarian, & Hunter, 1986).

Também é de referir a transmissão do sentimento de segurança que advém do vínculo criado com os animais e que permite que as pessoas se sintam mais confiantes e seguras (Amiot et al., 2016; Brooks et al., 2018; McNicholas et al., 2005).

Reportou-se, inclusive, que a interação com animais pode influenciar vários aspetos do desenvolvimento humano: sejam eles emocionais, sociais, comportamentais, cognitivos ou educacionais. De destaque temos as melhorias na atenção social, na atitude e relações interpessoais (com motivação de participação e integração social), menos casos de relatos de medo ou ansiedade perante contextos stressantes, incluindo diminuição dos níveis de cortisol e a possibilidade de promoção da concentração e capacidade cognitiva (esta última sobretudo nas crianças) (Beetz et al., 2012; Purewal et al., 2017). No caso específico de pessoas com doenças mentais (como a esquizofrenia ou bipolaridade), que fazem parte dos grupos com maior dificuldade de inclusão social,

os benefícios são animadores: verifica-se uma maior facilidade de integração social e de comunicação, sobretudo devido à sensação de apoio emocional e social criada pela companhia e interação com os animais (Brooks et al., 2018).

Além disso, a percepção que os outros têm de alguém que cuida de um animal é, geralmente, favorecida, visto que há uma demonstração das capacidades referidas (H. A. Herzog, 2014; J. A. Serpell & Paul, 2011).

A longo prazo verificou-se, num dos primeiros estudos científicos acerca do tema, que entre os pacientes que receberam tratamento após ataque cardíaco os que tinham um cão como animal de companhia apresentaram uma taxa de mortalidade menor do que os que não tinham animais (Amiot et al., 2016; Friedmann, Katcher, Lynch, & Thomas, 1980). Também se apurou que os donos de cães costumam ter menor necessidade de ir ao médico e que, após aquisição do animal, apresentam com menos frequência problemas como dores de cabeça, alergias, constipações e tonturas (D. Wells, 2011).

1.3.1.2 Relação custo-benefício?

Contudo, existe alguma contradição quanto a alguns dos benefícios anteriormente referidos (ver por exemplo Amiot et al., 2016; H. A. Herzog, 2014; Podberscek et al., 2000). A título exemplificativo, relativamente à redução do sentimento de solidão, considera-se que as pessoas experienciam um ciclo vicioso entre a presença do animal e essa mesma solidão; também se indicou uma associação com mais casos de estados depressivos, ansiedade, fadiga e insónia; e no que diz respeito à taxa de sobrevivência após um ataque cardíaco também já foi reportado que uma maior percentagem das pessoas com animais apresentou remissão no primeiro ano, contra uma menor percentagem das pessoas sem animais.

Além dos custos financeiros que ter um animal implica, também se deve ter em conta os custos emocionais e os que se aplicam na sociedade. Os emocionais envolvem os conflitos com familiares ou vizinhos devido a mau comportamento dos animais (Amiot et al., 2016; H. A. Herzog, 2014), assim como o luto e períodos de tristeza quando estão doentes ou devido à sua morte. De facto, a carga emocional e o impacto psicológico sentidos aquando a morte de um animal podem prolongar-se durante muito tempo e marcar intensamente a vida das pessoas. Sabe-se que os primeiros tempos com os animais são, geralmente, os mais difíceis devido à necessidade de adaptação de hábitos, mas também se consideram os mais importantes enquanto investimento para um futuro com uma ligação afetiva mais forte, maior percepção de companhia e de apoio social (Brooks et al., 2018).

No que diz respeito à sociedade, os acidentes com animais são frequentes, e há regularmente pessoas que são mordidas e precisam de cuidados médicos. Além disso, constituem uma fonte de possíveis alergias e de zoonoses, tais como infecções fúngicas, infecções por *Giardia* ou *E.Coli*, doença de *Lyme*, leptospirose e toxoplasmose (Archer, 1997; H. A. Herzog, 2014; Purewal et al., 2017; J. A. Serpell & Paul, 2011).

Porém, muitas zoonoses são evitáveis com a adoção de comportamentos como lavar as mãos após tocar nos animais e impedir que estes durmam nas nossas camas e também já foi indicado que a presença de animais durante a infância pode reduzir o risco de desenvolvimento de reações alérgicas (Amiot et al., 2016; D. L. Wells, 2009).

Deste modo, pode inferir-se que o estudo da associação entre o Homem e os animais apresenta algumas discrepâncias: podem existir efeitos distintos consoante os fatores que moderam esses efeitos, determinando então se estes são positivos, negativos ou mesmo nulos. Entre eles temos o contexto e condições de vida em que as pessoas estão inseridas (Amiot et al., 2016), que animal é considerado, quantos animais (Brooks et al., 2018) e a natureza e força da ligação estabelecida. Estes podem marcar mais a diferença, seja de forma positiva ou negativa, consoante o momento da vida no qual a pessoa o adquiriu e o respetivo estado de saúde, e consoante o acesso a apoios sociais. Por exemplo, em termos de idade, os efeitos mais perceptíveis acontecem com as crianças e com os idosos; e relativamente a contextos, as pessoas que vivem sozinhas são geralmente mais beneficiadas (Amiot et al., 2016; D. L. Wells, 2009).

1.3.1.3 Razões que levam as pessoas a ter animais

A aquisição de animais de companhia tem vindo a ser associada a diversos fatores, sejam eles objetivos ou subjetivos.

No que diz respeito aos fatores objetivos identificaram-se os de índole demográfica, de caracterização pessoal, familiar e habitacional. Entre eles estão o sexo (Downes, Canty, & More, 2009; Endenburg, Hart, & de Vries, 1990; Leslie et al., 1994; Murray, Browne, Roberts, Whitmarsh, & Gruffydd-Jones, 2010; Poresky & Daniels, 1998) a idade (Downes et al., 2009; Endenburg et al., 1990; Martins et al., 2013; Marx, Stallones, Garrity, & Johnson, 1988; Murray et al., 2010; Odendall, 1994; Poresky & Daniels, 1998), o estado civil, as habilitações literárias, a profissão (Downes et al., 2009; Marx et al., 1988; Poresky & Daniels, 1998), a classe social (Martins et al., 2013), a composição do agregado familiar, tendo em conta o número de pessoas e presença de crianças (Downes et al., 2009; Endenburg et al., 1990; Leslie et al., 1994; Marx et al., 1988; Murray et al., 2010; Poresky &

Daniels, 1998), o rendimento familiar (Endenburg et al., 1990; Martins et al., 2013; Marx et al., 1988), a localização da habitação: área urbana ou não urbana (Downes et al., 2009; Marx et al., 1988; Murray et al., 2010; Poresky & Daniels, 1998), a estrutura habitacional: tipo de habitação e respetivo tamanho (Downes et al., 2009; Endenburg et al., 1990; Leslie et al., 1994; Murray et al., 2010; Poresky & Daniels, 1998) e a presença de outros animais (Downes et al., 2009; Murray et al., 2010). A título exemplificativo, verifica-se maioritariamente que quem vive em apartamentos tende a ter menos animais de companhia relativamente às moradias; no que diz respeito ao agregado familiar sabe-se que a presença de crianças pode influenciar positivamente a aquisição de um cão ou de um gato e que o tamanho da família apresenta muitas vezes uma correlação positiva com a presença destes animais (Downes et al., 2009; Poresky & Daniels, 1998; Siddiq & Habib, 2016), assim como o rendimento familiar (Martins et al., 2013). Em zonas urbanas e semiurbanas a percentagem de aquisição considera-se geralmente mais elevada do que em regiões rurais (nas quais predominam animais com funções específicas, como pecuária. É fundamental realçar que todos estes dados podem apresentar disparidades de acordo com o país ou região em estudo (Siddiq & Habib, 2016).

Por outro lado, a nível mais subjetivo, a razão maioritariamente apontada pelos donos para a posse de animais é a companhia e, de facto, os donos afirmam tratar os animais como um membro efetivo da família. Contudo, nalguns casos as pessoas passam grande parte do seu dia a trabalhar, a socializar com outras pessoas e a dormir, pelo que o tempo que resta para interagir com os seus animais de companhia é muitas vezes escasso, o que leva ao desvanecimento desse conceito (Siddiq & Habib, 2016).

Outras das razões já identificadas pelos donos para manter os seus animais (ver tabela) podem agrupar-se em duas categorias principais: emocionais e funcionais (primeira coluna da tabela). As emocionais incluem fatores como a companhia, a felicidade, a saúde mental ou apoio emocional e a promoção do sentido de responsabilidade. Cada um destes pode ainda subdividir-se noutros motivos mais específicos (ver coluna “Exploração do fator”). Os fatores funcionais prendem-se com contextos de proteção de propriedade, variáveis de desporto e valor da raça (T. Anderson et al., 2008; Leslie et al., 1994).

Tabela 1.1 – Classificação dos fatores que levam as pessoas a ter animais: fatores emocionais vs. funcionais (adaptada de (T. Anderson et al., 2008; Leslie et al., 1994)

CLASSIFICAÇÃO DO FATOR	FATOR	EXPLORAÇÃO DO FATOR
EMOCIONAIS	Companhia	<ul style="list-style-type: none"> • Evitar solidão • Entretenimento • Ter alguém que cumprimente na chegada a casa • Interação/Relação recíproca
	Felicidade	<ul style="list-style-type: none"> • Amizade • Amor • Afeto • Realização pessoal
	Saúde mental e apoio emocional	<ul style="list-style-type: none"> • Influência positiva no bem-estar mental/emocional • Contribuição positiva para ultrapassar momentos mais difíceis • Benefício para o crescimento das crianças/para alguém específico da família • Sentimento de segurança
	Sentido de utilidade e de responsabilidade	<ul style="list-style-type: none"> • Ter alguém para cuidar • Acolhimento de animais abandonados • Outras pessoas não podiam ficar com eles
	Facilitador social	<ul style="list-style-type: none"> • Contribui para conhecer outras pessoas • Facilita a interação com outras pessoas
	Família	<ul style="list-style-type: none"> • A pedido dos filhos • Companhia e/ou benefício para as crianças • Complemento familiar

		<ul style="list-style-type: none"> • Tradição familiar
FUNCIONAIS	Utilitários/Proteção	<ul style="list-style-type: none"> • Colmatar incapacidade (ex: invisuais) • Proteção da propriedade • Segurança
	Passatempo	<ul style="list-style-type: none"> • Motivos ornamentais/beleza do animal • Passatempo propriamente dito • Desporto/Caça • Estímulo para exercício físico
	Outros	<ul style="list-style-type: none"> • Ofertas • Valor da raça (apreciação própria) • Mostrar valor/valor do animal enquanto peça de propriedade • Mantém por/para outras pessoas

Na decisão de ter um animal também podem estar implicadas as razões referidas pelos donos para não o fazer, sejam elas pragmáticas ou emocionais. No que diz respeito às razões pragmáticas e de conveniência, podem referir-se motivos como a proibição de ter um animal na habitação (exemplo: alguns apartamentos) ou poucas condições na mesma, como a falta de espaço; os custos financeiros associados, a possibilidade de transmissão de doenças;; limitações físicas que não permitem ter e cuidar, bem como problemas alérgicos; aspetos negativos dos animais tais como o comportamento (estragar artigos pessoais, por exemplo) ou a higiene. Dentro dos motivos emocionais temos: a apreensão aquando a necessidade da ausência da habitação pelos donos; a preocupação em caso de perda, seja do animal (processo de luto ser doloroso e difícil), seja dos donos (necessidade de arranjar uma nova família para o animal); dor anterior de perda de um animal (Chur-Hansen, Winefield, & Beckwith, 2008; Leslie et al., 1994).

A maioria das investigações assenta no estudo dos fatores que levam as pessoas a ter animais, que fatores propiciam e fazem com que seja mais provável determinadas características sociais/demográficas estarem associadas à posse de um animal. Mas a avaliação dos fatores psicológicos e motivacionais importantes na determinação/decisão da posse (ou não) de animais não é desenvolvida e pode ser prevalente segundo as teorias explicativas já desenvolvidas.

1.3.2 A perspetiva dos animais

E os animais, será que também beneficiam? Quais serão as desvantagens? A literatura tem vindo a focar-se mais nos efeitos na saúde do Homem, mas a garantia do bem-estar dos animais é essencial, quer do ponto de vista biológico, quer do ponto de vista ético (Odendaal & Lehmann, 2000; J. A. Serpell, 2003)

Muitos dos animais de companhia, sobretudo os cães, têm vindo a sofrer mudanças físicas devido à seleção de características específicas pelo Homem, através da criação e cruzamento de espécies. As nossas perceções antropomórficas levam a que estes cruzamentos sejam feitos apenas com base nas características desejadas, sem ter em conta as implicações genéticas aí envolvidas: a variabilidade genética específica de cada raça começa a ser bastante reduzida. De facto, associado a isto cada vez surgem mais problemas de saúde dos animais, tais como problemas ósseos, tamanho dos membros não adequado, problemas respiratórios, cardíacos e tempo de vida mais curto.

As alterações meramente estéticas (cortes de pelo, utilização de roupas) inserem-se noutra categoria, pois considera-se pouco provável que os animais sofram consequências com essas transformações. Já a remoção cirúrgica das suas unhas, a esterilização ou o corte das penas de voo das aves são discutíveis (J. A. Serpell, 2003), pois numa perspetiva evolutiva poderiam diminuir o seu sucesso reprodutivo.

Além disso, o contacto permanente com o Homem leva a alterações comportamentais significativas. Efetivamente, apesar de o Homem afirmar que a principal razão para ter animais é a companhia e considerá-la benéfica para si, podemos ter aqui duas abordagens: as pessoas passam muitas horas no trabalho e parte das restantes horas do dia a dormir, pelo que o fator da companhia acaba por perder a sua identidade e o animal acaba por ficar sozinho; muitas vezes os animais encontram-se sem a companhia de indivíduos da mesma espécie e, portanto, o seu único contacto social é com o Homem, gerando alterações comportamentais e promovendo a ansiedade quando se encontram sozinhos (J. A. Serpell, 2003; Siddiq & Habib, 2016);

Contudo, o vínculo criado com o Homem também parece trazer benefícios para os animais: tal como o Homem consegue ver no animal uma figura representativa de segurança e de apoio, o mesmo é válido do animal para o Homem. O ato de acariciar os animais origina uma diminuição da frequência cardíaca dos mesmos e quanto mais saudável e frequente for a interação com os donos, menores níveis de cortisol os cães apresentam (Amiot et al., 2016).

Um dos indicadores fisiológicos dos efeitos positivos da interação Homem-animal é o neurotransmissor feniletilamina. Odendaal e Lehmann (2000) descobriram que, perante interação positiva entre Homem e cães há um aumento significativo dos catabolitos do neurotransmissor (que

provam a sua produção) em ambos os participantes. Ou seja, os animais experienciaram a mesma reação fisiológica do Homem, promovendo o seu bem-estar. Também os níveis de oxitocina, dopamina e endorfina aumentam, quer nos animais quer no Homem (Amiot et al., 2016).

1.3.3 Os objetivos investigados e os métodos já utilizados (pesquisa bibliográfica)

Os objetivos das investigações feitas no âmbito desta relação debruçaram-se sobre a obtenção de números de animais de companhia ou percentagens de lares com os mesmos numa determinada região (país ou cidade), sobretudo cães e gatos (Downes et al., 2009; Martins et al., 2013; Murray et al., 2010; Perrin, 2009; Ramón, Slater, & Ward, 2010; Slater et al., 2008) ou incluindo mais espécies como roedores, aves e peixes de água fria ou salgada (Endenburg et al., 1990; Odendall, 1994; Toribio et al., 2009); identificação de fatores demográficos associados à posse de animais de companhia (Downes et al., 2009; Martins et al., 2013; Marx et al., 1988; Murray et al., 2010; Odendall, 1994; Ramón et al., 2010), entre eles os de caracterização pessoal, familiar e habitacional; a caracterização dos próprios animais de companhia (idade, macho ou fêmea, raça, esterilização, fonte de aquisição), assim como a identificação das condições em que os animais estavam inseridos (por exemplo acesso ao exterior, despesas veterinárias) (Downes et al., 2009; Perrin, 2009; Ramón et al., 2010; Slater et al., 2008; Toribio et al., 2009); exploração das razões que levam as pessoas a ter os animais (T. Anderson et al., 2008; Chur-Hansen et al., 2008; Leslie et al., 1994), bem como a exploração dos motivos que justificam não ter animais (Chur-Hansen et al., 2008; Leslie et al., 1994). O comportamento perante os animais abandonados foi abordado apenas num dos artigos encontrados (Ramón et al., 2010).

As regiões já cobertas por este tipo de pesquisa são a Colômbia (Marx et al., 1988), os Países Baixos (Endenburg et al., 1990), Ontário (Leslie et al., 1994) e Canadá em geral (Perrin, 2009), África do Sul (Odendall, 1994), Província Teramo em Itália (Slater et al., 2008), Sidney (Toribio et al., 2009), Irlanda (Downes et al., 2009), Texas (Ramón et al., 2010), Reino Unido (Murray et al., 2010) e Paraná, no Brasil (Martins et al., 2013).

Relativamente aos métodos utilizados para obter estas informações foram feitos, essencialmente, inquéritos e entrevistas. Os primeiros realizaram-se em diferentes modalidades: maioritariamente foram feitos inquéritos aleatórios por telefone (Downes et al., 2009; Marx et al., 1988; Murray et al., 2010; Ramón et al., 2010; Slater et al., 2008); seguidos do método porta a porta (Martins et al., 2013; Odendall, 1994) ou dirigidos a uma amostra de população específica (T. Anderson et al., 2008); online para a população em geral (Perrin, 2009); por correio eletrónico (Leslie et al., 1994) ou ainda enviados pelo correio postal (Endenburg et al., 1990; Toribio et al., 2009). As

entrevistas serviram essencialmente para exploração dos motivos subjetivos para ter ou não ter animais (Chur-Hansen et al., 2008).

Outros dados mais recentes assentam apenas em estudos de mercado e não em artigos ou publicações científicas. Entre eles temos dados do ano de 2012 para os Estados Unidos, fornecidos pela *American Veterinary Medical Association* (Dehaven, 2012), bem detalhados acerca das espécies encontradas enquanto animais de companhia nos lares da região. Pelos Censos da American Pet Products Association sabe-se a percentagem de lares com animais, os números absolutos e de que animais estamos a falar, assim como os hábitos dos donos com estes (Pet Products American Association, 2017). Através da Growth from Knowledge (Knowledge, 2016) existem dados percentuais sobre a população de animais em 22 países e respetiva comparação, incluindo a especificação de quais os animais preferidos pelas populações. A nível nacional o Grupo Marktest, pelo estudo Target Group Index, diz-nos que em 2016 5.4 milhões de portugueses - 63.1% da população - tinha animais de estimação no seu lar (Grupo Marktest, 2017). Estes valores correspondem a cerca de 2 milhões de residências com pelo menos um animal de companhia: 38.8% das residências continentais tinham pelo menos um cão e 28.4% pelo menos um gato. No ranking dos países europeus, o nosso país encontra-se na 12ª posição, sendo o pódio ocupado pela Rússia, França e Itália, que possuem maior número de animais de estimação. De facto, num panorama mais global e através de inquéritos *online* em 2015, concluiu-se que os países que apresentam maior percentagem da população com animais de companhia são a Argentina, o México e o Brasil, nos quais os cães são os mais populares, enquanto a população asiática tem uma tendência menor para este comportamento. Os gatos são os preferidos na Rússia, França e EUA; enquanto os peixes são os mais populares na China e as aves as favoritas entre os turcos. (Knowledge, 2016).

1.3.4 Como foi feita a *avaliação* desta relação e respetivos efeitos?

A avaliação desta relação consiste numa abordagem já mais complexa e por vezes subjetiva, pelo que foram desenvolvidas escalas que permitissem avaliar a intensidade da ligação Homem-animal de companhia. Entre elas:

- *Pet Attachment Scale* (in D. C. Anderson, 2007; Holcomb, Richards, & Williams, 1985) Questionário sobre a ligação/vínculo entre os donos e os animais, fornecendo uma abordagem generalizada acerca do conceito de ter animais de companhia.
- *Companion Animal Bonding Scale* avalia a qualidade da relação entre os donos e os animais tendo em conta o tipo de interação verificada e respetiva frequência (Poresky, Hendrix, Mosier, & Samuelson, 1987).

- *Pet Relationship Scale*: permite uma descrição mais detalhada sobre os comportamentos ou atividades que os donos têm com os seus animais, bem como a identificação de padrões da relação e a noção que as pessoas têm acerca das possíveis mudanças na relação com os seus animais (como a sua perda) (Lago, Kafer, Delaney, & Connell, 1988).
- *Comfort from Companion Animals Scale* permite obter informação acerca dos sentimentos que as pessoas experienciam quando estão com os seus animais (Zasloff, 1996).
- *Children's Attitudes and Behaviors towards Animals e Children's Treatment of Animals Questionnaire*, que exploram os comportamentos das crianças perante os animais (in D. C. Anderson, 2007).
- *Dog Attachment Questionnaire*: aborda a importância do animal na vida da pessoa, a perceção acerca da segurança transmitida pelo animal, os comportamentos/atitude perante o animal e as reações aquando a ausência do animal (ausência temporária, se estiver perdido ou em caso de morte). Apesar de estar dirigido a cães também pode ser aplicado a outros animais (Archer & Ireland, 2011).
- Por último, também a adaptação sofrida pelos donos de animais aquando a morte destes já foi avaliada, abordando fatores como sentimentos, pensamentos e mesmo sintomas físicos experienciados no período de luto (Gerwolls & Labott, 1994).

As investigações realizadas acerca da relação propriamente dita do Homem com os animais de companhia e os efeitos na saúde podem ser generalistas, ou seja, sem especificação do animal envolvido, ou mais específicas, com indicação das espécies abrangidas.

Dentro dos estudos generalistas temos pesquisas acerca dos efeitos psicofisiológicos da presença e da interação com animais de companhia no geral, bem como uma abordagem do impacto na saúde como um todo e bem estar psicológico (Amiot et al., 2016; Beetz et al., 2012; H. Herzog, 2011; J. A. Serpell, 1996; C. C. Wilson, 1998). De facto, verificam-se benefícios na qualidade de vida geral dos donos de animais, mas, em simultâneo, também foram feitas abordagens mais críticas, apontando possíveis efeitos negativos (Amiot et al., 2016; J. Serpell, 1996). Também existem revisões acerca da influência dos animais em casos particulares como as debilidades mentais, reportando-se efeitos positivos em momentos de crise (Brooks et al., 2018); ou a influência no desenvolvimento das crianças e adolescentes (Purewal et al., 2017).

A intensidade da ligação do Homem com os cães foi avaliada de diferentes formas (Barker & Barker, 1988; Butler & Bingham, 2000; Rehn & Keeling, 2016) e também os efeitos da interação entre

eles foram estudados (Baun, Bergstrom, Langston, & Thoma, 1984; Odendaal & Lehmann, 2000). Por vezes apenas são incluídos os gatos (Ramón et al., 2010; Toribio et al., 2009) e alguns dos estudos englobam os cães e os gatos simultaneamente, quer de acordo com a primeira abordagem referida (J. A. Serpell, 1996; Zasloff, 1996), quer de acordo com a segunda abordagem (Murray et al., 2010; Somerville et al., 2008).

Friedmann (1980) debruçou-se sobre o papel dos animais de companhia na recuperação de vítimas de ataque cardíaco e separou os dados em dois grupos: o dos cães e o de outros animais (sendo ambos igualmente significativos, com efeitos positivos).

Além disso, investigou-se a ligação das crianças aos animais, incluindo cães, gatos, pequenos mamíferos, peixes, répteis e anfíbios (estes últimos três em conjunto), aves, entre outros (não nomeados) (Hawkins et al., 2017).

Relativamente a aves investigou-se o efeito da sua companhia em casos de solidão e depressão num lar de idosos, com atenuação dos sintomas (Jessen et al., 1996), bem como a influência da sua presença em doentes psiquiátricos num ambiente hospitalar (Beck et al., 1986). Também foram realizados inquéritos a pessoas com papagaios, de forma a tentar compreender a influência destes na qualidade de vida dos donos (P. Anderson, 2003). Relativamente a peixes foi feito um estudo de comparação dos efeitos da visualização de um aquário com os mesmos, um vídeo de peixes e um vídeo placebo no relaxamento em idosos (DeSchrive & Riddick, 1990), sendo que o vídeo de peixes mostrou um maior impacto na redução do stress do que a observação do aquário ou o vídeo placebo.

Para além disso, os efeitos fisiológicos da visualização de vídeos de aves, de peixes ou de primatas na resposta cardiovascular a um stressor mostraram efeitos redutores nas respostas ao stress psicológico, com moderação dos níveis de ansiedade (D. L. Wells, 2005).

1.4 Motivação

A maioria dos estudos, quer de avaliação de dados absolutos quer de avaliação da relação Homem-animal, debruça-se sobre os cães e os gatos, que são os animais mais frequentemente presentes nos lares. As informações acerca de outros animais como as aves e os peixes são escassas e não costumam constituir uma prioridade neste tipo de investigações. Contudo, já foi possível verificar algumas das suas potencialidades enquanto animais de companhia, o que traduz uma necessidade de investimento e exploração neste sentido. Além disso, apesar do vínculo emocional Homem-cão e Homem-gato ser mais manifestado e os benefícios consequentes mais evidentes,

também é importante compreender que tipo de ligação os donos estabelecem com as aves e os peixes, que também estão presentes em muitos dos lares.

A antrozoologia é uma disciplina recente, pouco divulgada e conhecida pelo público em geral. Sendo a relação Homem-animal associada a tantos benefícios e mostrando a nossa espécie tanto interesse e dedicação por outras, o investimento nesta área, ainda prematura sobretudo no nosso país, parece ter lugar.

1.5 Hipóteses e objetivos

Dada a importância da temática da antrozoologia, pretende-se fazer uma introdução à disciplina no contexto dos animais de companhia no município de Aveiro. Isto é, em primeiro lugar o objetivo passa por identificar quantos e que animais de companhia os cidadãos têm, quais são os animais preferidos, os fatores (pessoais, habitacionais) associados à posse e as razões pelas quais as pessoas os têm. Com o intuito de colmatar as lacunas de dados sobre aves e peixes, pretende-se explorar preferentemente as questões relacionadas com estes animais, tais como as condições em que estão inseridos, as motivações das pessoas para os ter, a relação estabelecida e o que representam para os seus donos.

Sendo assim, as hipóteses principais deste trabalho apresentam-se na seguinte forma:

- Numa amostra suficientemente representativa os fatores emocionais mostram-se mais determinantes do que os fatores funcionais para adoção de um animal de companhia.
- A reciprocidade da relação Homem-aves é mais evidente do que a relação Homem-peixes.

1.6 Contribuições

As informações obtidas permitem o estabelecimento de referências de dados das populações dos animais e virão a facilitar a resolução de questões relacionadas com a gestão do território e a abordagem a populações animais problemáticas, saúde pública, acidentes e com doenças associadas aos animais. Além disso, contribuem para o estudo da forma como o Homem entende os animais e para a identificação dos benefícios que consegue retirar da sua presença.

Este conhecimento e esta perceção revelam-se, assim, importantes para melhorar o bem-estar dos animais domésticos e a qualidade de vida das pessoas na cidade, bem como a vida da cidade.

1.7 Estrutura

O documento está organizado em 5 capítulos. O capítulo 1 inclui a introdução ao trabalho e o estado da arte. O capítulo 2 corresponde aos métodos utilizados ao longo da investigação e está dividido em duas partes: a abordagem quantitativa (inquéritos) e a abordagem qualitativa (entrevistas). O capítulo 3 apresenta os resultados obtidos em ambas as abordagens. O capítulo 4 consiste numa discussão particular e global desses resultados. Por fim, o capítulo 5 corresponde às conclusões principais retiradas do trabalho.

Capítulo 2 Métodos

O âmbito geográfico deste estudo inclui o município de Aveiro. Dada a importância das informações sobre o número de animais e que animais estes cidadãos preferem, o objetivo baseou-se na representação desta população. Sendo assim, desenvolveu-se um inquérito dirigido a este público (abordagem quantitativa), procurando a divulgação pelo número máximo de pessoas possível.

Os inquéritos, realizados online e presencialmente, permitem obter dados relativos quer ao número de animais quer à caracterização dos inquiridos, possibilitando assim o estudo das respetivas associações. Através de questões dirigidas e outras de resposta aberta também tornam possível a exploração primária das motivações que levaram as pessoas a adquirir os seus animais. Estes inquéritos realizaram-se entre Abril e Junho de 2018 e, aquando em meio presencial, a diferentes horas do dia. De facto, procurou-se atender à receptividade das pessoas para o efeito, sendo a altura do dia mais rentável a pós-hora de almoço (14-16 horas).

De forma a desenvolver as questões relacionadas com as motivações para ter os seus animais de companhia realizaram-se 15 entrevistas (abordagem qualitativa). Estas foram facultadas por 15 dos respondentes dos inquéritos que se disponibilizaram para tal. Como um dos objetivos do trabalho passa pela exploração da ligação entre o Homem e as aves e o Homem e os peixes, para esta fase selecionaram-se pessoas que possuíam estes animais.

2.1 Abordagem quantitativa

Esta abordagem teve como objetivo, através da realização de inquéritos, o conhecimento do número de animais de companhia no município de Aveiro, quais os preferidos e as razões pelas quais as pessoas os têm. Além disso, também se procurou compreender o contexto em que os animais estão inseridos, fazendo uma associação da presença ou ausência de animais com características pessoais, familiares ou habitacionais.

2.1.1 Inquérito

2.1.1.1 Descrição do inquérito

O inquérito (que se encontra em anexo) conta com um total de 21 perguntas agrupadas em 3 secções principais (apesar de não estarem indicadas e delimitadas no inquérito).

A primeira baseia-se numa abordagem geral sobre os animais de companhia: informações sobre a posse ou não, sobre o hábito de alimentar animais de rua, no caso de manterem animais em casa que animais, quantos e as razões que levaram à adoção.

A segunda versa uma abordagem mais específica sobre os dois grupos de interesse, no caso, as aves e os peixes. Aqui foram explorados quer o contexto em que os animais foram adotados quer as condições em que se inseriam, como por exemplo o tipo de gaiola ou aquário e os cuidados diários e comportamentais com os animais.

A terceira parte visa uma caracterização do contexto pessoal e familiar, com questões acerca do sexo, idade, agregado familiar, nível de escolaridade, profissão e tipo de habitação.

Uma das perguntas mais relevantes dirigiu-se apenas a quem assinalou ter animais e foi deixada em aberto (era também de carácter facultativo): *“Diga, por favor, por palavras suas, as razões que o/a levam a ter os seus animais de companhia”*, permitindo que o respondente pudesse escrever aquilo com que mais se identificasse, sem restrições.

No final foi disponibilizado um espaço para as pessoas, voluntariamente, deixarem o seu contacto caso estivessem disponíveis para participar nas entrevistas da segunda parte desta investigação.

2.1.1.2 Aspetos importantes durante a elaboração

- a) Consentimento informado

Na descrição da investigação, que se apresenta logo no início do inquérito, as pessoas são informadas da garantia do anonimato, da sua participação ser completamente voluntária e da possibilidade de desistência em qualquer momento da realização.

b) Linguagem simples e clara para ser perceptível por toda a população

Não foram utilizados termos demasiado técnicos. Por exemplo, o termo aves vem acompanhado do termo pássaros, pois as pessoas costumam sentir-se mais familiarizadas com este último e pretendia-se chegar a toda a população. As questões foram escritas de forma clara, objetiva e direta, de forma a evitar confusão e para que a interpretação fosse simples.

c) Nas diferentes secções e respetiva ordem

É importante ressaltar que, no momento da elaboração do inquérito, as perguntas de caracterização pessoal e do contexto familiar ou habitacional foram incluídas no final estrategicamente. De forma geral, as pessoas tendem a mostrar-se mais recetivas a este tipo de perguntas e respondem mais facilmente após já se ter criado algum tipo de empatia/confiança, que se espera ter obtido nas secções anteriores.

d) Simplicidade e rapidez

A estrutura é simples, a maioria das respostas é direta e, portanto, é fácil e rápido de responder. Isto evita situações de desistência durante a realização inquérito e aumenta a aceitação do público.

2.1.1.3 Divulgação e realização/obtenção de respostas

a) Online:

Utilização da plataforma *Google Forms* para criar o inquérito online e divulgação do respetivo link. Esta divulgação foi feita em redes sociais como o Facebook, através de e-mail e partilha de contactos.

b) Presencial:

Através de inquéritos impressos em papel realizaram-se abordagens pessoais na rua pelo centro da cidade Aveiro, freguesias da Glória e Vera Cruz, São Bernardo, Santa Joana, Aradas e Oliveirinha. Alguns destes inquéritos foram deixados em pontos-chave como cabeleireiros, pastelarias e lojas de atendimento público para que os clientes pudessem responder e foram recolhidos posteriormente.

c) *Flyers*

Foram impressos *flyers* em formato de marcador de livro, com uma breve descrição do trabalho, o link a aceder através da internet e o respetivo *Quick Response Code* (conhecido como *QR code*) – ver em anexo. Estes foram deixados em cafés ou pastelarias, papelarias, algumas lojas de roupa e também foram entregues às pessoas que se mostraram interessadas em responder durante a abordagem pessoal mas afirmaram não ter tempo de o fazer naquele momento.

2.1.1.4 Parceria com a Câmara Municipal de Aveiro

A Câmara Municipal de Aveiro foi contactada e cooperou como parceira neste trabalho quer na divulgação e na utilização do seu logotipo no inquérito (em ambos os formatos), quer na disponibilização da autorização para que os inquéritos de rua pudessem ser realizados.

2.2 Abordagem qualitativa

2.2.1 Entrevistas

No sentido de explorar as razões que levam as pessoas a ter os animais e, mais especificamente, as aves e os peixes, desenvolveu-se um guião para realizar as entrevistas. Estas incluíam questões fundamentais na compreensão da forma como as pessoas veem os seus animais e do que estes representam para os seus donos.

As entrevistas realizaram-se com as pessoas que possuíam aves e/ou peixes e que disponibilizaram o seu contacto no inquérito.

2.2.1.1 Formato da entrevista

Foram definidos quatro pontos principais de abordagem:

- A história da pessoa com os animais
- Os cuidados com os animais
- A relação da pessoa com os animais
- O futuro com/sem os animais

Cada um destes pontos ramificou-se e foi desenvolvido com diversas perguntas, tentando manter um encadeamento de acordo com a informação que a pessoa mostrou vontade de disponibilizar.

2.3 Análise estatística das respostas ao inquérito

Embora os inquéritos tenham contado com duas modalidades, (i) presencial e (ii) online, o processamento e análise de dados foi realizado de forma unificada. Para tal, criou-se um clone do site do inquérito online, sendo este de acesso privado (sem acesso público). Os dados dos inquéritos presenciais foram colocados neste clone isoladamente dos restantes, mas a utilização da mesma plataforma permitiu que os dados fossem posteriormente tratados com as mesmas ferramentas.

Depois de concluído o período de realização dos inquéritos, os resultados de ambas as modalidades foram descarregados sob forma de folhas de cálculo no Excel. Os dados foram agrupados e procedeu-se à respetiva análise. Esta análise incluiu:

- Contagem de elementos de colunas em particular (correspondentes às respostas a cada pergunta do inquérito);
- Análises conjuntas, nas quais os resultados extraídos recebiam como parâmetros de entrada várias colunas da folha de cálculo (de acordo com o objetivo a representar).

Dada a natureza discreta dos resultados, na maioria dos casos, optou-se por modelar os dados através da utilização de uma distribuição binomial. Esta permitiu obter previsões de valores esperados baseados nas médias obtidas. Apresentaram-se, assim, intervalos de confiança de 95% para estas médias.

Para apresentação gráfica destes resultados a escolha passou por uma ferramenta com flexibilidade de representações, visto que algumas das relações a representar eram mais complexas. Sendo assim, elegeu-se o programa Python3 versão 3.7.0 e a biblioteca gratuita e de código aberto matplotlib versão 3.0.0.

2.3.1 Análise da pergunta de resposta aberta

Para analisar mais facilmente a informação fornecida as respostas foram codificadas em diferentes fatores que, por sua vez, incluem outros subfatores. Esta codificação corresponde à informação da Tabela 1.1 que se encontra na introdução.

2.4 Análise das entrevistas

As entrevistas foram transcritas e a respetiva análise consistiu em dois passos essenciais. De acordo com a classificação dos fatores motivacionais utilizada até ao momento, para cada entrevista procedeu-se da seguinte forma:

- Identificação dos fatores motivacionais que levaram as pessoas à adoção das suas aves e/ou peixes;
- Identificação dos fatores que caracterizam a relação atual entre os donos e os animais;
- Discussão destes resultados.

2.5 Análise Global

Discussão geral dos resultados obtidos, com foco na pergunta de resposta aberta e nos resultados obtidos nas entrevistas.

Capítulo 3 Resultados

3.1 Resultados da abordagem quantitativa

Este capítulo apresenta os resultados obtidos na abordagem quantitativa, através da realização dos inquéritos. Realizaram-se 1128 inquéritos, dos quais 909 correspondem a habitantes do município de Aveiro. Este valor representa cerca de 1,17% da população desta região. Tendo em conta a amostra referida sabe-se que 78,2% dos residentes do município têm animais de companhia.

3.1.1 Inquérito

3.1.1.1 Estatísticas gerais

Obtiveram-se 297 respostas aos inquéritos presenciais e 831 respostas aos inquéritos online, o que resulta num total de 1128 inquiridos. Em termos percentuais 80,6% do total de inquiridos vive no município de Aveiro e 19,4% pertencem a outras regiões. Relativamente à posse de animais de companhia sabe-se que 63% do total dos respondentes é de Aveiro e tem animais; enquanto 16,3% do total de respondentes é de outras localidades e tem animais (Figura 3.1).

Do total de inquiridos 909 vivem em Aveiro e, destes, 711 têm animais de companhia. De acordo com estes dados calcula-se que 78,2% dos habitantes de Aveiro respondentes têm animais de companhia. Desta parcela sabe-se que 128 têm aves e 88 têm peixes (Tabela 3.1).

Tabela 3.1 - Dados gerais obtidos nos inquéritos

Inquiridos	1128
Com animais	895
Sem animais	233
De Aveiro	909
De outras regiões	219
De Aveiro com animais	711

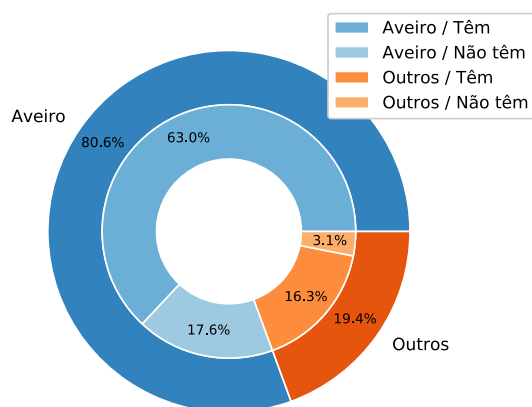


Figura 3.1 - Percentagem de respondentes de Aveiro e de outras regiões que têm e que não têm animais de companhia

De Aveiro com aves	128
De Aveiro com peixes	88
De Aveiro sem animais	198

A partir deste ponto a amostra é limitada aos respondentes que residem no município de Aveiro.

3.1.1.2 Informações sobre os inquiridos

No que diz respeito às informações sobre os inquiridos obtiveram-se dados de caracterização pessoal, familiar e habitacional.

- Informações sobre o sexo e idade

A maioria das respostas ao inquérito foi dada pelo sexo feminino (cerca de 69% das respostas), existindo uma pequena percentagem (0,4%) de pessoas que optaram por não se identificar (Figura 3.2).

O número de respostas de acordo com as idades dos inquiridos está representado na Figura 3.3. Esta mostra que as pessoas entre os 20 e os 30 anos foram as que mais responderam ao inquérito, seguidos do intervalo entre os 30-40 e os 40-50 anos. Verifica-se uma diminuição do número de respostas obtidas com o aumento da idade (a partir do primeiro intervalo referido).

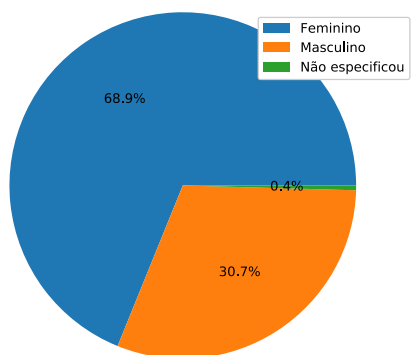


Figura 3.2 - Distribuição dos respondentes segundo o sexo

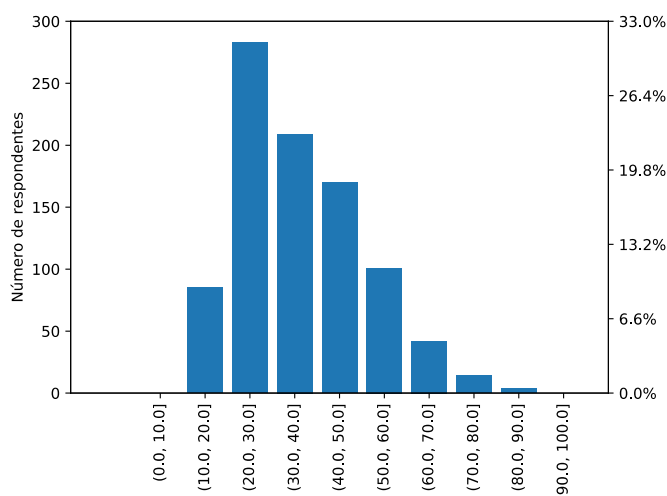


Figura 3.3 - Histograma das idades dos respondentes

Comparando com os dados relativos à população residente no município de Aveiro (Figura 3.4), verifica-se concordância com um maior número de respostas por parte do sexo feminino, visto que há mais mulheres para quase todos os intervalos de idades (excetuam-se os intervalos entre os 0 e os 9 anos, mas que também não correspondem a nenhum respondente no inquérito realizado). Contudo, a prevalência de respostas observada no intervalo de idades entre os 20 e os 30 anos não parece justificar-se com a distribuição aqui representada. Efetivamente, o intervalo de idades com número de habitantes total mais elevado é o 40-44 anos, e o mesmo é válido se considerarmos cada sexo separadamente.

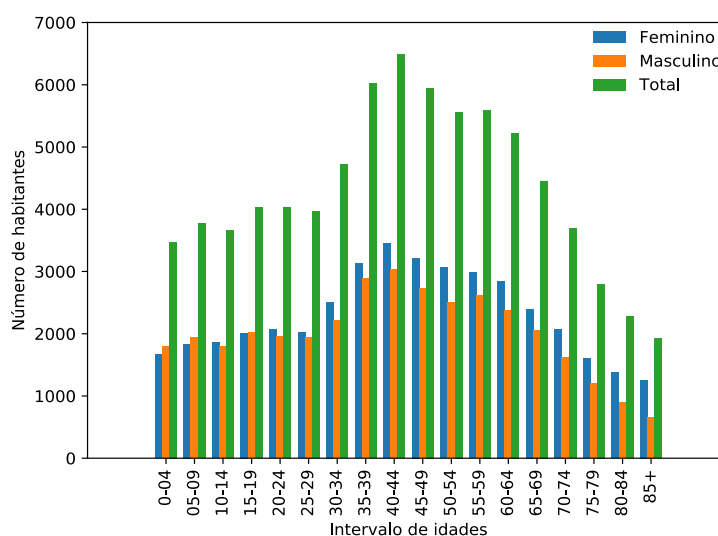


Figura 3.4 - Histograma das idades dos residentes do município de Aveiro (por sexo e total). Fonte de dados: INE - Estimativas anuais da população residente, PORDATA (atualização a 15/06/2018).

- Agregado familiar total

Através da análise da Figura 3.5, que diz respeito ao agregado familiar total dos respondentes, este caracterizou-se, maioritariamente, pela presença de pelo menos um elemento do agregado com idade entre os 40 e os 55 anos (52,3%). De seguida, com valores semelhantes entre si, observou-se a presença de indivíduos jovens adultos dos 18 aos 25 anos (40,7%) e de adultos dos 26 aos 39 anos (40,2%). As percentagens mais baixas correspondem à presença de idosos com 70 ou mais anos (12,1%) e de crianças entre os 0 e os 9 anos (16,2%). Estes dados são concordantes com a distribuição das idades dos residentes do município de Aveiro, representada na Figura 3.4, excetuando o grupo “70+”, que no município parece ser representado por um número de residentes mais elevado.

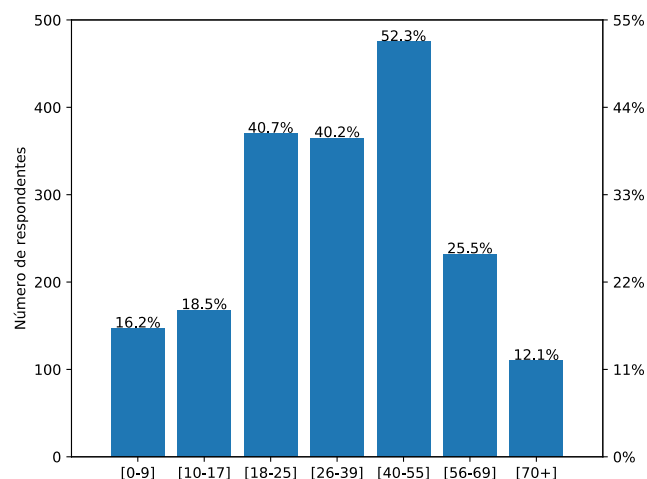


Figura 3.5 - Percentagem de respondentes que identificaram pelo menos um elemento do agregado familiar inserido em cada intervalo de idades

- Agregado familiar repartido por sexos

As figuras seguintes representam a percentagem de respondentes que identificaram a quantidade de elementos do sexo feminino (Figura 3.6) e do sexo masculino (Figura 3.7), por intervalo de idades, presentes no seu agregado familiar.

A presença de apenas 1 pessoa, por sexo, para cada intervalo de idades, revela-se predominante comparativamente a um maior número de pessoas. No que diz respeito aos sexos dos elementos do agregado familiar para cada intervalo verifica-se que as principais diferenças residem nos elementos até aos 25 anos.

Tendo isto em conta, observa-se que dos 0 aos 9 anos há mais crianças do sexo feminino (9,5% contra 6,3% do sexo masculino), dos 10 aos 17 anos temos 13,4% dos respondentes com um elemento do sexo feminino no agregado contra 8,6% do sexo masculino. A presença de jovens adultas (18-25 anos) é aproximadamente 24% enquanto dos jovens adultos (sexo masculino) não atinge aos 15%. Entre os 26 e os 55 anos a presença de elementos de ambos os sexos apresenta percentagens próximas (diferenças entre sexos inferiores a 0,6% das respostas para ambos os intervalos considerados). Depois desses intervalos de idades o sexo feminino apresenta valores ligeiramente superiores (diferença de 1%) aos do sexo masculino.

Para a presença de 2 pessoas para cada intervalo de idades verifica-se que, no sexo masculino, o valor mais elevado é 2,3%, o que significa que 2,3% dos respondentes indicou ter a presença de 2 elementos com idades entre e os 18 e os 25 anos. Por outro lado, no sexo feminino, o valor mais baixo é 1,4% para o intervalo entre os 10 e os 17 anos e os valores mais elevados são os

de 7%, 8,9% e 13,4%, que correspondem aos intervalos 18-25, 26-39 e 40 -55 anos, respetivamente.

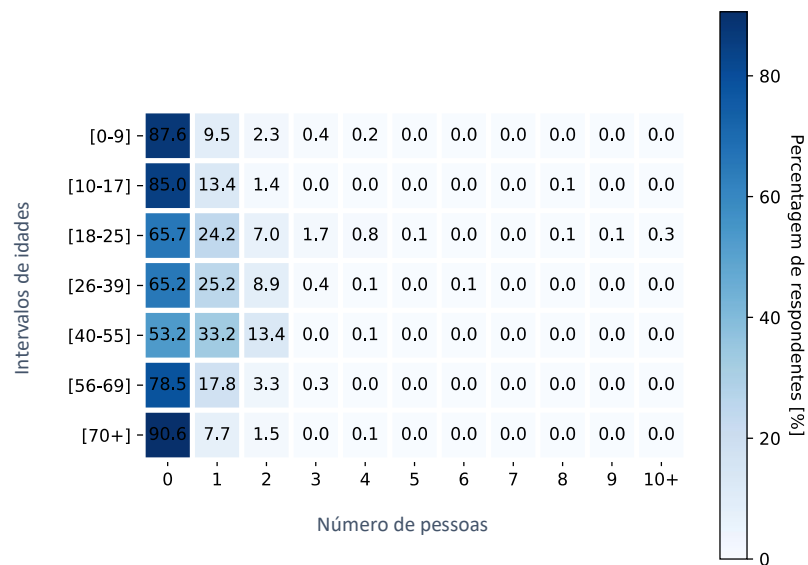


Figura 3.6 - Percentagem de respondentes do sexo feminino por número de elementos do agregado familiar e respetivo intervalo de idades

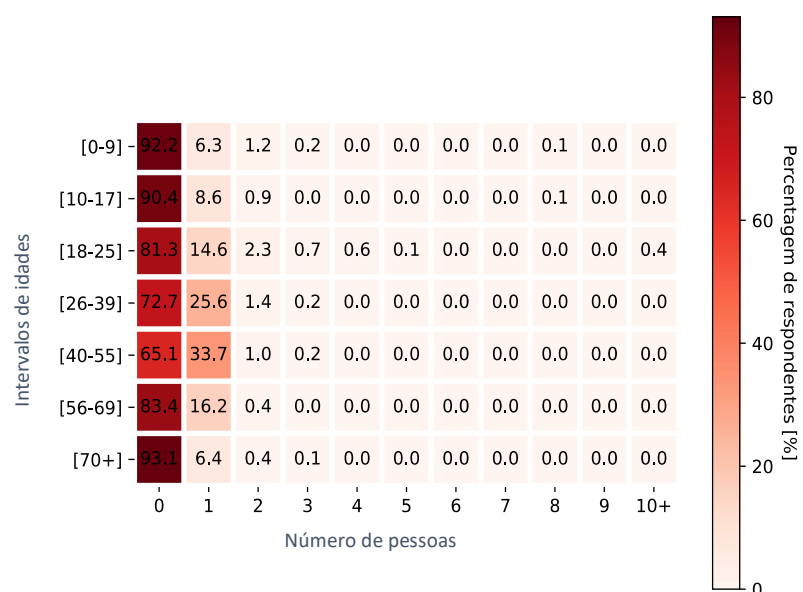


Figura 3.7 - Percentagem de respondentes do sexo masculino por número de elementos do agregado familiar e respetivo intervalo de idades

- Nível de escolaridade

No que diz respeito ao nível de escolaridade e como se pode observar na Figura 3.8 a maioria dos inquiridos (55,3%) tem o ensino superior, 30,6% tem o 12º ano e 7,6% tem o 9º ano. Ao 6º ano atribuem-se 2,4% das respostas e ao 4º ano de escolaridade 2% das respostas.

Sabe-se ainda que 1,8% dos respondentes se referiram a “outros” níveis de escolaridade, tais como cursos técnicos superiores profissionais ou cursos de especialização tecnológica (conhecidos como CET). 0,3% dos respondentes não têm qualquer nível de escolaridade.

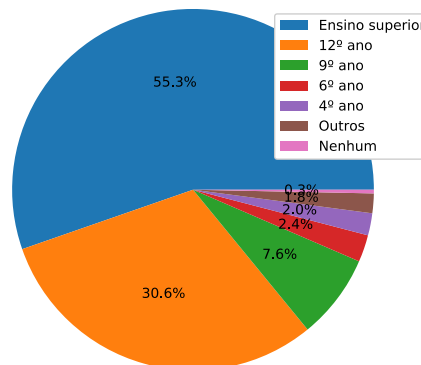


Figura 3.8 - Distribuição dos respondentes segundo o nível de escolaridade

• Profissão

Na Figura 3.9 está representada a distribuição das profissões dos respondentes, sendo que os estudantes foram quem mais respondeu ao inquérito, com 20,7% das respostas. Os 20,5% correspondentes a “outras” referem-se a todas as profissões que, individualmente, apresentaram uma incidência inferior a 1% e, por isso, foram eliminadas da representação gráfica (de forma a facilitar a leitura). Estas incluem as seguintes profissões: advogado, agente de viagens, arqueólogo, arquiteto, bibliotecário, biólogo, designer, psicólogo, cabeleireiro, costureiro, cozinheiro, dentista, designer, educador canino, esteticista, feirantes/vendedores ambulantes, fisioterapeuta, florista, jornalista, jurista, mecânico, nutricionista, projetista, sociólogo, talhante, técnico de ação médica, técnico de análises clínicas, técnico de anatomia patológica, técnico superior de educação especial

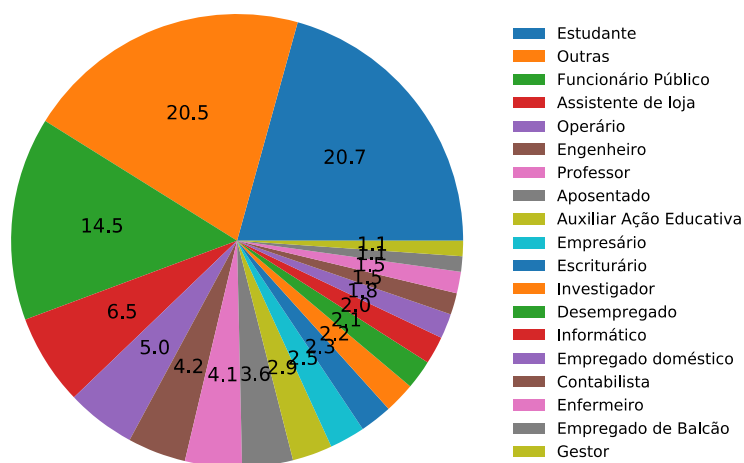


Figura 3.9 - Distribuição dos respondentes segundo a profissão (em %).

e reabilitação, tradutor, transportador de mercadorias e também há 3 referências a invalidez por motivos de saúde.

Os funcionários públicos são o grupo específico que, depois dos já mencionados, mais adesão mostrou à resposta ao inquérito, seguidos, por ordem decrescente, dos assistentes de loja, operários, engenheiros, professores e os aposentados. Com valores percentuais inferiores a 3 e pela mesma ordem anterior temos auxiliares da ação educativa, empresários, escriturários, investigadores, desempregados (que representam 2,1% dos respondentes), e informáticos. Os empregados domésticos, contabilistas, enfermeiros, empregados de balcão e gestores representam, respetivamente, 1,8%, 1,5%, 1,5%, 1,1% e 1,1%.

- Tipo de habitação e presença de espaços exteriores

Relativamente ao tipo de habitação (Figura 3.10) a maioria dos inquiridos (53,7%) vive em casa/vivenda e cerca de 45% em apartamento. Os restantes 1% habitam em residências universitárias, autovivendas, anexos e quartos alugados.

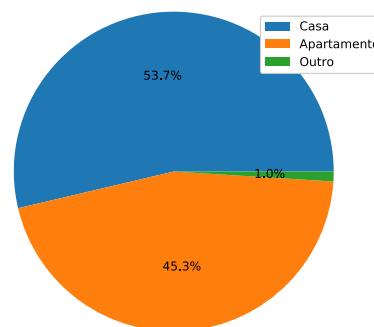


Figura 3.10 - Distribuição dos respondentes segundo o tipo de habitação

A presença de espaços exteriores na habitação é predominante (89,1% dos respondentes têm algum espaço exterior), sobretudo se nos referirmos a varandas, pátios ou jardins (Figura 3.11). Outro tipo de espaços referidos foram marquises, pequeno relvado, logradouro, pátios comuns ao prédio e solário, por exemplo. De facto, apenas 10,9% dos inquiridos afirmaram não ter qualquer espaço exterior. Uma

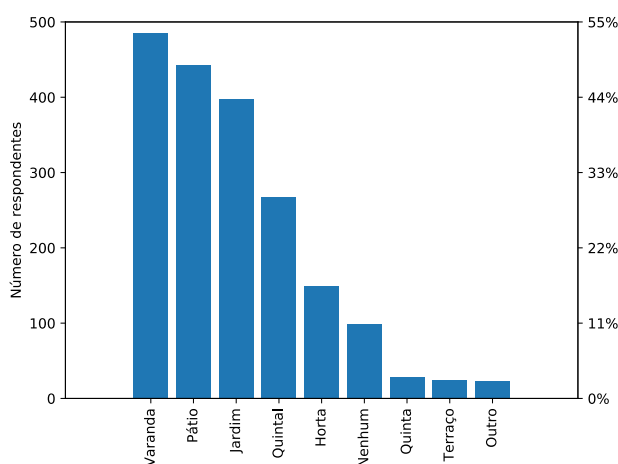


Figura 3.11 - Número de respondentes que apresenta cada espaço exterior na sua habitação

das respostas inclui menção à construção de canis próprios para os seus animais (no caso, vários cães) e outras duas respostas enaltecem o facto de, apesar de não terem espaço exterior, fazerem questão de levar os cães à rua para que eles façam as suas necessidades.

- Hábito de alimentar animais de rua

Relativamente à alimentação de animais de rua verifica-se que a maioria dos respondentes, quase 59%, não costuma alimentá-los (Figura 3.12).

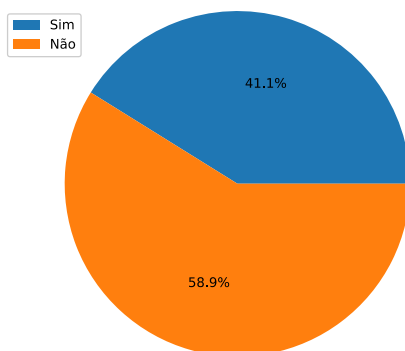


Figura 3.12 - Percentagem de respondentes que tem ou não o hábito de alimentar de animais de rua.

3.1.1.3 Informações sobre a posse de animais

Nesta secção apresentam-se informações relativas à posse de animais de companhia, tais como as preferências dos respondentes, a quantidade de animais em geral, de aves e de peixes em particular, bem como as condições em que estes dois últimos estão inseridos.

Como já foi referido anteriormente e sendo importante para a análise desta secção, relembra-se que 78,2% dos habitantes de Aveiro respondentes possuem animais de companhia.

3.1.1.3.1 Dados simples

Dados simples gerais

- Sobre os animais que as pessoas preferem

De acordo com a Figura 3.13 sabe-se que os animais de companhia preferidos dos Aveirenses são os cães, com 479 pessoas com pelo menos um cão. Logo de seguida aparecem os gatos, com 432 respondentes a afirmar ter este animal. Em terceiro lugar, com 128 respondentes,

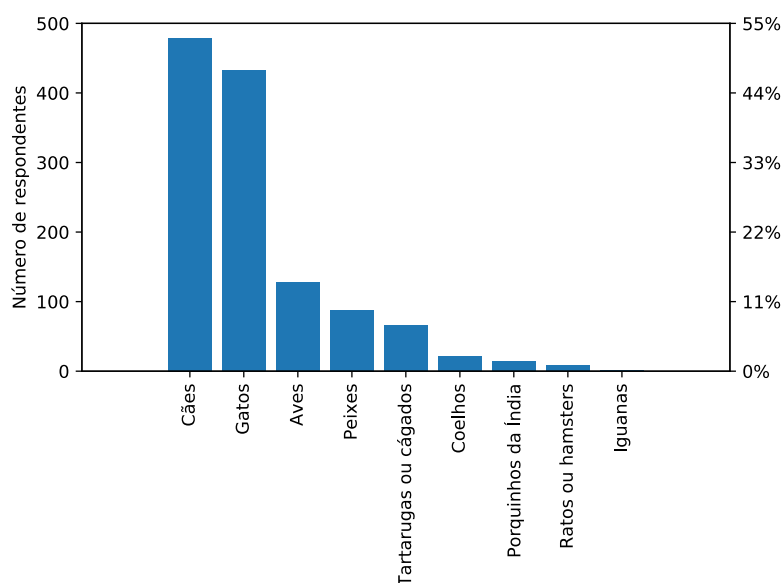


Figura 3.13 - Distribuição (número de respondentes) da posse de cada animal

encontram-se as aves e em quarto lugar estão os peixes com 88 pessoas com pelo menos um peixe. Há também 66 pessoas com tartarugas ou cágados, 21 com coelhos, 10 com porquinhos da Índia e 8 com ratos ou hamsters, bem como uma pessoa com 1 iguana. Para além destes, algumas respostas mencionam animais como o camaleão, cão da pradaria, chinchila, cobra, dragão barbudo, galinhas “que comem da mão e andam comigo para todo o lado” (retirado de uma resposta), ouriço pigmeu africano, ovelhas, patos (referência a grande ligação com estes e, portanto, considerados como animal de companhia), rã e tarântula.

- Sobre a quantidade de animais

No que diz respeito à quantidade de animais que os respondentes têm (Figura 3.14 e Tabela 3.2) observou-se que a maioria opta por ter apenas um. Consideremos, neste caso, 7 grupos de animais: cães, coelhos, gatos, iguanas, porquinhos da Índia, ratos/hamsters e tartarugas/cágados. Verifica-se, para cada classe, que há poucos respondentes que tenham muitos animais. Quando falamos em ter 2 cães ou 2 gatos ou 2 tartarugas/cágados o número de pessoas que efetivamente possui esse número desce para aproximadamente metade relativamente à posse de 1 (quantidade) desses animais.

Quando nos referimos a “mais de 10” não sabemos o número absoluto de animais que os respondentes terão, pelo que só é possível estimar o número mínimo. Para calcular o total do número de animais de cada grupo e o total global de animais as indicações “mais de 10” foram, então, iguadas ao valor 11.

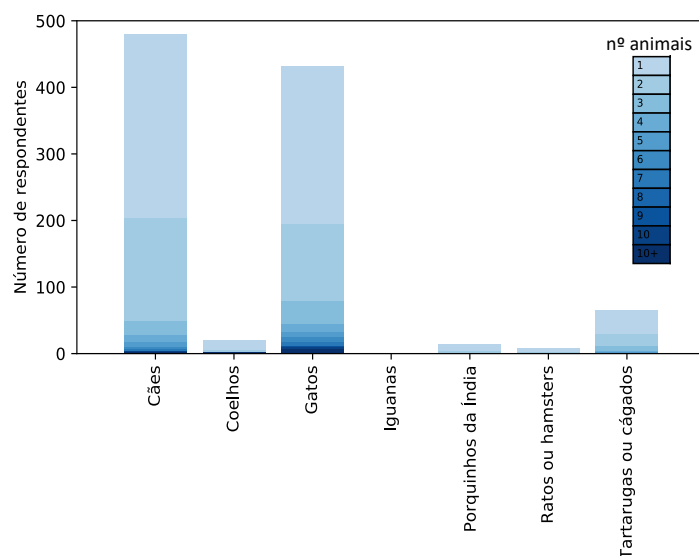


Figura 3.14 - Distribuição (número de respondentes) da quantidade de animais

Tabela 3.2 - Número de respondentes com cada quantidade de animais

	Cães	Coelhos	Gatos	Iguanas	P. Índia	Ratos	Tartarugas
1	275	15	236	1	10	5	36
2	154	3	116	0	4	3	19
3	22	0	36	0	0	0	7
4	10	0	11	0	0	0	1
5	8	0	8	0	0	0	2
6	3	0	7	0	0	0	1
7	2	0	6	0	0	0	0
8	1	1	0	0	0	0	0
9	0	0	2	0	0	0	0
10	1	0	3	0	0	0	0
10+	3	2	7	0	0	0	0

Obtiveram-se os resultados da Tabela 3.3. Sendo assim, infere-se que existem pelo menos 1877 animais de companhia na amostra considerada, estando os gatos na liderança com o valor mais elevado (869), de seguida os cães (812) e as tartarugas (115). A este valor podem ainda adicionar-se as referências aos outros animais não listados (ver descrição da Figura 3.13) que são 11 e ainda as aves e os peixes, que serão quantificados nas secções seguintes.

Tabela 3.3 - Número total mínimo de animais dos residentes de Aveiro

Cães	Coelhos	Gatos	Iguanas	P. Índia	Ratos	Tartarugas	Total
812	51	869	1	18	11	115	1877

Dados simples específicos: aves

Apresentam-se abaixo os resultados às perguntas do inquérito dirigidas a quem tem aves e cujo objetivo passou pela sua quantificação, bem como pela identificação do contexto em que estas se inserem (fonte de obtenção, condições de adoção, tipo de gaiola...).

- Número de aves e fonte de obtenção

Relativamente ao número de aves que as pessoas têm em casa verifica-se, segundo a Figura 3.15, que 50 dos inquiridos com aves têm apenas uma e 30 têm duas aves. Estes dados apresentam a mesma tendência da Figura 3.14 e Tabela 3.2, respeitantes aos restantes animais. Porém, quando nos referimos à posse de uma quantidade igual ou superior a 10 aves, verifica-se que o número de respondentes volta a aumentar. Este grupo “10+” inclui as respostas da quantidade exata de aves que os respondentes assinalaram sempre que esta foi igual ou superior a 10. Estas foram reunidas de forma a facilitar a representação gráfica. Sendo assim, utilizando todas as quantidades exatas obtidas nas respostas do inquérito, no total calcula-se que os residentes do município de Aveiro tenham 782 aves em casa.

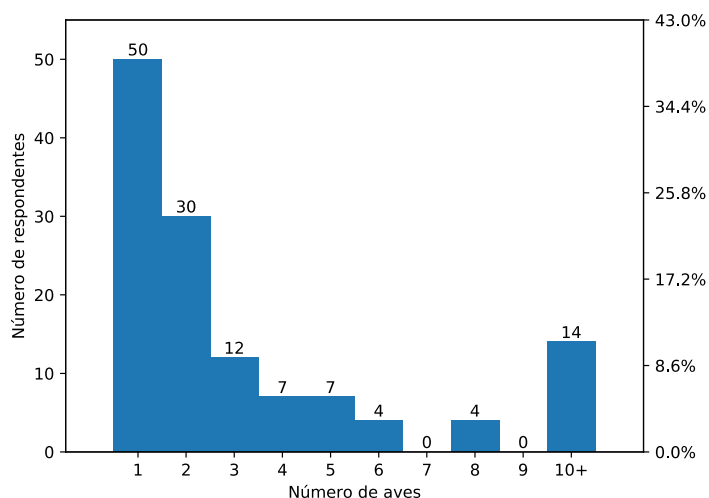


Figura 3.15 - Histograma da quantidade de aves dos respondentes

No que diz respeito às fontes de obtenção das aves (Figura 3.16) sabe-se que 56 pessoas adotaram, o que também inclui situações de oferta de amigos. A preferência seguinte, correspondente a 36 respondentes, passou pela aquisição numa loja de animais. 31 pessoas optaram por contactar um criador. Apesar de poucas (9 respostas) também houve referência à captura das aves na natureza (por exemplo feridas ou debilitadas), ficando o captor com elas. As respostas correspondentes a “outra” (outra fonte de obtenção designada pelos respondentes) incluem

circunstâncias de herança familiar, aquisição em feiras ou nascimentos a partir de casais de aves que as pessoas possuíam anteriormente.

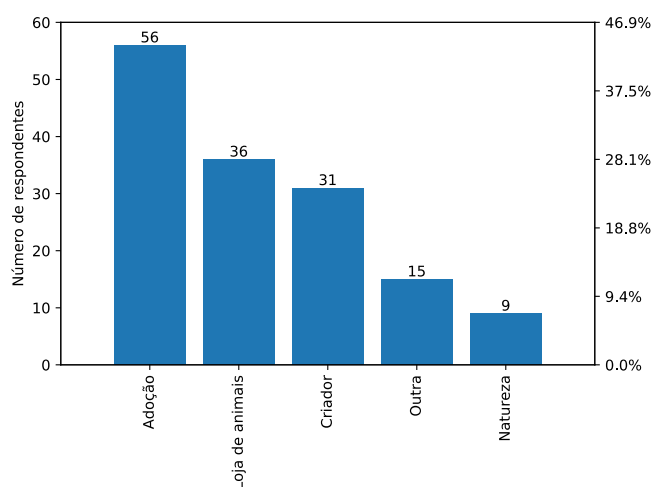


Figura 3.16 - Identificação da fonte de obtenção das aves pelos respondentes

- Convivência com as aves

Quando inquiridos acerca do que costumam fazer com as aves no tempo despendido com estas, e como é possível ver na Figura 3.17, a maioria dos respondentes assinalou apenas as opções de cuidados básicos, falar/assobiar e ouvir. O contacto direto com o animal foi referido por aproximadamente 35% dos respondentes e mimar com alimentos que gostam de comer por cerca de 40%.

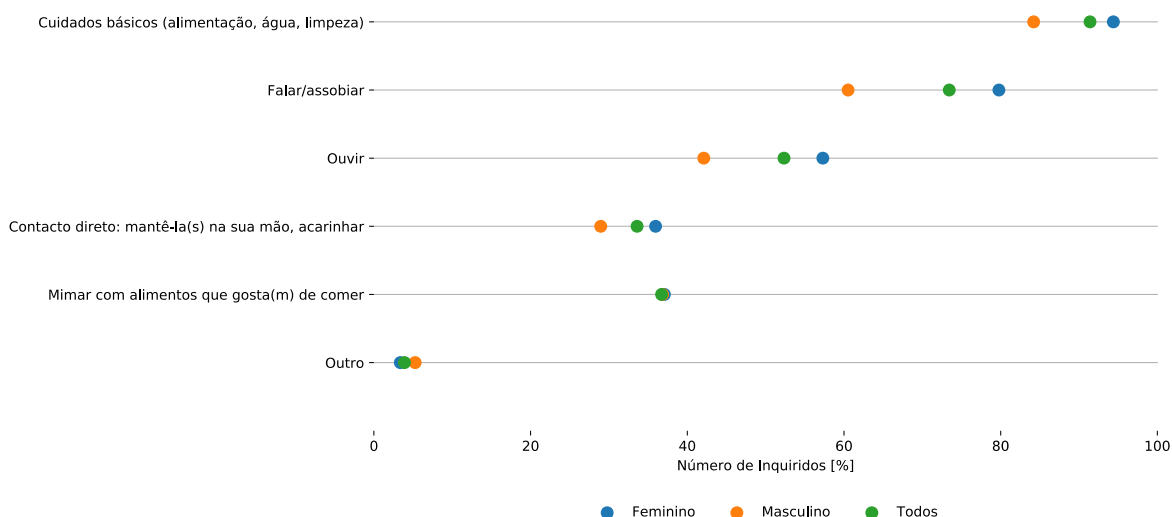


Figura 3.17 – Percentagem dos respondentes que têm aves (total e por sexo) e que realizam cada uma das atividades referidas com as suas aves

O sexo feminino assinalou mais frequentemente quer os cuidados básicos como fornecer alimentação e água, quer atividades como falar/assobiar, ouvir e manter o contacto direto/acarinhlar. Contudo, por exemplo no que diz respeito a mimar com alimentos que as aves gostam de comer, não houve diferença entre o número de respostas de ambos os sexos.

Quando assinalada a opção “outro” foram mencionadas atividades como “brincar” e “dar brinquedos”.

- Onde se encontram as aves

A Figura 3.18 mostra-nos o tipo de gaiola ou construção - e respetiva quantidade - em que as aves dos respondentes se encontram. A gaiola pequena corresponde a uma medida de até 0,5 x 0,5 metros; a gaiola média até 1 x 1 metro e a grande mais de 1 x 1 metro. A opção “construída” refere-se a uma construção própria para as aves (por exemplo tipo pombal). A gaiola aberta representa a condição de existência de um espaço fora da gaiola no qual a ave pode passar algum tempo e até voar.

Mais de 40% dos respondentes com aves tem gaiolas médias, seguidas de aproximadamente 30% dos respondentes com gaiolas grandes e 27,5% com gaiolas pequenas. As gaiolas abertas estão presentes em aproximadamente 5% das respostas. Com o dobro da percentagem temos as construções próprias, inclusive a presença de várias destas construções. Se considerarmos a quantidade de cada tipo de gaiola assinalada por cada respondente observa-se que as gaiolas grandes são as que apresentam um número, por respondente, mais elevado. De facto, aproximadamente 1% dos respondentes que tem gaiolas grandes possui 6 destas gaiolas, que é a quantidade mais elevada assinalada de qualquer tipo de acomodação.

Em termos proporcionais também se pode concluir que a presença de 2 construções próprias é relevante comparativamente à presença de 2 quaisquer outras gaiolas.

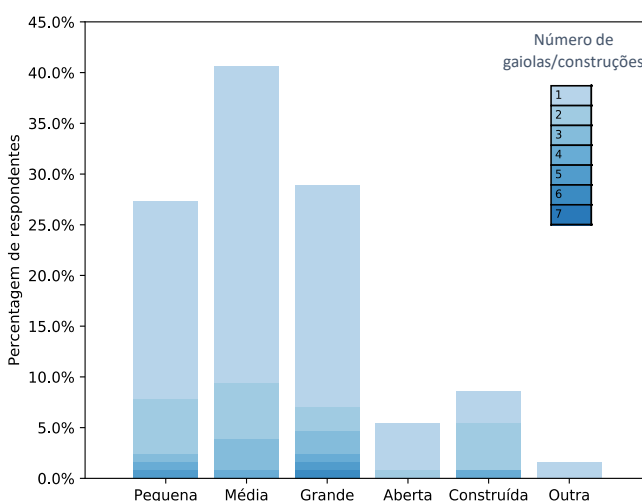


Figura 3.18 – Percentagem de respondentes com aves que tem cada tipo de gaiola/construção e respetiva quantidade

Dados simples específicos: peixes

- Quantidade de peixes

Relativamente à quantidade de peixes (Figura 3.19) cerca de 81% dos donos de peixes, ou seja, 71 pessoas têm até 5 destes animais, aproximadamente 15% (13 pessoas) tem entre 6 a 20 peixes e os restantes (4) têm mais de 20. De forma a estimar o número mínimo de peixes global, considera-se o valor mínimo em cada um dos intervalos: “até 5” corresponde a 1, “6 a 20” corresponde a 6, “21 a 40” corresponde a 21 e “mais de 40” a 41. Sendo assim e considerando os dados representados, calcula-se que existam pelo menos 273 peixes na posse desta amostra de população.

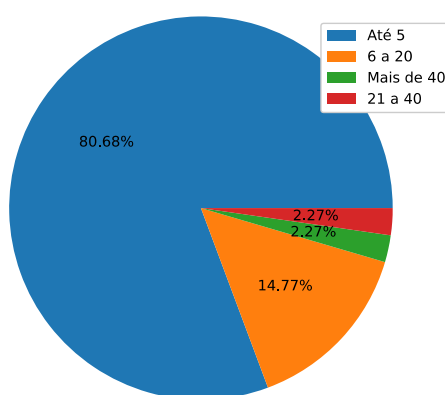


Figura 3.19 - Distribuição da quantidade de peixes pelos respondentes

- Onde se encontram os peixes

Relativamente ao tipo de estrutura na qual que os peixes se encontram (Figura 3.20) a grande maioria destes vive em aquários, mas também há casos em que os peixes estão num lago de jardim ou num tanque.

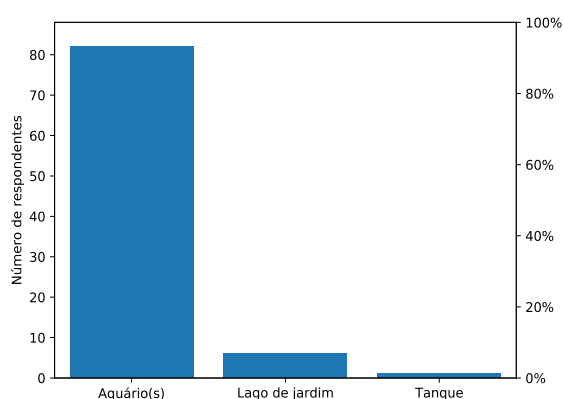


Figura 3.20 – Tipo de estrutura na qual se encontram os peixes dos respondentes

- Tipo de aquários, capacidade e quantidade respetiva

No que diz respeito ao tipo de aquário (Figura 3.21) a maioria é de água fria. Existem 25 respondentes com aquário(s) de água quente e os de água salgada não se revelaram muito comuns entre a amostra da população.

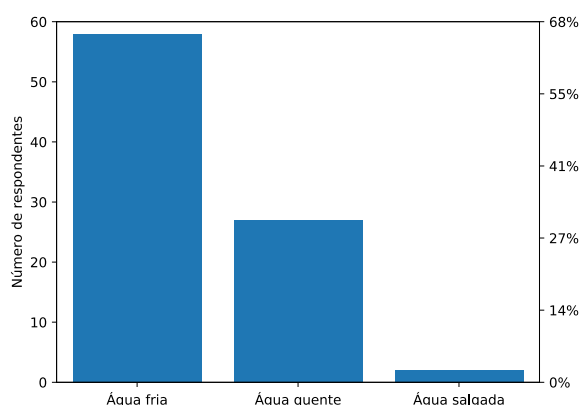


Figura 3.21 – Número de respondentes com cada tipo de aquário no qual os peixes se encontram

Ainda sobre os aquários temos representadas na Figura 3.22 as capacidades dos mesmos (litragem) e a respetiva quantidade, dada pelos diferentes tons de azul. Assim, temos que a maior parte respondentes com peixes tem aquários pequenos de até 10 litros de capacidade e em termos de quantidade a maioria desses tem apenas um aquário. Os aquários entre 11 e 60 litros não são tão populares, mas existe uma pequena percentagem de pessoas com mais do que 1 destes. Os de maiores dimensões, entre 61 a 150 litros, estão presentes nas habitações de mais de 15% dos inquiridos com peixes. Além disso, há referência por alguns respondentes à posse de um ou mesmo dois aquários com capacidade entre 151 a 400 litros.

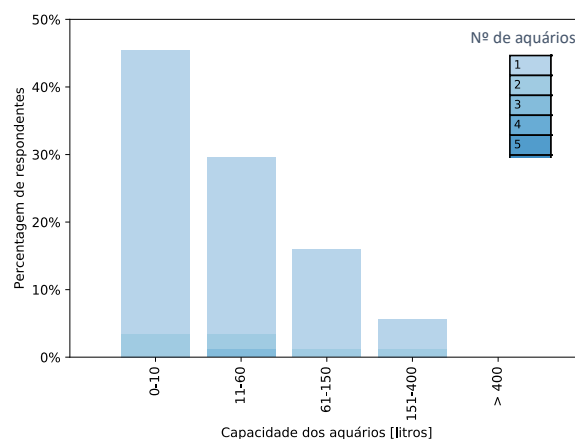


Figura 3.22 - Capacidade dos aquários nos quais estão os peixes dos respondentes e respetiva quantidade

- Localização dos aquários

Sobre a localização dos aquários (Figura 3.23) a maioria encontra-se na sala de estar, seguida da cozinha. A resposta “outro” inclui locais como jardim, hall de entrada, escritório, sala de bricolage e casa de banho.

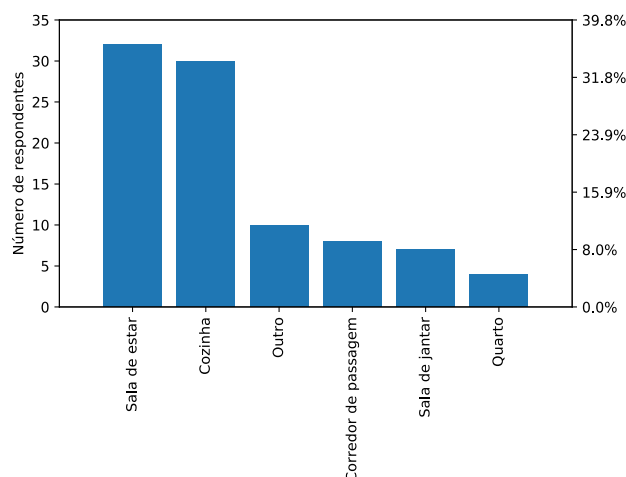


Figura 3.23 – Número de respondentes que assinalou a divisão da habitação na qual se encontram os aquários

3.1.1.3.2 Dados com fatores associados

Nesta secção apresenta-se a associação dos fatores de caracterização pessoal, familiar e habitacional com a percentagem de respondentes com e sem animais de companhia.

Salvo indicação em contrário, considere-se que a referência a “animais de companhia” ou “animais de companhia em geral” corresponde a todos os animais, incluindo as aves e os peixes. As referências a questões particulares sobre a posse de aves e de peixes são devidamente identificadas.

- Associação do sexo dos respondentes e a posse de animais de companhia: geral, com aves e com peixes

No seguimento da Figura 3.2 surgem as Figura 3.24, 3.25 e 3.26. que nos indicam a percentagem de respondentes de cada sexo que tem e que não tem animais de companhia. A primeira refere-se aos animais em geral (incluindo quem tem aves e peixes) e as duas últimas referem-se especificamente à posse de aves e à posse de peixes (respetivamente). Lembra-se, sendo também visível nas figuras, que 68,9% do total dos respondentes de Aveiro são do sexo feminino e 30,7% do sexo masculino.

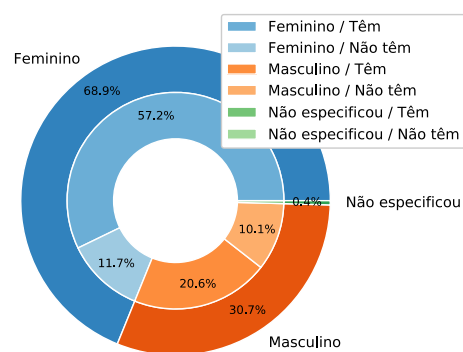


Figura 3.24 - Percentagem de respondentes de cada sexo que tem e que não tem animais de companhia

Observa-se, na Figura 3.24, que 57,2% dos respondentes de Aveiro são do sexo feminino e têm animais de companhia, o que representa 83% do sexo feminino (dos 68,9% do total dos respondentes de Aveiro). Além disso, 20,6% dos respondentes são do sexo masculino e têm animais de companhia, representando 67% dos respondentes homens (dos 30,7% do total de respondentes de Aveiro).

As figuras seguintes correspondem às percentagens de respondentes de cada sexo que têm e que não têm aves (Figura 3.25) e peixes (Figura 3.26). Verifica-se, na Figura 3.25, que 9,8% dos respondentes são do sexo feminino e têm aves de companhia, o que representa cerca de 14% dos respondentes deste sexo. Por outro lado, observa-se que 4,2% dos respondentes são homens e têm aves, o que corresponde a 13,7% dos respondentes do sexo masculino.

Na Figura 3.26 observa-se que 6,4% dos respondentes são mulheres e têm peixes como animal de companhia, o que representa 9% dos respondentes deste sexo com este animal. 3,3% dos respondentes são homens e têm peixes, correspondendo a cerca de 10,7% dos respondentes do sexo masculino.

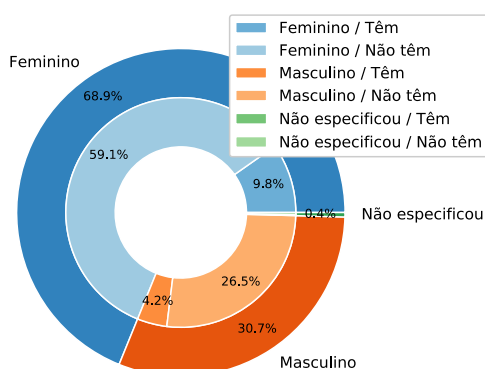


Figura 3.25 - Percentagem de respondentes de cada sexo que tem e que não tem aves

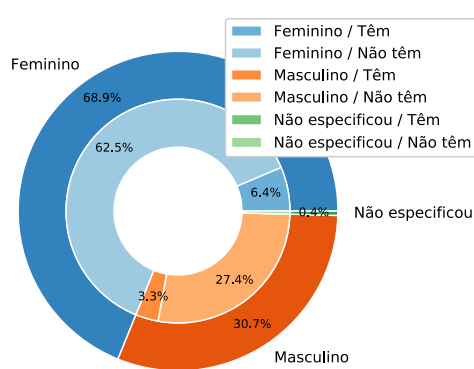


Figura 3.26 - Percentagem de respondentes de cada sexo que tem e que não tem peixes

- Associação da quantidade de animais e o sexo dos respondentes

O número de animais segundo o sexo feminino, masculino ou ambos está representado na Figura 3.27. A quantidade de animais varia entre 1 e 10, sendo o tom mais claro correspondente a 1 e o mais escuro a “mais de 10”.

Da análise da figura pode afirmar-se que o sexo feminino parece ter mais animais de companhia (cães, coelhos, gatos, porquinhos da índia, ratos/hamsters e tartarugas/cágados) do que o sexo masculino. O animal preferido por ambos é o cão: 58% das mulheres afirmaram ter pelo menos um cão, a par com 40% dos homens. Depois do cão a preferência passa pelo gato e depois pelas tartarugas ou cágados, sempre com o sexo feminino a liderar na sua posse.

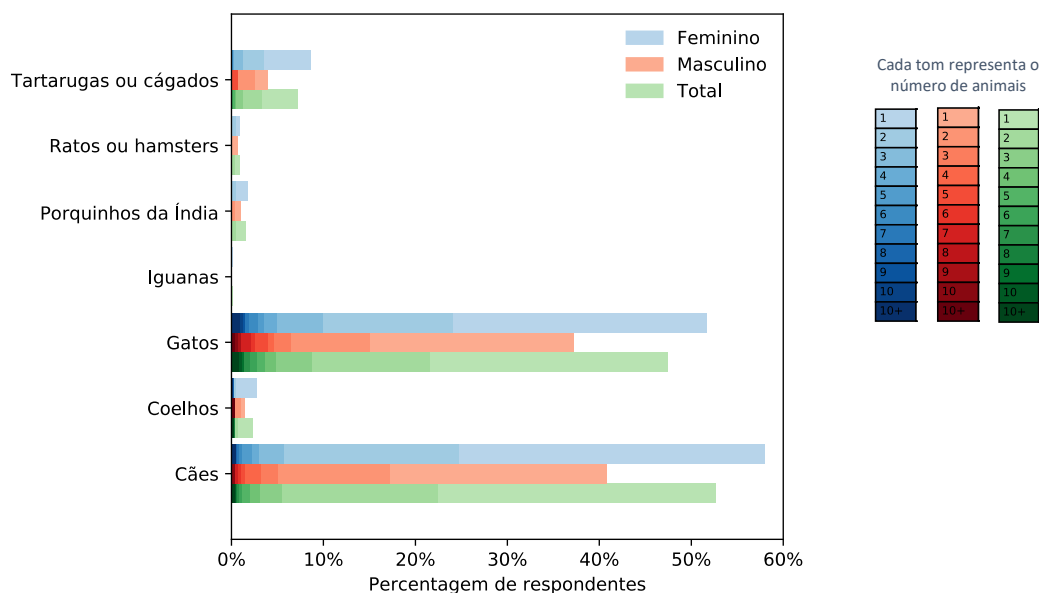


Figura 3.27 - Percentagem de respondentes de cada sexo com cada animal e respetivo número de animais

- Associação da idade e a posse de animais de companhia

Nesta secção pretende-se avaliar a possibilidade de uma associação da idade e a posse de animais.

A Figura 3.28 representa o número de respondentes que, para cada intervalo de idades, possui ou não animais de companhia em geral. Além disso, indica-nos as percentagens internas¹ para cada intervalo de idades e representa o intervalo de confiança de 95% para estes valores. Isto significa que temos 95% de confiança que, em estudos similares, a percentagem de pessoas com animais de companhia para cada intervalo de idades estará dentro do intervalo representado.

Através da análise dos dados sabe-se que o intervalo de idades com maior percentagem de respondentes com animais de companhia, cerca de 81,2% dos representantes desse intervalo, corresponde aos 50 a 60 anos. Com valores bastante próximos encontram-se os intervalos entre os

¹ Entenda-se por percentagem interna a percentagem dentro do subgrupo da amostra que está a ser analisado. Por exemplo, na Figura 3.28, 76,5% do subgrupo de inquiridos que têm entre 10 e 20 anos tem animais.

40-50, e os 20-30 anos, ambos com 80,6% dos respectivos respondentes a afirmar ter animais. De seguida estão os intervalos 10-20 e 30-40 anos, ambos com cerca de 76% das pessoas com resposta afirmativa. Entre os 80-90 anos verificou-se que 75% dos respondentes tinha animais de companhia e entre os 60-70 anos cerca de 69% das pessoas. O intervalo de idades que revelou a percentagem interna mais baixa (50%) foi o que corresponde aos 70-80 anos.

Observa-se que, para todos os intervalos de idades, os valores esperados da percentagem de respondentes com animais estão contidos nos intervalos de confiança.

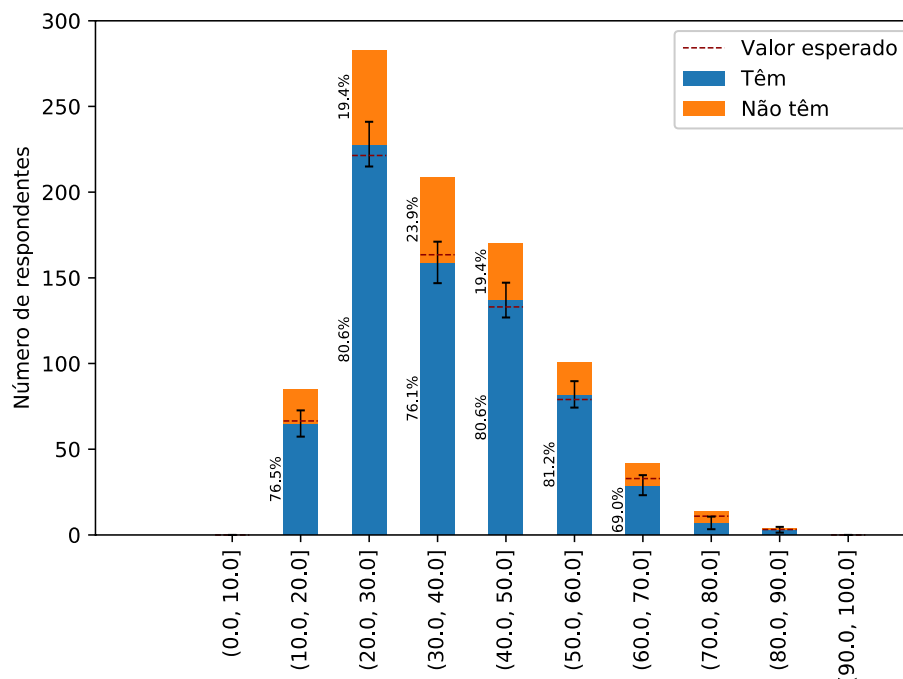


Figura 3.28 - Número e percentagem de respondentes de cada intervalo de idades que têm e não têm animais de companhia

Na Figura 3.29 temos a distribuição dos intervalos de idades considerando cada animal individualmente. Relativamente aos cães, por exemplo, parece existir uma maior predisposição a ter este animal quando falamos de intervalos de idades até aos 30 anos: cerca de 29,4% dos inquiridos inseridos nos intervalos de idades 10-20 anos (apesar de haver poucas respostas abaixo dos 18 anos, considera-se o intervalo estabelecido) e 27,6% entre os 20-30 anos afirmaram ter este animal de companhia. Depois dos 30 e até aos 50 anos parece existir uma redução desta tendência, com aproximadamente 19% dos inquiridos (para cada intervalo de idades) com cães. Dos 50 aos 60 verifica-se novamente um aumento da percentagem de pessoas com cães (22,8%) e depois dos 60 anos (até aos 70) apenas 14,3% das pessoas têm este animal.

Observa-se que os intervalos de idades que apresentam percentagens de respondentes mais elevadas com gatos são os 80-90 anos (25% dos respondentes com gatos) e os 20-30 anos (24%). Entre os 30-40, 40-50 e 50-60 anos e para cada intervalo considerado as percentagens de pessoas com estes animais situam-se entre os 21 e os 22%. O valor mais distante dos anteriores é o que se refere aos 60-70 anos, com 14,3% dos respondentes com gatos (sendo este o valor mais baixo no caso dos gatos).

Dos restantes animais pode destacar-se a posse de tartarugas ou cágados em 5,7% das respostas correspondentes ao intervalo 20-30 anos, bem como em 4% das respostas dos 50 aos 60 anos. Aproximadamente 3% dos respondentes entre os 40-50 anos também tem estes animais, assim como 1,9% e 1,2% dos respondentes entre os 30-40 e os 10-20 anos, respetivamente. Após os 60 anos não se observou a presença de tartarugas/cágados enquanto animal de companhia dos respondentes.

Relativamente a outros animais pode mencionar-se a posse de coelhos por 1% dos respondentes de cada um dos seguintes intervalos de idades: 10-20, 30-40 e 40-50 anos. Além disso, também os porquinhos da índia são animais de companhia de 0,6% das pessoas com 40-50 anos e de 1,1% das pessoas entre os 20-30 anos.

- Associação da idade e a posse de aves e de peixes

As figuras seguintes representam o número de respondentes que, para cada intervalo de idades, possui ou não possui aves (Figura 3.30) e peixes (Figura 3.31). Além disso, indica-nos as percentagens internas para cada intervalo de idades e representa o intervalo de confiança de 95% para estes valores.

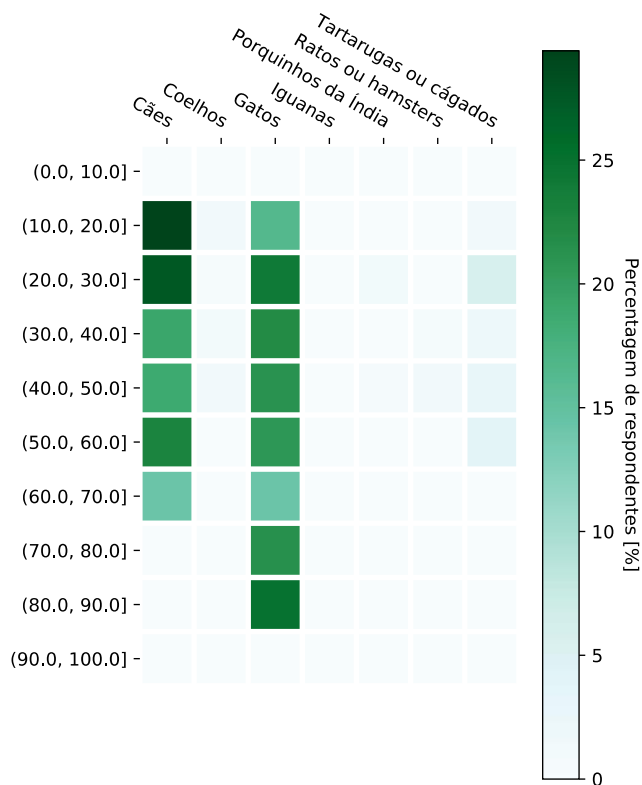


Figura 3.29 - Percentagem de respondentes de cada intervalo de idades com cada animal

O intervalo de idades que apresenta maior percentagem interna de respondentes com aves (Figura 3.30) é o de 80-90 anos, com 25% dos respetivos respondentes com aves. No entanto, o número de respondentes deste grupo é muito reduzido.

O intervalo 50-60 anos tem uma percentagem interna de respondentes com aves de 16,8%, ou seja, 16,8% dos respondentes que se incluem neste intervalo de idades têm aves. Com um valor semelhante está o intervalo 60-70 anos, para o qual se verifica que 16,7% dos seus respondentes têm aves. Dos adultos mais jovens, 20-30 anos, sabe-se que 15,2% têm este animal em casa, assim como 12,9% das pessoas que se incluem quer no intervalo 40-50, quer no intervalo 30-40 anos. Entre os 10-20 anos há cerca de 11,8% de respostas afirmativas e entre os mais idosos (70-80 anos) cerca de 7% têm aves.

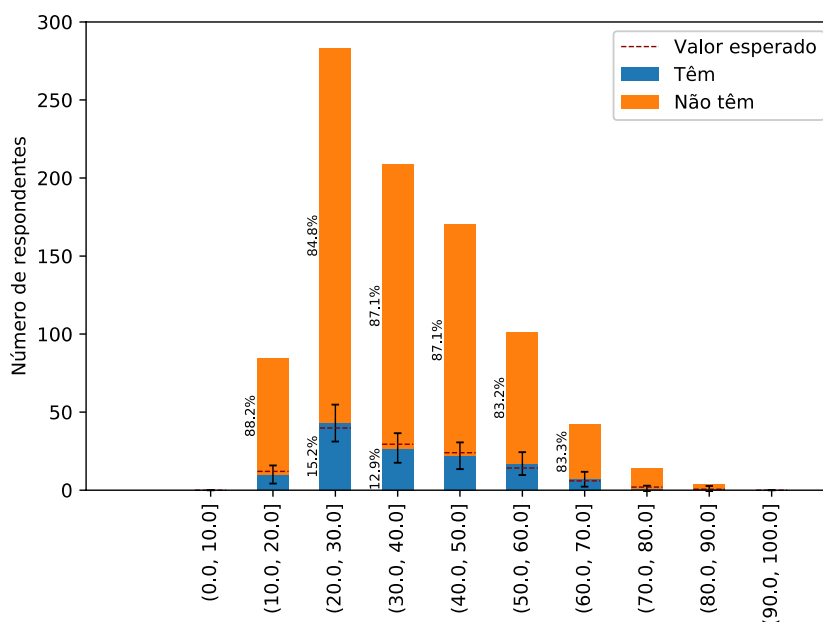


Figura 3.30 - Número e percentagem de respondentes de cada intervalo de idades que têm e não têm aves

De forma geral observa-se que as percentagens de respondentes com aves de cada intervalo de idades se encontram próximas dos valores esperados e que estes se encontram dentro dos intervalos de confiança.

No que diz respeito aos peixes (Figura 3.31) observa-se que os intervalos de idades que apresentam maior percentagem interna de respondentes com estes animais são os 50-60, com 11,9% dos respetivos respondentes com peixes; e o intervalo 10-20 anos, com 11,8%. Entre os 30-40 anos há 11% das pessoas com estes animais, e entre os 40-50 anos 10%. Abaixo desta percentagem, mais concretamente com 8,5%, 7,1% e 2,4% dos respetivos respondentes a afirmarem

ter peixes em casa estão os intervalos de idades 20-30, 70-80 e 60-70 anos, respetivamente. Dos 80 aos 90 anos não se verificou a presença destes animais.

De facto, as percentagens de respondentes com peixes para cada intervalo de idades mostram-se próximas do valor esperado.

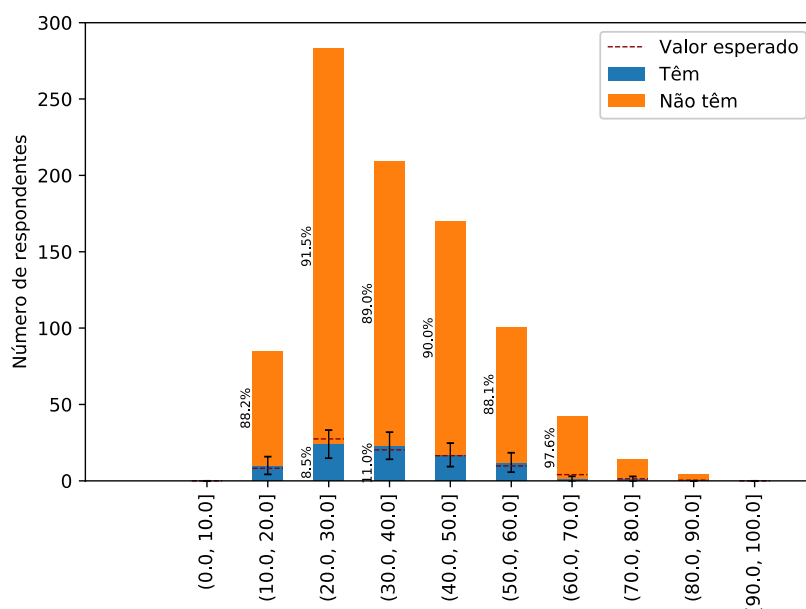


Figura 3.31 - Número e percentagem de respondentes de cada intervalo de idades que têm e não têm peixes

- Associação da presença de crianças no agregado e a posse de animais de companhia no geral

Relativamente à associação posse de animais-presença de crianças (0-9 anos) no agregado familiar são aqui fornecidas duas perspetivas: a primeira mostra-nos que percentagem dos respondentes que têm animais de companhia conta com a presença de crianças no agregado familiar (Figura 3.32); enquanto a segunda mostra a perspetiva inversa, ou seja, dos respondentes que tem crianças no agregado, qual a percentagem que tem animais de companhia (Figura 3.33).

Sendo assim, com base na Figura 3.32, observa-se que 11,6% dos respondentes têm animais e têm crianças no agregado familiar. Isto representa 14,8% dos respondentes que têm animais (78,2% do total de habitantes de Aveiro com animais). Dos respondentes que não têm animais (21,8%) calcula-se que 21,1% tenham crianças no agregado, ou seja, 4,6% dos respondentes de Aveiro não têm animais e têm crianças no agregado familiar.

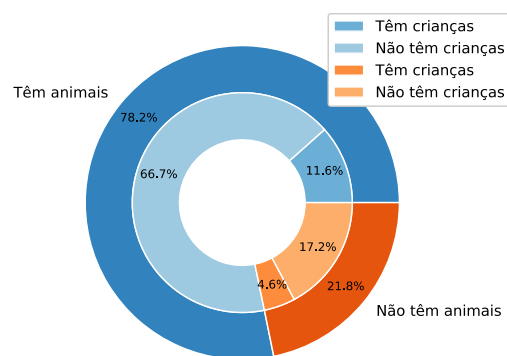


Figura 3.32 - Associação da posse ou não de animais e a presença ou ausência de crianças no agregado familiar

Com base na perspetiva inversa (Figura 3.33) observa-se que 11,6% dos respondentes têm crianças no agregado familiar e têm animais de companhia, o que nos diz que 71,6% dos respondentes que têm crianças (16,2% do total de respondentes de Aveiro) também têm animais. Por outro lado, 66,7% dos inquiridos não têm crianças no agregado e têm animais de companhia, o que corresponde a 79,5% das pessoas sem crianças no agregado familiar (83,8% do total de respondentes de Aveiro). Sendo assim, as pessoas que não têm crianças no agregado familiar têm maior tendência a ter animais de companhia (79,5%) do que quem tem crianças (71,6%).

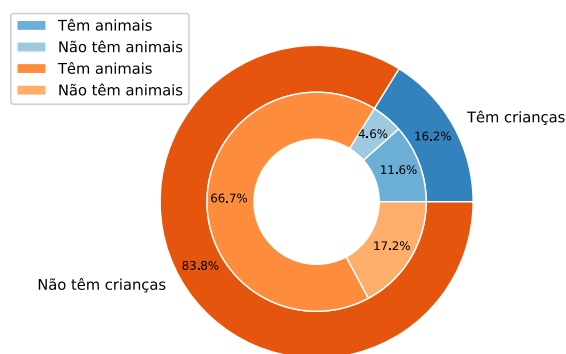


Figura 3.33 - Associação da presença ou ausência de crianças no agregado familiar e a posse ou não de animais

- Associação do nível de escolaridade e a posse de animais de companhia

A Figura 3.34 representa o número de respondentes que, para cada nível de escolaridade, possui ou não animais de companhia. Além disso, indica-nos as percentagens internas para cada nível de escolaridade e representa o intervalo de confiança de 95% para estes valores. Isto significa

que temos 95% de confiança que, em estudos similares, a percentagem de pessoas com animais de companhia para cada nível de escolaridade estará dentro do intervalo representado.

Verifica-se, numa abordagem geral, que praticamente 90% dos respondentes com nível de escolaridade do 9º ano têm animais de companhia. A percentagem seguinte, de maior valor, corresponde a 80% dos respondentes que têm o 12º ano de escolaridade. Logo de seguida temos 77% das pessoas com o 6º ano de escolaridade e 76% das que têm o ensino superior com animais em casa. Relativamente a quem tem o 4º ano de escolaridade há 61% destas pessoas com animais.

Os valores esperados de respondentes com animais para cada nível de escolaridade estão contidos no intervalo de confiança em todos os casos.

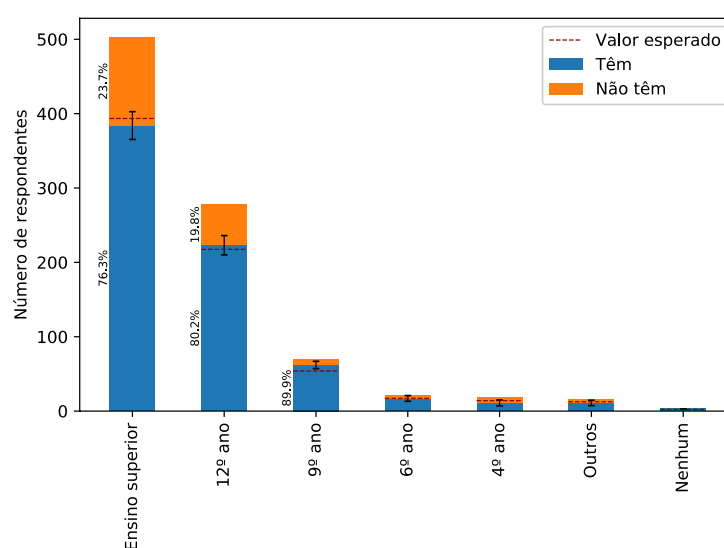


Figura 3.34 - Número de respondentes que têm ou não animais de companhia segundo o nível de escolaridade

As figuras seguintes representam o número de respondentes que, para cada nível de escolaridade, possui ou não possui aves (Figura 3.35) e peixes (Figura 3.36). Além disso, indica-nos as percentagens internas para cada nível de escolaridade e representa o intervalo de confiança de 95% para estes valores.

No que diz respeito às aves estas são mais frequentes entre os respondentes com o 6º ano, com 27% destes com estes animais, seguidos das pessoas com o 4º ano, com 22% com aves, e do 9º ano com 20%. Aproximadamente 16% das pessoas com o 12º ano afirmaram ter aves, bem como 11% das que têm o ensino superior. As pessoas que assinalaram o nível “outros” apresentam 18,8% de respostas afirmativas quer no caso da posse de aves quer no caso da posse de peixes.

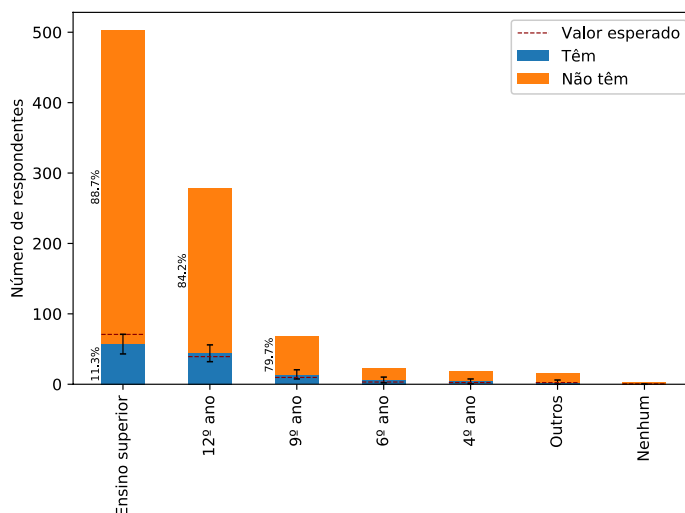


Figura 3.35 - Número de respondentes que têm ou não têm aves segundo o nível de escolaridade

O nível de escolaridade cuja percentagem de respondentes com aves se aproximou mais do valor esperado foi o 12º ano e o que apresentou a maior diferença foi o ensino superior (que está no limite do intervalo de confiança).

Relativamente aos peixes as percentagens mostram-se mais baixas do que as anteriores (sobre as aves) e os dados revelam que 18% dos respondentes com o 6º ano de escolaridade têm

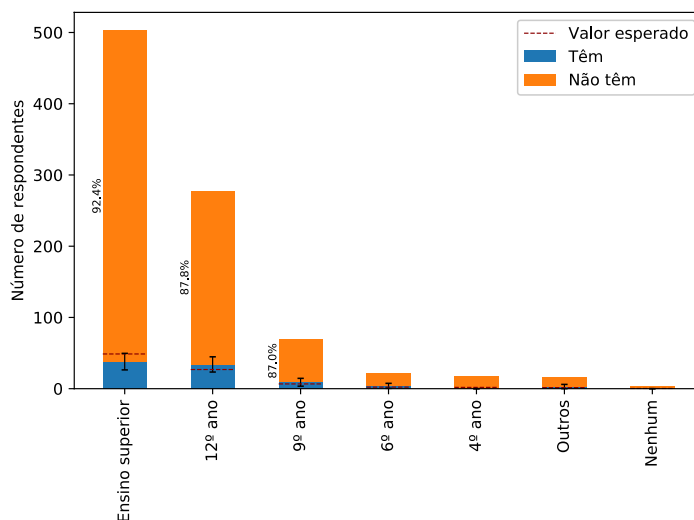


Figura 3.36 - Número de respondentes que têm ou não têm peixes segundo o nível de escolaridade

peixes, sendo este o segundo valor mais elevado dentro dos níveis de escolaridade. Dentro do grupo que apresenta o 9º ano de escolaridade 13% dos respondentes afirmam ter estes animais, assim como 12% de quem tem o 12º ano. Das pessoas que têm o ensino superior apenas 7,6% têm peixes e os restantes níveis (4º ano e nenhum) apresentaram valores nulos.

No caso dos peixes verifica-se, segundo a Figura 3.36, que os valores esperados estão contidos nos intervalos de confiança. Pode salientar-se novamente o facto de o valor esperado respetivo ao 12º ano de escolaridade estar no limite do intervalo de confiança.

- Associação da profissão e posse de animais de companhia

As seguintes figuras representam o número de respondentes que, para cada profissão, possui ou não possui animais de companhia no geral (Figura 3.37), aves (Figura 3.38) e peixes (Figura 3.39). Além disso, indica-nos as percentagens internas para cada profissão e representa o intervalo de confiança de 95% para estes valores. Isto significa que temos 95% de confiança que, em estudos similares, a percentagem de pessoas com estes animais para cada profissão estará dentro do intervalo representado.

A partir da análise das primeiras 4 profissões melhor representadas (em termos de número de respondentes) na Figura 3.37 observa-se que a grande maioria dos estudantes, 72,9%, tem animais de companhia. O grupo “outros” apresenta 79% dos seus respondentes com animais; os funcionários públicos têm uma percentagem de 78 e os assistentes de loja cerca de 84,7%. Das restantes e de acordo com uma ordem decrescente observa-se que a profissão com percentagem mais elevada foi a dos enfermeiros com 92,9% de profissionais com animais, seguidos dos escriturários, com 90,5%. Logo de seguida encontram-se os investigadores com 90% e os operários com 86,7%. Depois, 84,6% dos auxiliares de ação educativa e 84,2% dos desempregados. Com 81,2% dos respondentes com animais temos os empregados domésticos e com cerca de 78% os empresários. Deste valor passamos para cerca de 75,7% dos professores com resposta afirmativa e aproximadamente 71% quer dos contabilistas quer dos engenheiros. Os informáticos e os aposentados apresentam as percentagens mais baixas, ainda assim representando uma maioria, com aproximadamente 61% dos respetivos respondentes com animais em ambos os casos.

Os valores esperados das percentagens de respondentes com animais para cada profissão encontram-se dentro dos intervalos de confiança respetivos.

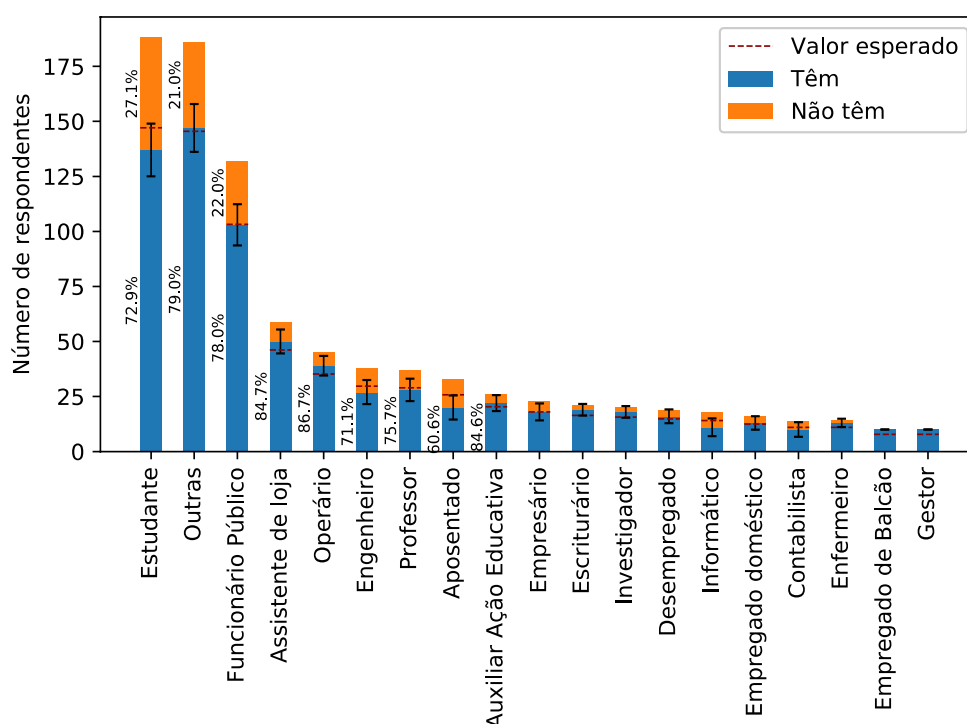


Figura 3.37 - Associação do número de respondentes de cada profissão e a posse ou não de animais de companhia

Na Figura 3.38 observa-se que a posse de aves decorre mais frequentemente entre as profissões empregado de balcão e gestor, ambos com 30% dos respondentes com estes animais. Contudo, estas amostras têm um número de respondentes inferior a 25, pelo que são muito pequenas. Já com um número de respondentes mais elevado e com uma percentagem de respondentes próxima à mencionada temos os operários, com 28,9% de respostas afirmativas para a posse de aves, seguidos dos desempregados com 26,3%. Cerca de 25% dos investigadores respondentes têm aves, bem como 23,8 e 21,7% dos escriturários e empresários, respetivamente. Os estudantes, que representam uma grande parcela da amostra total das profissões, apresentam 13,3% de respondentes com aves. As profissões que apresentaram uma posse de aves inferior a 10% foram a função pública, os professores, os informáticos e os engenheiros, sendo que entre os contabilistas ninguém afirmou ter estes animais.

Neste caso a profissão cuja percentagem de respondentes com aves mais se afasta do valor esperado é a dos engenheiros, estando este valor fora do intervalo de confiança. Verifica-se a mesma tendência quando se associa a profissão ao número de respondentes com peixes.

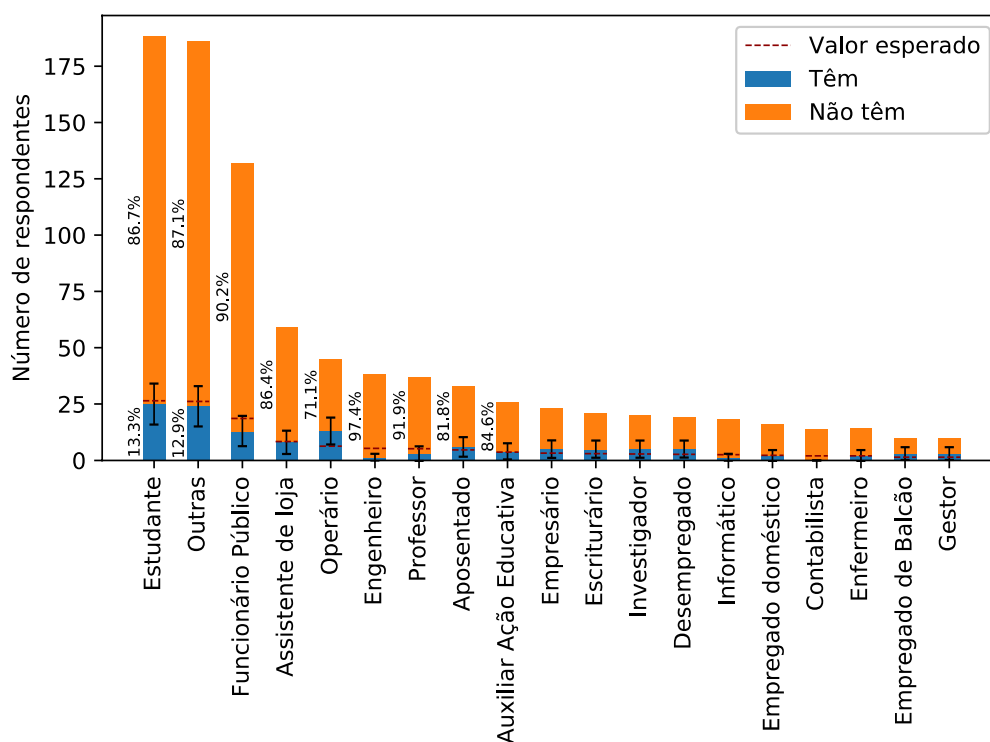


Figura 3.38 - Associação do número de respondentes de cada profissão e a posse ou não de aves

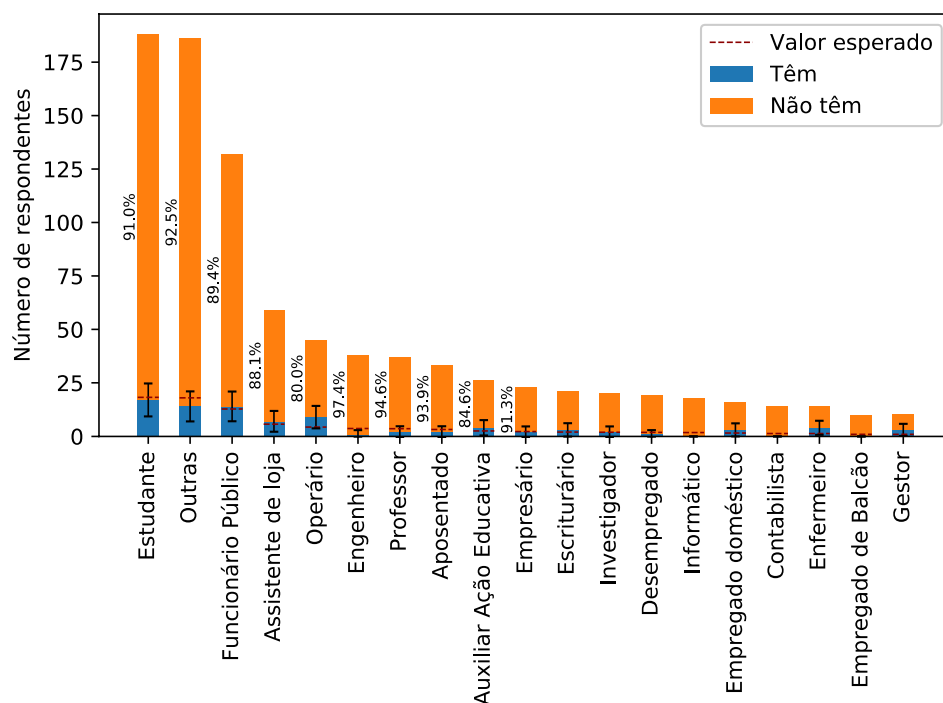


Figura 3.39 - Associação do número de respondentes de cada profissão e a posse ou não de peixes

No que diz respeito aos peixes (Figura 3.39) e considerando um número de respondentes superior a 25, a profissão que apresenta uma percentagem de respondentes com peixes mais elevada é a dos operários, com 20% dos mesmos com estes animais. 15,4% dos auxiliares de ação educativa também têm peixes em casa, seguidos dos assistentes de loja com 11,9%. As profissões representadas por maior número de respondentes, ou seja, os estudantes e os funcionários públicos apresentaram, respetivamente, 9 e 10,6% dos seus respondentes com peixes enquanto animal de companhia.

- Associação do tipo de habitação com a posse de animais de companhia

A Figura 3.40 diz respeito à associação da posse de animais em geral (incluindo aves e peixes) com o tipo de habitação. Observa-se que 46,5% dos respondentes habitam numa casa e têm animais de companhia, o que representa 86,6% dos respondentes que moram em casas (53,7% do total de respondentes de Aveiro). De quem mora em apartamentos (45,3% do total) sabe-se que 68,9% tem animais, o que representa 31,2% do total de respondentes de Aveiro.

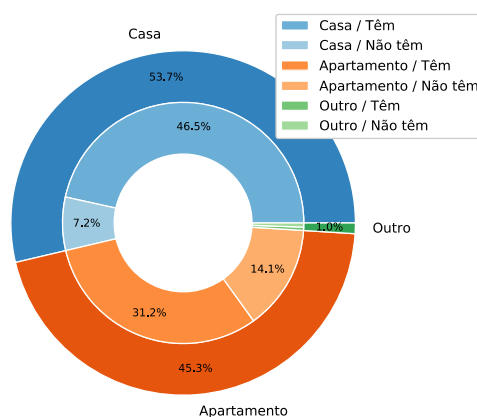


Figura 3.40 - Associação do tipo de habitação dos respondentes e a posse ou não de animais de companhia

Relativamente à posse de aves (Figura 3.41) verificou-se que 11,4% dos respondentes habitam numa casa e têm estes animais, o que corresponde a 21,2% dos aveirenses que moram em casas. Da mesma forma, há 2,6% de respondentes que habitam num apartamento e têm aves de companhia, o que representa 5,7% das pessoas com este tipo de habitação.

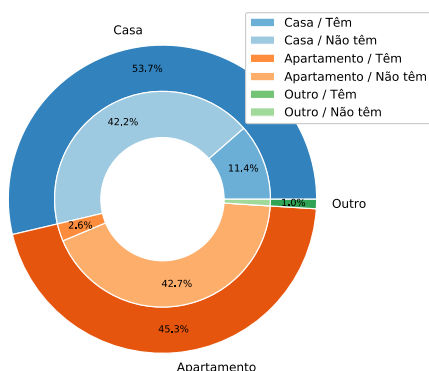


Figura 3.41 - Associação do tipo de habitação dos respondentes e a posse ou não de aves

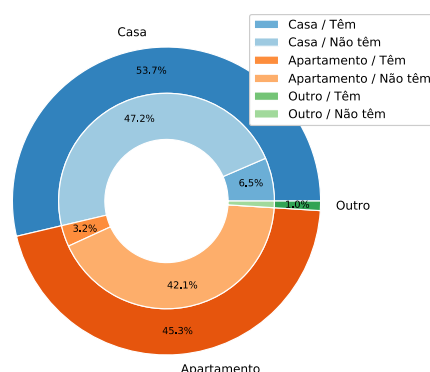


Figura 3.42 - Associação do tipo de habitação dos respondentes e a posse ou não de peixes

A Figura 3.42, relativa à posse de peixes, demonstra que 6,5% das pessoas que responderam ao inquérito moram numa casa e têm peixes, o que representa 12% de quem reside em vivendas. A viver num apartamento e com peixes enquanto animal de companhia tem-se 3,2% dos respondentes, correspondentes a cerca de 7% das pessoas com este tipo de habitação (45,3% do total de respondentes de Aveiro).

- Associação da presença de espaços exteriores na habitação e a posse de animais

De acordo com os dados já calculados anteriormente (na Figura 3.11) sabe-se que 89,1% dos respondentes tem algum espaço exterior na sua habitação e 10,9% não tem qualquer espaço exterior.

A Figura 3.43 representa o número de respondentes que possui ou não animais de companhia de acordo com cada espaço exterior presente na sua habitação. Além disso, indica-nos as percentagens internas de respondentes com e sem animais para cada espaço exterior e representa o intervalo de confiança de 95% para estes valores. Isto significa que temos 95% de confiança que, em estudos similares, a percentagem de pessoas com animais de companhia para cada espaço exterior da habitação estará dentro do intervalo representado.

A sua análise revela que, para os animais de companhia no geral, 90,6% dos respondentes que têm uma horta na sua habitação tem animais de companhia, seguidos de 88,8% das pessoas que têm um quintal. Logo de seguida, 87,5% dos respondentes com um terraço na habitação têm animais de companhia, assim como 87,1% dos que têm um pátio. Cerca de 86% das pessoas que têm uma quinta na sua habitação possuem animais, sendo este mesmo valor muito semelhante para as

peessoas que têm um jardim. Relativamente a quem possui uma varanda em casa, cerca de 77,7% tem pelo menos um animal. Dos respondentes que não têm nenhum espaço exterior (10,9% do total) 57,6% tem algum animal de companhia em casa.

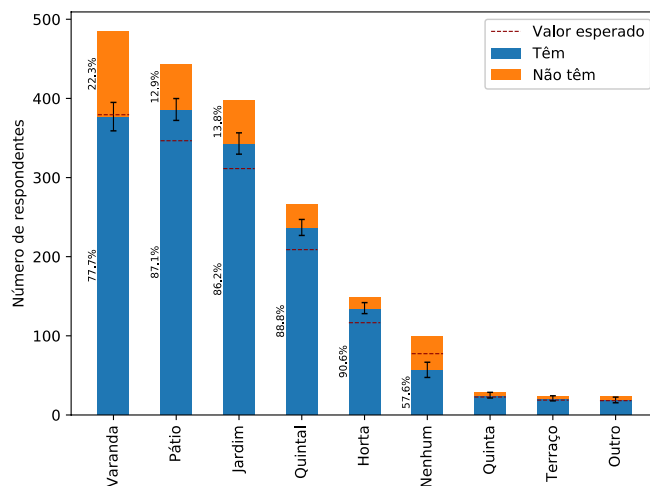


Figura 3.43 - Número e percentagem de respondentes com e sem animais de companhia por cada espaço exterior presente na habitação

Segundo a figura, a presença de varanda é o fator cuja percentagem de respondentes com animais se revela próxima do valor esperado. No que diz respeito aos restantes espaços exteriores, os valores esperados não estão contidos no intervalo de confiança.

As seguintes figuras representam o número de respondentes que possui ou não possui aves (Figura 3.44) e peixes (Figura 3.45), de acordo com cada espaço exterior presente na sua habitação.

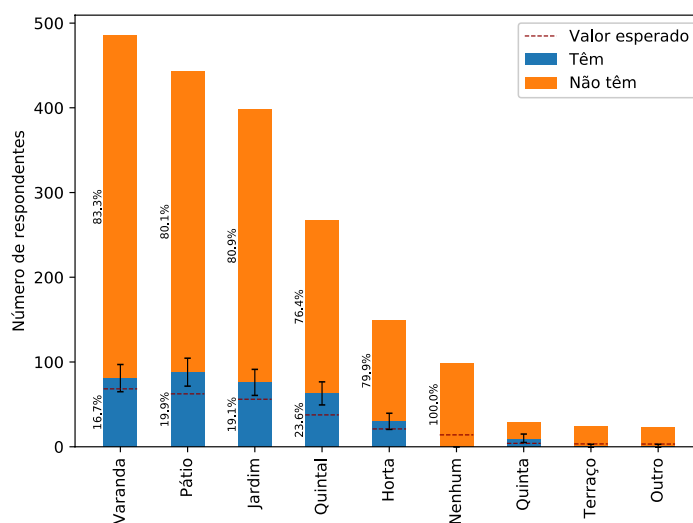


Figura 3.44 - Número e percentagem de respondentes com e sem aves por cada espaço exterior presente na habitação

Além disso, indicam-nos as percentagens internas de respondentes com e sem animais para cada espaço exterior e representa o intervalo de confiança de 95% para estes valores.

Relativamente às aves, da Figura 3.44 infere-se, em primeiro lugar, que dos respondentes que não têm qualquer espaço exterior em casa, nenhum apresenta este animal de companhia. Por outro lado, o espaço exterior mais frequentemente associado à posse de aves foi a quinta, com 34,5% das pessoas que efetivamente têm uma quinta a afirmarem ter aves de companhia. 23,6% dos respondentes que têm um quintal na sua habitação também possuem aves, bem como 20% dos que têm uma horta. Com uma percentagem próxima desta última verifica-se que 19,9% e 19,1% dos respondentes com pátio e com jardim, respetivamente, têm aves de companhia. Observam-se ainda 16,7% de respostas afirmativas para a posse de aves por parte dos respondentes que apresentam pelo menos uma varanda na sua habitação, enquanto “outros espaços exteriores” e o terraço correspondem a percentagens de, aproximadamente, 4% cada um.

À semelhança do caso anterior, para quase todos os espaços exteriores se verifica que os valores esperados não estão contidos nos intervalos de confiança. Os únicos valores que se situam dentro do intervalo de confiança (no limite) correspondem à presença de varanda e de horta na habitação.

No que diz respeito aos peixes (Figura 3.45) verifica-se que 20,7% das pessoas que têm uma quinta têm peixes como animal de companhia. Depois, 15,4% das pessoas que possuem uma horta, 12,8% das que têm um jardim e 12,4% das que têm um pátio também têm peixes. Cerca de 12% dos respondentes que têm quintal e 10% dos que têm varanda deram uma resposta afirmativa, bem como 8% das pessoas que têm terraço e 4% de quem tem outro tipo de espaço exterior não

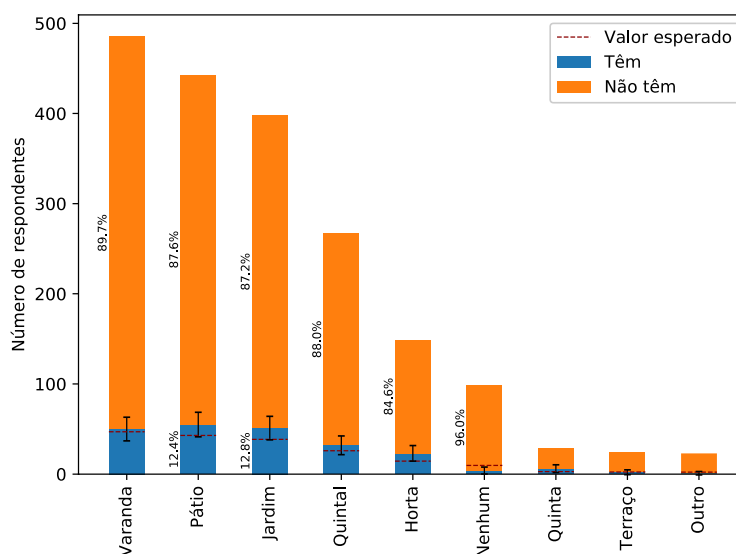


Figura 3.45 - Número e percentagem de respondentes com e sem peixes por cada espaço exterior presente na habitação

especificado (ver descrição da Figura 3.11). Ao contrário do que acontece com as aves no caso da inexistência de um espaço exterior, aqui observa-se que há algumas pessoas (4%) que, sob a mesma condição, possuem peixes.

Discordante dos casos anteriores, aqui observa-se que, geralmente, os valores esperados da percentagem de respondentes com peixes (de acordo com a presença de cada espaço exterior) se encontram dentro dos intervalos de confiança.

- Associação da posse de animais e o hábito de alimentar animais de rua

As duas figuras abaixo representados surgem no seguimento da Figura 3.12, sobre o hábito de alimentar animais de rua.

A Figura 3.46 representa a percentagem dos respondentes que (1) costuma alimentar animais de rua e tem (ou não tem) animais de companhia e (2) a percentagem dos respondentes que não costuma alimentar animais de rua e tem (ou não tem) animais de companhia. Observa-se que 36,5% dos respondentes têm este hábito de alimentar animais de rua e têm, concomitantemente, animais de companhia. Este valor diz-nos que 88,8% das pessoas que costumam alimentar animais de rua têm também animais de companhia. Além disso, verifica-se que 41,7% dos respondentes não têm este hábito e têm animais de companhia. Isto significa que 70,8% das pessoas que não costumam alimentar animais de rua têm, apesar disso, animais de companhia em sua casa.

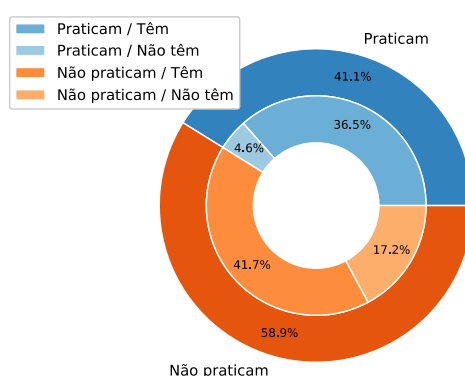


Figura 3.46 - Percentagem de respondentes que costuma alimentar animais de rua e tem (ou não tem) animais de companhia

Na Figura 3.47 podem observar-se dois tipos de informação. Considerando as pessoas que costumam alimentar animais de rua, pode observar-se: (i) que número/percentagem alimenta gatos,

cães, aves ou outros e (ii) quantas dessas pessoas têm esse mesmo animal como animal de companhia (percentagens internas de cada subgrupo analisado).

Cerca de 30% destes respondentes alimentam gatos de rua, dos quais 75,6% têm efetivamente gatos em casa enquanto animal de companhia.

Os cães de rua são alimentados por cerca de 25% dos respondentes considerados e, destes, aproximadamente 76% têm cães enquanto animal de companhia.

Quanto às aves estas são alimentadas por cerca de 12% das pessoas com este hábito e cerca de 26,4% destas têm aves de companhia.

A classe “outros” incluiu respostas como peixes, “sempre que vejo” e “se aparecerem na minha rua, quintal ou jardim”.

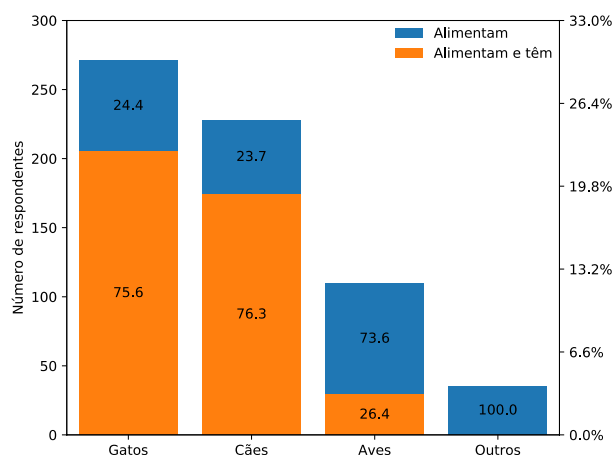


Figura 3.47 – Número de respondentes que alimenta cada animal de rua e associação com a posse desses mesmos animais pelos respondentes

3.1.2 Análise da pergunta de resposta aberta

Para identificação do motivo/razão que levou a pessoa inquirida a adotar o(s) seu(s) animal(is) a pergunta foi deixada em aberto. Existiram muitas respostas com “palavras-chave” semelhantes e que estão representadas na Figura 3.48. O tamanho da letra é proporcional à quantidade de vezes que a palavra foi mencionada pelos inquiridos. Nota-se que a palavra *companhia* foi a mais utilizada e, efetivamente, a razão predominantemente apontada para adoção dos animais pelos inquiridos. O *gosto* e o *amor* também revelam menção frequente, bem como o *adoro*, a *família*, a *casa* e o *amigo*.



Figura 3.48 - Ilustração das razões que levam os respondentes a ter animais com base na pergunta de resposta aberta

A *alegria* e a *vida*, a par com o *companheiro/companheirismo*, o *melhor*, o *afeto* e o *carinho* também foram palavras muito utilizadas nesta resposta.

Seguem, assim, algumas respostas exemplificativas:

- “Adoro animais, fazem imensa companhia, são divertidos, enchem de alegria uma casa”
- “Antistress, lazer familiar, despertar de bons sentimentos e emoções, partilha e união familiar, foco de convergência familiar...”
- “O meu cão é um membro da família. Entregou-me o seu coração sem pedir nada em troca. “Não importa quais são as suas posses. Ter um cão, torna-o rico”. ”
- “Primeiro porque não fui eu que a escolhi, mas sim ela é que me escolheu, e não me arrependo de ter ficado com ela, porque de facto os animais são do melhor, dão-nos mais do que qualquer ser humano dá a outro ser humano! Eles são de uma humildade, proporcionam momentos felizes, são amigos e estão sempre prontos para brincadeiras, aventuras, etc...”
- “Fui adotado por eles.”

Segundo a codificação de fatores motivacionais estabelecida na introdução (Tabela 1.1), cada resposta foi então associada a um fator, de acordo com a razão (para ter animais) refletida na mesma. Verifica-se, segundo a Figura 3.49, que os fatores de companhia e de felicidade foram

apontados pela maioria dos respondentes (aproximadamente 400). De seguida, o fator da saúde mental foi mencionado por cerca de 150 respondentes, seguido do sentido de utilidade e de questões relacionadas com a família. Os fatores funcionais utilitários/de proteção e os considerados “passatempo” foram referidos, cada um deles, por menos de 50 respondentes.

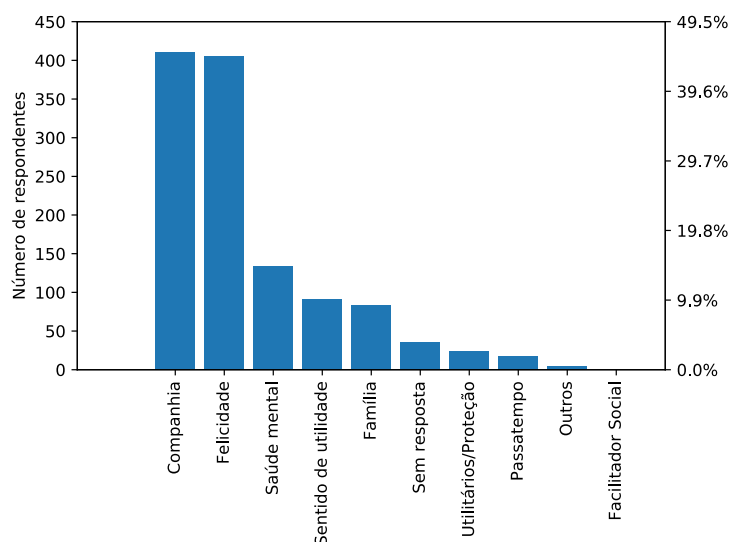


Figura 3.49 – Número de respondentes com animais que assinalou cada um dos fatores motivacionais para adoção destes

A Figura 3.50 é complementar à anterior e representa

- (i) O número de respondentes que possui animais e cujas respostas se refletiram nos diferentes fatores motivacionais para adoção de animais de companhia.
- (ii) Devido à relevância da posse de aves e peixes no âmbito deste trabalho, representa a distribuição dos respondentes segundo a posse destes animais. Especificamente, os respondentes foram distribuídos em quatro grupos, aqueles que têm: (a) aves e peixes, (b) só aves, (c) só peixes e (d) nenhum destes animais.

Para uma melhor compreensão da figura a Tabela 3.4 apresenta a percentagem interna dos diferentes grupos estudados. Dado o facto de nenhum respondente ter identificado a posse de animais como facilitador social, a tabela não apresenta informação no que se refere a este fator. Analogamente, existem grupos que não aparecem em alguns dos fatores (por exemplo, o grupo (a) aves e peixes, não aparece no fator “Saúde Mental”). Isto deve-se, provavelmente e em grande medida, à reduzida percentagem geral deste grupo na amostra total de indivíduos com animais na região de Aveiro (<4%). De forma geral a figura não evidencia tendências à identificação de um ou outro fator nos grupos analisados, mantendo de forma aproximada a distribuição percentual destes

grupos. O único aspeto relevante é o caso da identificação de Família por respondentes que possuem peixes e não aves.

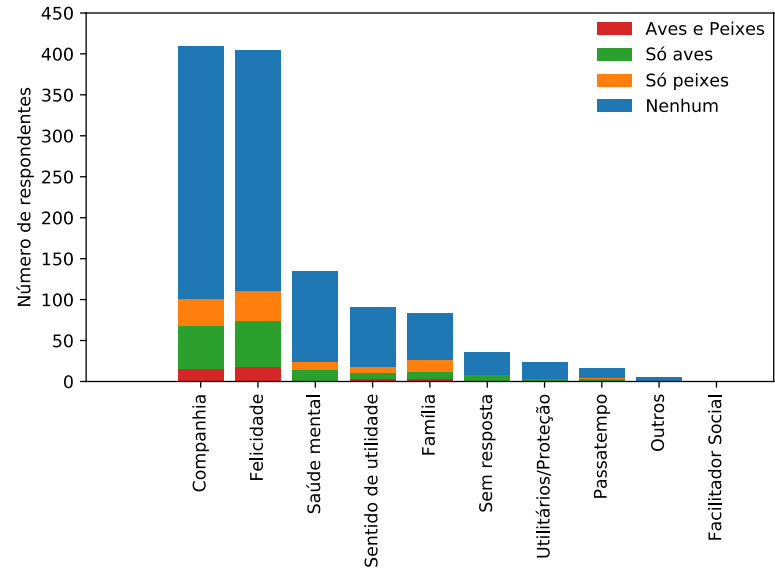


Figura 3.50 - Percentagem de respondentes que identificou cada fator motivacional com distinção de quem possui apenas aves, apenas peixes, ambos ou nenhum

Tabela 3.4 - Percentagem interna dos diferentes grupos estudados na Figura 50

	Companhia	Felicidade	Saúde	Sentido	Família	Sem	Utilitários	Passatempo	Outros	Facilitador
Aves e Peixes	3.90	4.44	0.00	3.30	3.61	2.78	0.00	5.88	0.00	-
Só aves	12.68	13.83	10.45	8.79	10.84	22.22	12.50	11.76	20.00	-
Só peixes	8.05	9.14	7.46	7.69	16.87	0.00	4.17	11.76	0.00	-
Nenhum	75.37	72.59	82.09	80.22	68.67	75.00	83.33	70.59	80.00	-

3.2 Resultados da abordagem qualitativa

Este capítulo apresenta os resultados da abordagem qualitativa do trabalho, correspondente às entrevistas. O principal objetivo passa por complementar as informações obtidas na pergunta de resposta aberta do inquérito. Efetivamente, tentaram explorar-se quer os motivos que levaram à adoção das aves/dos peixes, quer a relação atual dos donos com eles. Dado o foco do trabalho, as informações apresentadas são limitadas aos respondentes que têm aves e/ou peixes (podendo apresentar outros animais em simultâneo). As 15 entrevistas apresentadas foram, assim, realizadas a 9 respondentes que têm aves e a 6 que têm peixes, sendo que 4 têm ambos. Estas desenvolveram-se de acordo com a disponibilidade dos participantes (hora do dia e local) e procedeu-se à gravação das mesmas, com o devido consentimento informado.

A cada entrevista foi atribuído um número, o qual é seguido de informações gerais dos entrevistados, tais como o sexo, a idade, a profissão, os animais presentes na habitação e o agregado familiar. São apresentadas algumas citações consideradas relevantes e ilustrativas da relação dos donos com as suas aves/os seus peixes (as citações são apenas sobre estes animais). Além disso, apresenta-se a identificação dos fatores motivacionais para adoção e a caracterização da relação atual entre os donos e os animais.

Foram entrevistadas 10 pessoas do sexo feminino e 5 do sexo masculino. Os intervalos de idades situam-se entre os 21 e os 53 anos e são abrangidas 12 profissões distintas.

Entrevista nº1:

Sexo feminino, 24 anos, Estudante

Dona de 1 ave (1 caturra), 1 cão e 1 gato

Agregado familiar: 3 pessoas, sem crianças

Citações:

- *“É ótimo sentir que temos um ou mais seres em casa que gostam de nós tal e qual somos. Os momentos que nos proporcionam fazem-nos muitos dos nossos dias parecerem melhores (mesmo que não tenhamos isso presente na nossa consciência)”*
- *“Não a trocava por nada (...) ela preenche os meus dias. Muitas vezes as minhas pausas de trabalho são passadas com ela só para desfrutar daquele ser tão pequenino, mas que tem*

tanto para dar. Aquela expressão a olhar para mim, falar comigo como se me entendesse, “reclamar” quando me estou a ir embora... São sensações que me completam todos os dias”.

Fatores motivacionais identificados:

- Emocionais
 - Companhia – entretenimento, interação/relação recíproca;
 - Felicidade – afeto, realização pessoal;
 - Sentido de utilidade e responsabilidade – ter alguém para cuidar.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
 - Companhia – entretenimento, ter alguém que cumprimente na chegada a casa, interação/relação recíproca;
 - Felicidade – amizade, amor, afeto, realização pessoal;
 - Saúde mental e apoio emocional – contribuição para ultrapassar momentos mais difíceis;
 - Família – complemento familiar.

Entrevista nº2:

Sexo feminino, 51 anos, Secretária
Dona de 1 ave (caturra), 1 cão e 1 gato
Agregado familiar: 3 pessoas, sem crianças

Citações:

- *“Acho que ter uma ave é... Nunca imaginei que fosse algo tão extraordinário... Pelo menos esta caturra é muito, muito inteligente. Ela consegue dar-nos atenção, chama-nos para ela (...)”*
- *“Ela conhece o meu carro quando eu chego a casa. Fala para mim quando eu chego. Se eu estou em casa e chega alguém eu sei que chega alguém e quem é, porque a C. fala para cada um de forma própria. Acho que ela nos conhece muito bem a cada um de nós e interpreto o comportamento dela como carinho por cada um.”*
- *“Sinto que ela tem mais poder sobre mim. Não sei explicar, mas tem... E toda a gente que a conhece sabe que é verdade...”*

Fatores motivacionais identificados:

- Emocionais
Família – a pedido da filha.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
Companhia – entretenimento, ter alguém que cumprimente na chegada a casa, interação/relação recíproca;
Felicidade – amizade, amor, afeto, realização pessoal;
Saúde mental e apoio emocional – contribuição para ultrapassar momentos mais difíceis;
Família – complemento familiar.

Entrevista nº3:

Sexo masculino, 43 anos, Fotógrafo

Dono de 10 aves (rolas e caturras), 2 cães e 2 gatos

Agregado familiar: 2 pessoas, sem crianças

Citações:

- *“Os cuidados são os básicos, aquela interação de estar ali a pegar e assim não existe. Só quando passamos e falamos um bocadinho para elas. No campo a ligação é diferente porque temos muitos animais. Temos, mas acabamos por não ligar tanto como se fosse em cidade em que as pessoas só têm aquele animal porque têm como objetivo ter um animal de companhia.”.*

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais
Outros – oferta, mantém por/para outras pessoas.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Funcionais
Passatempo – passatempo propriamente dito;
Outros – mantém por/para outras pessoas.

Entrevista nº4

Sexo feminino, 27 anos, Operadora de máquinas

Dona de 1 ave (periquito), 3 peixes, 2 cães e 1 gato

Agregado familiar: 5 pessoas, sem presença de crianças

⇒ Sobre as aves

Citações:

- *(...) é maternal, não tenho vontade de ter filhos nem nada dessas coisas, mas com ele sinto algo maternal. Querer protegê-lo, só querer que ele esteja bem... Os picos de felicidade são quando ele quer vir para mim e estar comigo, dar beijinhos, a assobiar muito... Sentimos que eles gostam de nós!”*
- *“As vantagens que eu vejo são um bocado egoístas, porque são todas para mim. Ele é o amor da minha vida... É verdade! Da direção dele para mim ele sente essa ligação comigo porque eu basicamente impus essa ligação. Ele não teve outra experiência com outros periquitos por isso essa ligação que ele tem comigo é a necessidade natural que eles têm em criar ligação com algum ser. Ele só me conhece a mim, por isso, foi comigo...”*
- *“Para ele vejo mais desvantagens... Eles são dependentes de nós porque nós queremos que eles sejam dependentes. Dá-nos jeito... Muitas vezes nós é que nos sentimos sós ou à parte e temos necessidade de ter ali alguém incondicionalmente. É por nós... Penso muito naquela frase “Se amas deixa ir” ... Mas ao mesmo tempo não lhe dei as ferramentas que ele precisa para sobreviver fora da minha casa...”*
- *“Nunca pus a hipótese de ficar sem ele...”*

Fatores motivacionais identificados:

- Emocionais
 - Sentido de utilidade e responsabilidade – outras pessoas não podiam ficar com ele.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
 - Companhia – entretenimento, interação/relação recíproca;
 - Felicidade – amizade, amor, afeto, realização pessoal;
 - Saúde mental e apoio emocional – contribuição para ultrapassar momentos mais difíceis;

Família – complemento familiar.

⇒ **Sobre os peixes**

Citações:

- *“relaxante, a água, o movimento, o conjunto... Sem os peixes também não seria a mesma coisa, o movimento e as cores deles fazem a diferença quando estamos a olhar para o aquário.”*

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais
Passatempo – Motivos ornamentais.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Funcionais
Passatempo – Motivos ornamentais.
- Emocionais
Companhia – entretenimento.

Entrevista nº5

Sexo feminino, 24 anos, nutricionista

Dona de 3 aves (Agapornis) e 3 gatos

Agregado familiar: 4 pessoas, sem presença de crianças

Citações:

- *“É digno vê-los tomar banho quando ponho o chuveirinho por cima deles (...) Notarmos a satisfação deles, eles estarem à espera daquele momento e saberem que aquilo ia acontecer e ver a felicidade deles, é um dos melhores momentos. Eles dão-nos a entender o que sentem. Se eu não estiver cá e outra pessoa da família for lá fora eles ficam à espera do género “é ela que vem lá? Ela vem dar-nos banho?” E este entusiasmo, o que isto provoca em nós enquanto família.... É o momento em que se nota mais, é quando vão tomar banhinho.”*
- *“(...) quando vou lá fora e noto que eles estão comigo, que sentem que eu estou lá, que há uma interação, são os melhores momentos. É bom sentir que não lhes sou indiferente. Acho que lhes faço diferença e isso é bom.”*

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais

Outros – oferta.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
 - Companhia – entretenimento, interação;
 - Felicidade – amizade, amor, afeto;
 - Sentido de utilidade e responsabilidade – ter alguém para cuidar;
 - Família – complemento familiar.

Entrevista nº6

Sexo feminino, 53 anos, Secretária

Dona de 3 aves (Agapornis) e 3 gatos

Agregado familiar: 4 pessoas, sem presença de crianças

Citações:

- *“(...) há muito mais benefícios do que desvantagens. Uma pessoa privar-se de uma coisa ou outra em determinada altura (como as férias) não é nada comparado com o que tudo o que nós vemos e experienciamos com eles.”*
- *“Que circunstância é que podia levar a ficar sem os agapornis? Arranja-se sempre condições! Nem ponho essa hipótese, está completamente fora de questão. Nem dá-los a ninguém. Sem dúvida que é uma ligação muito forte.”*
- *“Nós dizemos “olha ali um pássaro” e o meu marido “Pássaro? Pássaro? Na melhor das hipóteses é uma ave! E depois cada ave tem um nome” como se tivéssemos dito uma grande barbaridade! É um amor gigante!”*

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais

Outros – oferta.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
 - Companhia – entretenimento, interação;
 - Felicidade – amizade, amor, afeto;
 - Saúde mental e apoio emocional – benefício para alguém específico da família;

Sentido de utilidade e responsabilidade – ter alguém para cuidar;
Família – complemento familiar.

Entrevista nº7

Sexo feminino, 53 anos, Bibliotecária,
Dona de 1 ave (canário) e 2 cães
Agregado familiar: 2 pessoas, sem presença de crianças

Citações:

- *“Sempre fui criada com animais e sempre adorei animais.”*
- *“(...) é uma companhia, é um rádio que tenho lá em casa. Falo para ele, estou a lavar a louça por exemplo e falo para ele... Ele comporta-se de igual forma comigo e com o meu marido e mesmo com outras pessoas que vão lá para casa.”*
- *“Ele dá outra atmosfera lá em casa, é uma alegria (...) Quando ele mudou as penas e não cantava tanto notou-se logo a diferença!”*
- *“Era uma desgraça outra vez se ficasse sem o meu J.. Se tivesse que ficar sem ele? Mas a gaiola cabe em qualquer sítio! Ia sempre comigo!”*
- *“É mesmo um membro da família.”*

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais
Outros – oferta.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
Companhia – evitar solidão, entretenimento;
Felicidade – amizade, afeto;
Família – tradição familiar e complemento familiar.

Entrevista nº 8

Sexo masculino, 54 anos, Enfermeiro
Dono de 4 aves, 1 cão, 2 gatos e 1 tartaruga
Agregado familiar: 2 pessoas, sem presença de crianças

- *“Quando me sinto melhor é quando eles cantam. É uma harmonia diferente, mais do que quando o papagaio fala, é quando eles cantam. É tão bom. É por isso que os tenho.”*
- *“Tendo as aves chegar a casa e ocupar-me um bocadinho com eles é diferente do dia-a-dia, da labuta e do stress diário... a calma, gostar do chilrear... esses momentos são diferentes. Sinto-me bem, gosto muito, gosto quando me levanto mais cedo de manhã e acendo as luzes e eles começam logo a cantar parece que dão os bons dias. O dia parece que fica logo diferente”.*

Fatores motivacionais identificados:

- Emocionais
Saúde mental e apoio emocional – benefício para alguém específico da família.
- Funcionais
Outros – oferta.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
Companhia – entretenimento;
Felicidade – afeto, realização pessoal;
Saúde mental e apoio emocional – benefício para alguém específico da família;
Família – complemento familiar.

Entrevista nº9

Sexo masculino, 30 anos, Investigador

Dono de mais de 20 aves (canários, pombas) e 1 gato

Agregado familiar: 3 pessoas, sem presença de crianças

Citações:

- *“A alimentação dos canários é feita com arroz do cultivo dos meus pais. O arroz que não está tão bom para vender é pilado e a minha mãe coze-o para dar aos canários (...) vão apanhar serralhas de propósito para eles, quando vê as ervas que eles gostam apanha e guarda para lhes ir dando... Não é só por ter, gosta de apanhar verdura e essas coisas para lhes dar, e como eles ficam felizes a comer aquilo os meus pais ficam todos contentes e sentem-se bem.”*

- *“(...) O meu pai e a minha mãe é que gostam mesmo de aves, gostam de ir ver as feiras de aves, não costumam participar em competições nem nada, mas sentem-se bem com as aves. Acho que lhes transmite paz de espírito. Quando acabava o trabalho (o pai) e não tinha nada para fazer começou a restaurar as gaiolas e depois continuou sempre, gosta de ver aquilo a ser aplicado e que as coisas estão bem feitas.”*

Fatores motivacionais identificados:

- Emocionais
 - Companhia – evitar solidão, entretenimento;
 - Felicidade – realização pessoal;
 - Família – tradição familiar.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Funcionais
 - Passatempo – motivos ornamentais/beleza do animal, passatempo propriamente dito.
- Emocionais
 - Felicidade – realização pessoal.

Entrevista nº10

Sexo feminino, 21 anos, Estudante

Dona de 2 aves (periquitos) e 1 peixe

Agregado familiar: 3 pessoas, sem presença de crianças

⇒ **Sobre as aves**

Citações:

- *“Não tenho assim muita ligação com os periquitos, não há muito para fazer com eles...”*
- *“Os periquitos, eu gosto deles, mas não acho assim muita piada para estar muito tempo com eles. Mas também estavam bem e não vejo nenhuma desvantagem em tê-los.”*

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais
 - Outros – oferta.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Funcionais

Outros – oferta.

⇒ Sobre os peixes

Citações:

- “(...) fui eu que quis, lembrei-me, fui a uma loja e comprei, dei-lhe um nome (...)” e considera que o peixe é “(...) muito calmo, transmite muita calma.”
- “Quando vou de fim de semana por exemplo tenho sempre a tendência de ir lá vê-lo e sentir essa mesma calma antes de sair e ir embora, gosto de o ver.”

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais
Passatempo – beleza do animal.
- Emocionais
Companhia – entretenimento.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
Companhia – entretenimento;
Felicidade – realização pessoal.

Entrevista nº11

Sexo masculino, 36 anos, GNR

Dono de 1 ave (canário), 3 peixes, 1 tartaruga, 2 cães

Agregado familiar: 3 pessoas, com presença de 1 criança

Citações:

- “Quanto às aves e aos peixes foi mesmo por motivos ornamentais (...) foi mesmo porque ficava bem naquele cantinho. Hoje os peixes acabam por ser um bocadinho mais por causa da criança” (criança de 1 ano e meio)
- “Eles (os peixes) não devem sentir muito essas coisas. Eu acho que os peixes sentem... fome! Mas sentimentos mesmo eu acho que não (...) É a fome e a alegria quando lhes dão as coisas básicas.”
- “Eu acho que estes peixes não distinguem um boi de uma pessoa (risos)”

- *“Não posso dizer que olhar para o aquário me transmita alguma emoção...”*
- *“Os peixes não falam nem nada, o canário esvoaça, canta, desenvolvemos outros laços, sentimos mais.”*

⇒ Sobre as aves

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais
Passatempo – motivos ornamentais, beleza dos animais.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
Companhia – entretenimento.
- Funcionais
Passatempo – motivos ornamentais, beleza dos animais.

⇒ Sobre os peixes

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais
Passatempo – motivos ornamentais, beleza dos animais.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
Família – benefício para as crianças.
- Funcionais
Passatempo – motivos ornamentais, beleza dos animais.

Entrevista nº12

Sexo feminino, 33 anos, Assistente técnica

Dono de 1 ave (canário), 3 peixes, 1 tartaruga, 2 cães

Agregado familiar: 3 pessoas, com presença de 1 criança

Citações:

- *“Eles (os peixes) são sensíveis, talvez noutros sentidos mais apurados, mais tácteis, os cheiros, o reconhecimento (...) A nível de inteligência têm diferenças de outros animais (...) mas sabem quando são os donos a dar comida ou não.”*

⇒ **Sobre as aves**

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais
Passatempo – motivos ornamentais, beleza dos animais.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
Companhia – entretenimento.
- Funcionais
Passatempo – motivos ornamentais, beleza dos animais.

⇒ **Sobre os peixes**

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais
Passatempo – motivos ornamentais, beleza dos animais.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
Companhia – entretenimento, interação;
Família – benefício para as crianças;
- Funcionais
Passatempo – motivos ornamentais, beleza dos animais.

Entrevista nº13

Sexo masculino, 51 anos, Engenheiro mecânico

Dono de 1 ave (caturra), 1 cão e 1 gato

Agregado familiar: 3 pessoas, sem presença de crianças

Citações:

- *“Esta ave tem uma ligação à pessoa em concreto. Não direi que é uma ligação sentimental, mas que há uma ligação há. Ou seja, que é possível estabelecer uma relação (entre aspas) com a ave, é. É possível estabelecer um foco de companhia, a ave ao responder aos nossos desafios é uma companhia.”*
- *“Ao movermos desafios ela não fica indiferente e essa resposta da parte dela estabelece um diálogo que desencadeia um efeito de companhia. Se eu estivesse sozinho em casa era*

diferente ter a ave e não ter (...) sozinho estava aqui absolutamente mudo, quieto, tendo a ave é possível comunicar com ela, é um elemento efetivo de companhia.”

- *“(…), ela tem um pressentimento, ela antes de me ver sabe que sou eu e adota a cantoria dela que é a atenção que ela me dedica a mim.”*
- *“A interação da caturra comigo é... É deslumbrante. Para mim e até para as pessoas que vêm cá a casa. Quando eu lhe movo o desafio e ela responde, é extraordinário. Ninguém está à espera que um passarinho como este tamanho quase tão insignificante no tamanho físico possa ter uma resposta destas.”*
- *“Sei que é fruto de um trabalho não propriamente científico, mas de uma recorrência de contacto, de proximidade com ela, de desafio, de comunicação... e ela (caturra) apreendeu isso e aprendeu a relacionar as coisas. Que grau de interligação, entendimento, ou seja do que for, é que isto tem, não te sei dizer... Todos os dias há interação, todos os dias antes de ela me ver ela já está a comunicar comigo. Não é um acaso. É impressionante.”*

Fatores motivacionais identificados:

- Emocionais
Família – a pedido da filha.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
Companhia – entretenimento, ter alguém que cumprimente na chegada a casa, interação/relação recíproca;
Felicidade – amizade, amor, afeto, realização pessoal;
Saúde mental e apoio emocional – contribuição para ultrapassar momentos mais difíceis;
Família – complemento familiar.

Entrevista nº14

Sexo feminino, 39 anos, Empregada Doméstica

Dona de 1 peixe e 3 gatos

Agregado familiar: 3 pessoas, sem presença de crianças

Citações:

- *“Os peixes são também uma companhia. Apesar de eles não falarem nem nada mas são uma companhia... Sabemos que temos ali um ser para cuidar, eu gosto. Eu acho que eles são tão inofensivos, que a gente até acaba por gostar deles, não fazem mal a ninguém...”*
- *“Quando nós estamos a ver televisão aquilo é que uma alegria, ele anda sempre à roda, sempre à roda... Nota-se bem quando a gente está lá. Nota-se que ele está feliz (...) até faz bolhinhas na água.”*

Fatores motivacionais identificados:

- Emocionais
Família – a pedido da filha.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais
Companhia – entretenimento;
Felicidade – amizade;
Sentido de utilidade – ter alguém para cuidar.

Entrevista nº15

Sexo feminino, 24 anos, Advogada

Dona de 1 peixe

Agregado familiar: 4 pessoas, com presença de crianças

Citações:

- *“Eu adoro peixes pois, além de serem uma ótima companhia, transmitem-me imensa calma e sinto-me mais próxima da natureza!”*
- *“Segundo o que dizem os peixes têm apenas 8 segundos de memória, portanto, eu acho que ele não sente a minha falta, nem se lembra!”*
- *“Os peixes são uma ótima companhia! E eu que vivo num apartamento, sinto-me muito mais próxima da natureza com eles por perto! Aprecio sempre a companhia dele, nomeadamente à noite, antes de ir dormir... Fico mais tranquila, mais relaxada.”*

Fatores motivacionais identificados:

- Funcionais
Outros – oferta.

Fatores que caracterizam a relação atual:

- Emocionais

Companhia: entretenimento.

Capítulo 4 Discussão dos resultados

4.1 Discussão dos resultados do inquérito

Esta secção apresenta uma discussão crítica dos resultados obtidos mediante a realização dos inquéritos. Inicialmente é apresentada uma visão geral das respostas obtidas. De seguida apresentam-se as informações sobre os inquiridos em associação com os respetivos dados sobre a posse de animais e também algumas informações mais específicas sobre o contexto de inserção das aves e dos peixes.

4.1.1 Análise geral das respostas:

Os resultados obtidos nos inquéritos demonstram uma tendência dos respondentes para a posse de animais de companhia numa relação aproximada de 4/1 (4 tem animais/1 não tem animais). Esta relação, de forma geral, mantém-se quando limitamos os resultados aos respondentes do município de Aveiro, para o qual a percentagem de respondentes com animais é de 78,2%. Tendo em conta a amostra e o número de respondentes de Aveiro podemos dizer com 95% de confiança que entre 75,5% e 80,9% da população da região tem animais de companhia.

Numa análise limitada à posse de aves e de peixes dos habitantes de Aveiro a relação “tem/não tem” passa a ser de, aproximadamente, 14/86 e 1/9, respetivamente. Em maior detalhe 14,08% (o intervalo de confiança de 95% é [11,82% - 16,34%]) destes respondentes têm aves e 9,68% (o intervalo de confiança de 95% é [7,76% - 11,60%]) têm peixes.

4.1.2 Sobre os inquiridos – associação de fatores e a posse de animais

Sobre o sexo dos respondentes e respetiva associação com a posse de animais

No que diz respeito à distribuição dos respondentes do inquérito segundo o sexo, existe uma prevalência de respostas do sexo feminino, o que é em parte justificável pelo facto de o número de mulheres residentes no município de Aveiro ser mais elevado do que o número de homens. Além disso, de forma geral observa-se uma maior aceitação e predisposição do sexo feminino tanto para responder a inquéritos (genericamente) como no caso particular de inquéritos relacionados com animais.

Relativamente à associação da posse de animais e o sexo dos respondentes observa-se que 83% das mulheres têm animais, valor este que está acima da referida relação 4/1. Por outro

lado, apenas 67% do sexo masculino afirma ter animais. Desta forma, o sexo destaca-se como um fator de impacto no que se refere à posse de animais de companhia, sendo as mulheres a apresentar uma maior tendência a ter animais de companhia do que os homens.

As percentagens de respondentes com aves para cada sexo (Tabela 4.1) aproximam-se dos 14%, pelo que se encontram dentro do expectável (relação 14/86). Relativamente aos peixes os valores são próximos de 10% e, tendo em conta a relação 1/9 estabelecida para estes animais, também se encontram dentro do expectável. O sexo feminino tem apenas mais 0,5% de referências a aves de companhia do que o sexo masculino (14,2 contra 13,7%); e os homens têm mais 1,4% de respondentes com peixes (10,7%) do que as mulheres (9,3%). Portanto, a tendência anteriormente identificada para a posse de animais em geral não se mantém para aves e peixes em particular. Neste caso, a posse destes animais é (aproximadamente) igualmente provável para ambos os sexos.

Tabela 4.1 - Percentagem de respondentes de cada sexo com animais, com aves e com peixes

	Feminino (68,9%)	Masculino (30,7%)	Total de respondentes de Aveiro
Com animais	83%	67%	78,2%
Com aves	14,2%	13,7%	14,1%
Com peixes	9,3%	10,7%	9,7%

Sobre a idade dos respondentes e respetiva associação com a posse de animais

A predominância das respostas ao inquérito por pessoas entre os 20 e os 30 anos pode dever-se à própria divulgação online chegar mais facilmente a este grupo etário, quer por fazer parte do meio universitário, quer pela sensibilização deste público para a realização de investigações académicas.

No que diz respeito à posse de animais por intervalo de idades (Figura 3.28) na maioria dos intervalos etários o intervalo de confiança obtido contém o valor esperado. Não obstante, verifica-se uma redução da percentagem de respondentes com animais a partir dos 60 anos, com o valor mais baixo (50%) apresentado entre os 70 e os 80 anos. Contudo, os dois últimos grupos têm menos de 25 respostas, pelo que não são considerados representativos da tendência global (amostra muito pequena). Ainda assim era expectável, por um lado, que a posse de animais diminuísse com o avanço da idade, pois as pessoas geralmente têm menos condições físicas para cuidar dos mesmos. Por outro lado, este mesmo fator pode determinar a escolha do animal de

companhia, visto que nem todos exigem os mesmos cuidados: um cão exige mais esforço físico do que uma ave ou um peixe, por exemplo.

Sobre que animal(is) em particular (excetuando aves e peixes) as pessoas de cada intervalo de idades preferem (Figura 3.29) realça-se a diferença existente entre a prevalência de cães e gatos até aos 20 anos. De facto, os cães aparecem associados mais frequentemente a pessoas mais jovens e menos frequentemente a pessoas mais velhas. Isto pode ser explicado pelas diferenças de cuidados exigidos entre estes animais: um cão exige, geralmente, mais esforço físico, dedicação de tempo e investimento financeiro do que um gato. Tais fatores são facilitados na população mais jovem e dificultados nos mais idosos. Neste sentido, também temos que as aves em particular (Figura 3.30) se mostram mais frequentes, relativamente aos outros intervalos de idades, na população entre os 50-60 (83,2%) e os 60-70 anos (83,3%). Estes grupos etários costumam mostrar-se mais familiarizados com as aves, muitas vezes por questões de tradição familiar. Além disso, são animais que não constituem uma preocupação acrescida em termos de cuidados ou de segurança.

É interessante reparar que, a partir de determinada idade (no caso, a partir dos 60 anos), os peixes não são opção frequente enquanto animal de companhia (Figura 3.31). Apesar de, à primeira vista, poder parecer que são animais mais fáceis de manter em casa, os seus cuidados acabam por exigir mais atenção por parte dos donos. De facto, implicam (por exemplo) a lavagem e manutenção do aquário, um horário mais específico e quantidade máxima exigida de alimento, e estas não são, provavelmente, características procuradas por este grupo etário. Além disso, também a perceção que as pessoas têm do que os peixes podem transmitir enquanto animal de companhia influencia essa decisão. Efetivamente, a maioria das pessoas considera que outros animais podem trazer mais benefícios.

Numa análise global observa-se uma concordância entre as percentagens de respondentes com animais e o valor esperado em todos os intervalos de idades. De facto, o valor esperado encontra-se sempre dentro dos intervalos de confiança, o que traduz uma independência das variáveis. Esta análise também é válida para os dados respeitantes às aves e aos peixes em particular. De acordo com os dados obtidos, a posse de animais de companhia não depende da idade dos respondentes. O que muda é a escolha do animal (apesar de também não existir uma relação direta), mas a posse de animais parece ser, na maioria das vezes, a escolha.

Sobre a presença de crianças no agregado familiar e a respetiva associação com a posse de animais

No que diz respeito à associação entre a presença de crianças no agregado familiar e a posse de animais de companhia (Figura 3.33) verifica-se que, no caso de não haver crianças, as percentagens internas² da posse de animais correspondem à relação 4/1. De facto, 79,5% dos respondentes que não têm crianças no agregado familiar têm animais em casa.

Contudo, na parcela de quem tem crianças observa-se um ligeiro desvio dessa relação 4/1: deste grupo, 71,6% tem animais e 28,4% não tem animais, aproximando-se mais de uma relação 7/3. Apesar de não ser um desvio muito grande, os respondentes que têm crianças tendem menos a ter animais de companhia nas suas habitações. Tal ocorrência pode dever-se a vários fatores, entre eles a disponibilidade financeira - que pode ser menor e mais contida quando há filhos e, portanto, não há tantas oportunidades de garantir as condições necessárias para um animal - ou questões logísticas e/ou de segurança que os pais possam conjeturar.

De acordo com os objetivos deste trabalho e apesar da análise da Figura 3.33 se ter considerado mais conclusiva para o efeito, a Figura 3.32 apresentada (perspetiva inversa da anterior) leva-nos a descobertas paralelas. Efetivamente, repara-se que da parcela dos respondentes que têm animais há 14,8% que têm crianças no agregado familiar, enquanto do grupo dos respondentes que não têm animais 21,1% têm crianças no agregado. Isto é, quando há animais de companhia parecem existir menos respondentes com crianças no agregado familiar. Estes valores sugerem uma tendência semelhante à fornecida pelos dados anteriores.

Sendo assim, pode fazer-se uma alusão à “*cute response*” (J. A. Serpell, 2003), que pode ser responsável pelo cumprimento do papel infantil no seio familiar para o Homem (ver na introdução o ponto 1.2.2.2).

Sobre o nível de escolaridade e a respetiva associação com a posse de animais

Devido ao reduzido número de respondentes nas categorias inferiores ao 6º ano de escolaridade (inclusive) os resultados internos destas não se consideram ilustrativos.

No que diz respeito à Figura 3.34, destaca-se que o 9º ano de escolaridade apresenta uma percentagem elevada (90%) de respondentes com animais. Contudo, apesar do valor esperado para esta percentagem não estar dentro do intervalo de confiança de 95% obtido, está

² Entenda-se por percentagem interna a percentagem dentro do subgrupo da amostra que está a ser analisado. Neste caso, considere-se o subgrupo “os respondentes que não têm crianças no agregado familiar” (=100%): verifica-se que 79,5% destes tem animais de companhia.

muito próximo do referido intervalo. Relativamente aos restantes níveis de escolaridade observa-se que os valores esperados se encontram sempre dentro do intervalo de confiança.

Para as figuras relativas à posse de aves (Figura 3.35) e de peixes (Figura 3.36) os valores esperados também se encontram sempre contidos nos intervalos de confiança respetivos.

Sendo assim, os dados não revelam uma dependência entre a posse de animais de companhia (tanto no geral como de aves e de peixes) e o nível de escolaridade dos respondentes.

Sobre a profissão e respetiva associação com a posse de animais de companhia

Da análise das profissões pode contar-se com alguma diversidade durante a recolha de dados. Porém, é de ressaltar que muitas delas não tiveram representação suficiente (incidência <1%) para serem discriminadas, estando assim incluídas na categoria “Outras”. Como as representações gráficas (Figura 3.37, Figura 3.38 e Figura 3.39) não indicam todas as percentagens, a Tabela 4.2 resume as percentagens de respondentes com animais no geral, com aves e com peixes segundo a profissão dos respondentes.

Tabela 4.2 - Percentagens de respondentes com animais, com aves e com peixes segundo a profissão

Profissão	% com Animais	% com Aves	% com Peixes
Estudante	72,9	13,3	9
Outras	79	12,9	7,5
Funcionário público	78	9,8	10,6
Assistente loja	84,7	13,6	11,9
Operário	86,7	28,9	20
Engenheiro	71,1	2,6	2,6
Professor	75,7	8,1	5,4
Aposentado	60,6	18,2	6,1
Auxiliar ação educativa	84,6	15,4	15,4
Empresário	78,3	21,7	8,7
Escriturário	90,5	23,8	14,3
Investigador	90	25	10
Desempregado	84,2	26,3	5,3
Informático	61,1	5,6	0
Empregado doméstico	81,2	12,5	18,8
Contabilista	71,4	0	0

Enfermeiro	92,9	14,3	28,6
Empregado de balcão	100	30	0
Gestor	100	30	30

De acordo com as figuras mencionadas é possível reparar que as profissões de contabilista, enfermeiro, empregado de balcão e gestor apresentam um reduzido número de respondentes, pelo que as percentagens de respondentes com animais respetivas não devem ser consideradas a par com as restantes.

Os valores esperados das percentagens de respondentes com animais, com aves e com peixes referentes à classe “outras” coincidem sempre com os intervalos de confiança. É necessário alertar para o facto de esta classe abarcar muitas profissões, cada uma delas sem representatividade suficiente, ou seja, não é possível estabelecer uma relação direta.

As flutuações nas percentagens de posse de animais segundo a profissão, a par com as do nível de escolaridade, podem dever-se a fatores como os horários de trabalho, responsabilidades inerentes ou necessidade de ausência da habitação por alguns períodos de tempo, por exemplo. Estas condições podem ter peso aquando a decisão de ter um animal. Contudo, estatisticamente, não se observa dependência da posse de animais em geral, de aves ou de peixes segundo a profissão dos respondentes. De facto, não se observam desvios do valor esperado relativamente aos intervalos de confiança representados. A única exceção refere-se à profissão engenheiro, na qual o valor médio obtido está abaixo do esperado e, inclusivamente, o valor esperado encontra-se fora do intervalo de confiança. Isoladamente, esta informação não traduz uma relação.

Sobre o tipo de habitação e respetiva associação com a posse de animais de companhia, aves e peixes

No que diz respeito ao tipo de habitação verifica-se que quem vive em apartamentos apresenta menor tendência para ter animais de companhia, incluindo aves e peixes, o que era expectável, visto que as condições de um apartamento propriamente ditas podem limitar essa decisão e, por vezes, é mesmo proibido ter animais neste tipo de habitação (e.g. regras do senhorio ou da companhia imobiliária).

Sobre a presença de espaços exteriores e respetiva associação com a posse de animais de companhia (aves e peixes)

A associação da presença de espaços exteriores com a posse de animais é analisada de acordo com a semelhança dos dados obtidos: os dados sobre animais em geral e as aves serão comentados em conjunto; os dados relativos aos peixes serão analisados separadamente.

– Posse de animais em geral e de aves

Em primeiro lugar, verifica-se que o valor esperado observado na presença de varanda na habitação encontra-se dentro dos intervalos de confiança. Isto é, a presença de uma varanda, que é comum na grande maioria das habitações (incluindo apartamentos), não influencia a posse destes animais.

Em segundo lugar, os valores esperados da posse destes animais na presença de uma quinta (enquanto espaço exterior) na habitação também se encontram dentro dos intervalos de confiança. No caso dos animais em geral verifica-se o mesmo também para a presença de terraços e “outro” (outro espaço exterior não especificado). Contudo, estes três espaços exteriores referidos não são considerados devido ao número reduzido de respostas obtidas.

Em terceiro lugar, os valores esperados da posse de animais e de aves para a presença de pátio, jardim e quintal apresentam-se fora dos intervalos de confiança em ambos os casos. De facto, as percentagens de respondentes que apresentam estes espaços exteriores na habitação e que têm animais e/ou aves é superior ao valor esperado. Isto significa que a posse destes animais é influenciada pela presença destes espaços exteriores. Neste caso, os dados revelam que a presença de pátio, jardim e quintal na habitação facilitam a posse destes animais de companhia.

Em quarto lugar, quando não existe nenhum espaço exterior na habitação, observa-se que a percentagem de respondentes com animais se encontra abaixo do valor esperado e este está fora do intervalo de confiança. De acordo com os dados, esta característica parece ser uma condicionante na posse de animais no geral. No caso das aves não há sequer indicação da posse das mesmas na inexistência de espaço exterior. Apesar de estes não serem essenciais para a presença das aves, é natural que estejam associados a mais condições (de espaço interior da habitação, por exemplo) e maior facilidade logística para ter qualquer que seja o animal.

– Peixes

No caso dos peixes não se observa este tipo de relação. De facto, os valores esperados encontram-se quase todos dentro dos intervalos de confiança. A única exceção é representada pela ausência de espaço exterior, para a qual o valor esperado é ligeiramente superior à percentagem de respondentes com peixes. Esta é uma das diferenças a assinalar. Na ausência de espaço exterior, enquanto ninguém apresentou aves, nas mesmas condições houve uma percentagem (apesar de reduzida) de respondentes com peixes. De facto, estes são mais fáceis de manter, mesmo que haja pouco espaço.

Sendo assim, a presença de espaços exteriores além da varanda (presente em quase todas as habitações) parece promover a posse de animais de companhia.

Sobre o hábito de alimentar animais de rua

Quanto ao hábito de alimentar animais de rua pelos respondentes (Figura 3.46 e Figura 3.47), sabe-se que: (i) a maioria dos respondentes não costuma fazê-lo (58,9%); (ii) muitas pessoas que não têm gatos, cães ou aves de companhia, alimentam os que estão na rua, (iii) os respondentes que costumam alimentar animais de rua tendem, na sua maioria, a alimentar os mesmos animais que têm em casa. Esta última tendência deve-se, provavelmente, quer à sensibilização de cada pessoa por esse animal devido a um gosto próprio, quer à facilidade de arranjar alimento adequado (restos de rações, rações que os seus não gostaram, por exemplo).

4.1.3 Sobre os animais

Sobre os animais que as pessoas preferem e respetiva quantidade (geral, aves e peixes)

A preferência dos respondentes incidiu sobre os cães e os gatos (Figura 3.13). De facto, verifica-se que há mais respondentes com cães, mas o número de gatos total contabilizado foi superior (Tabela 3.2 e Tabela 3.3). Isto indica-nos que o número de gatos por respondente é superior ao número de cães por respondente. Os gatos são menos dispendiosos do que os cães e também mais independentes, não precisam de tanto espaço (geralmente) e os seus cuidados são mais fáceis de executar e manter no dia-a-dia. Isto pode levar a que as pessoas considerem mais facilmente ter mais do que um gato, mas mais dificilmente ter mais do que um cão. Contudo, aqui seria preciso analisar as questões motivacionais que levaram à opção por aquele animal em particular. Efetivamente, as aves e os peixes, por exemplo, não exigem tantos cuidados e despesas por parte dos donos. Deste modo, poderiam constituir uma opção (contra os cães e gatos) caso a simplicidade dos cuidados e questões financeiras fossem determinantes.

Os fatores referidos, entre outros, podem realmente determinar a quantidade de animais que as pessoas decidem adquirir e manter em sua casa. A tendência das pessoas é ter um pequeno número de animais de companhia (i.e., há mais pessoas com um cão do que com dois cães, e assim sucessivamente). Sendo assim, isto traduz-se numa relação inversamente proporcional.

Esta tendência também é válida para as aves (Figura 3.15). A exceção corresponde ao caso da posse de mais de 10 aves, associada a 14 respondentes. Porém, é necessário reparar que este grupo não se refere a uma quantidade específica (podem ser 11 aves, 100, 200,...). Sendo assim, pode apenas comentar-se que cerca de 11% dos respondentes que têm aves em Aveiro têm mais de 10 aves na sua habitação. Tal circunstância exige mais espaço, mais disponibilidade

de tempo e mais dedicação por parte dos donos. Verifica-se também que este valor está de acordo com a presença de construções próprias para as aves ou, pelo menos, com a presença de várias gaiolas grandes.

No caso dos peixes (Figura 3.19) observa-se a mesma relação inversamente proporcional acima referida.

Relativamente ao total de animais de companhia calcula-se que existam, pelo menos, 2943 animais entre os respondentes (Tabela 4.3):

Tabela 4.3 - Número mínimo de animais de companhia dos respondentes

nº animais no geral	nº aves	nº peixes	nº total	nº outros animais	nº total + outros
1877	782	273	2932	11	2943

Sobre a fonte de obtenção das aves

Apesar de grande parte das aves dos respondentes ter sido adquirida por meio de adoção ou em lojas de animais, também houve referência a capturas na natureza (Figura 3.16). Muitas vezes as pessoas encontram aves feridas ou debilitadas e acabam por recolhê-las e ficar com elas. Noutras circunstâncias, as pessoas montam armadilhas propositadamente para capturar determinadas aves (por considerarem que são bonitas ou com intuito de fazer criação). Qualquer um dos casos constitui uma preocupação ecológica e legal. Além das aves consideradas domésticas, não é permitido ter aves selvagens em cativeiro. Além de ser punido por lei, é fundamental que a população esteja informada dos riscos associados à manutenção destas aves em cativeiro, nomeadamente para a sobrevivência destas.

Sobre a convivência com as aves

De acordo com os dados relativos ao que as pessoas costumam fazer no tempo que passam com as suas aves (Figura 3.17) observou-se que o sexo feminino tende a dedicar-se mais a estes animais (em termos de cuidados básicos e comunicação como falar e ouvir) e desenvolver uma interação física mais direta (mimar, acarinhar) do que o sexo masculino. Efetivamente, é de senso comum que as mulheres agem mais de acordo com as emoções do que os homens, levando à criação de uma ligação afetiva com os animais de forma mais fácil.

Sobre o tipo de aquário e respetiva localização

Relativamente à informação sobre onde se encontram os peixes (Figura 3.20), destaca-se a presença (apesar de reduzida) de lagos de jardim e tanques. Estes exigem cuidados diferentes dos aquários comuns, provavelmente mais dedicação financeira e de tempo. Mostram, assim, um interesse específico por parte dos donos dos animais. A par disto estão os aquários de água quente e os de mais de 150 litros (Figura 3.21 e Figura 3.22). Estes implicam um investimento financeiro mais elevado, mais cuidados de manutenção e vigilância por parte dos donos. Todas estas circunstâncias demonstram, de certo modo, um gosto próprio e motivação de dedicação aos peixes. Contudo, este gosto pode ter uma origem emocional, se a pessoa considerar que os peixes lhe podem transmitir alguma emoção; ou pode ter uma origem apenas funcional, isto é, a dedicação poderá basear-se somente em motivos ornamentais.

Além disso, a localização dos aquários (quando existentes) na habitação é predominante nas salas de estar dos respondentes. Isto pode ser sinónimo de perceção da companhia (ou outras emoções) que os peixes possam transmitir e, portanto, que as pessoas pretendam ter no local de convívio da casa. Por outro lado, à semelhança da explicação anterior, pode passar por fatores completamente funcionais, nomeadamente motivos decorativos.

4.1.4 Análise das respostas à pergunta de resposta aberta

- *“Diga, por favor, por palavras suas, as razões que o/a levam a ter os seus animais de companhia”*

Esta pergunta permitiu-nos ter uma ideia de ordem qualitativa acerca de vários pontos fundamentais: as motivações das pessoas para a posse de animais, a perceção que estas têm sobre os seus animais de companhia e de que forma se caracteriza a relação entre os donos e os animais. Tal como foi explicado no capítulo 2, a interpretação desta pergunta (de resposta aberta) foi traduzida numa avaliação de fatores emocionais e funcionais, que se refletem nas respostas obtidas.

Um aspeto importante a destacar é que a maioria dos respondentes optou por responder a esta pergunta, mesmo sendo ela de carácter facultativo. Tal acontecimento demonstra a sensibilidade das pessoas que têm animais de companhia quando abordadas com questões relacionadas.

Em segundo lugar, é possível identificar claramente uma predominância absoluta dos fatores emocionais (companhia, felicidade, saúde mental, sentido de utilidade, família) sobre os funcionais (utilitários/proteção, passatempo, outros) (Figura 3.49). Embora seja possível que

estes resultados sejam influenciados pela própria natureza humana de negar os fatores menos “socialmente aceites”, a predominância obtida deve revelar, em grande parte, a realidade. Mesmo que as pessoas tenham procurado um animal de companhia devido a fatores de teor funcional, os emocionais terminam por emergir (na maioria dos casos) à medida que se desenvolve uma relação com eles. Isto pode ser comprovado pela análise particular de muitas das respostas dadas (ver descrição da Figura 3.48).

Em terceiro lugar, a análise focou-se na identificação de diferenças da reflexão destes fatores (emocionais vs. funcionais) entre os respondentes que têm aves e/ou peixes. Para uma melhor perceção desta informação, a Figura 4.1 mostra a percentagem de respondentes que (i) possuem animais em geral (aves e peixes incluídos), (ii) possuem aves e (iii) possuem peixes, e que identificaram os diferentes fatores. Isto é, temos a indicação das percentagens normalizadas para cada uma destas três categorias: por exemplo, 53,1% dos respondentes com aves identificaram o fator Companhia enquanto motivador para ter estes animais.

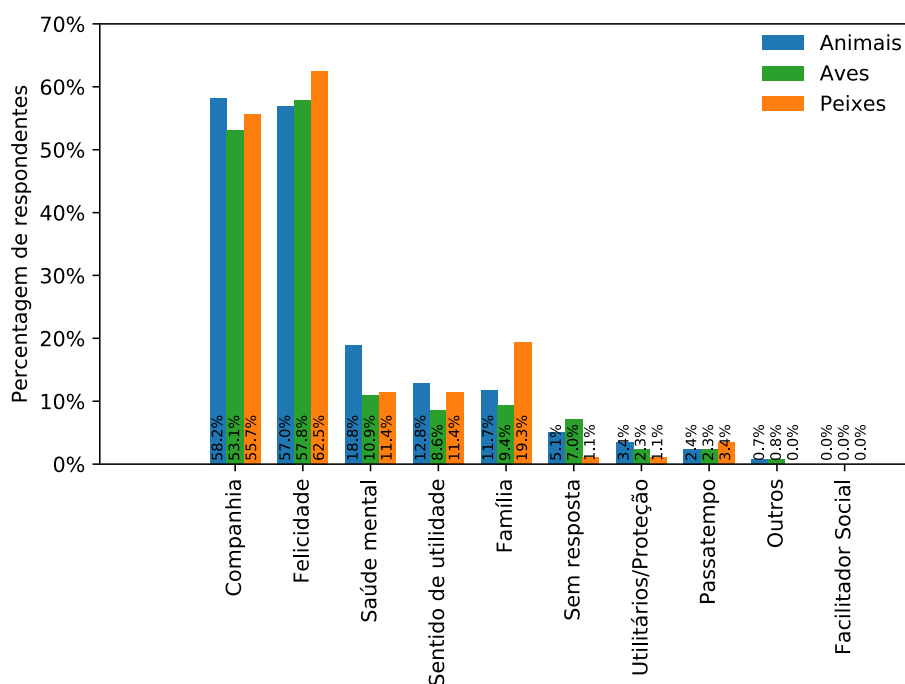


Figura 4.1 – Identificação de fatores motivacionais por diferentes grupos de respondentes, selecionados segundo a posse de animais em geral, aves e peixes.

De forma geral não se observam grandes desvios da percentagem de respondentes de cada grupo (animais, aves e peixes) para os diferentes fatores. Não obstante, há dois aspetos que devem ser enaltecidos. Primeiro, a presença do fator “Saúde mental/Apoio Emocional” nos respondentes com aves e com peixes revela-se inferior quando comparada com animais no geral. Tal acontecimento pode dever-se ao facto de as pessoas associarem este fator a elementos de carácter mais físico, tais como a procura ativa do animal pelos donos, o próprio tipo de comunicação, a possibilidade de realizar caminhadas com o animal e o ato de pegar ao colo. Estes

elementos estão, efetivamente, maioritariamente presentes nos cães e nos gatos (os favoritos dos respondentes) e não tanto nas aves e nos peixes. O segundo aspeto importante a referir é a frequência mais elevada da identificação do fator Família nas respostas das pessoas com peixes, relativamente às aves. Uma possível explicação é a associação com a presença de crianças no agregado familiar. Estas, muitas vezes, pedem aos pais para ter um peixe, ou a opção passa pelo peixe por os cuidados serem de concretização simples para as crianças. Através dos resultados do inquérito comprova-se que 27,27% (com intervalo de confiança de 95% entre 17,97% e 36,58%) dos respondentes com peixes têm crianças. Este valor contrasta com o 14,98% (com intervalo de confiança de 95% entre 12,54% e 17,42%) dos respondentes que não possuem peixes e têm crianças.

4.2 Discussão dos resultados das entrevistas

Esta secção subdivide-se em duas subsecções: a primeira corresponde à interpretação dos resultados obtidos nas entrevistas e a segunda à discussão desses mesmos resultados.

Relembra-se que foram realizadas nove entrevistas a pessoas com aves, duas entrevistas a pessoas com peixes e quatro entrevistas a pessoas com ambos os animais.

4.2.1 A interpretação dos resultados das entrevistas

Em primeiro lugar, com as informações obtidas nas entrevistas fizeram-se as extrapolações necessárias de forma a que os dados pudessem ser perceptíveis pelo leitor e estivessem concordantes com o restante trabalho. Sendo assim, essas informações foram codificadas em fatores emocionais ou funcionais (de acordo com a codificação já utilizada) e divididas em dois momentos de análise, nomeadamente (i) identificação dos fatores motivacionais para adoção das aves/peixes e na (ii) caracterização da relação atual entre os donos e estes animais (aves e/ou peixes), utilizando estes mesmos fatores.

Para facilitar a leitura construíram-se tabelas com os dados extraídos destes momentos de análise. Os sombreados das quadrículas representam a identificação do fator respetivo na entrevista indicada, com separação das informações relativas às aves e aos peixes.

A primeira Tabela, 4.4, representa os fatores motivacionais que levaram as pessoas entrevistadas a adquirir as suas aves e os seus peixes. Na segunda Tabela, 4.5, pode observar-se a identificação dos fatores que caracterizam a relação atual entre os donos e os animais.

4.2.1.1 Identificação dos fatores motivacionais para adoção das aves e/ou peixes

Os fatores motivacionais para adoção das aves

Relativamente às motivações para adoção das aves observa-se que, dos fatores emocionais, “Família” é o que aparece mais vezes (com 3 respostas) ao longo das entrevistas. Estas respostas correspondem a pedidos dos filhos ou tradição familiar. Já os fatores de Companhia, Felicidade e Sentido de Utilidade são referidos duas vezes cada um, sendo que os dois primeiros aparecem comumente associados. De acordo com informações obtidas e em conformidade com os resultados dos inquéritos, o fator “Facilitador Social” não foi referido.

Tabela 4.4 - Identificação dos fatores motivacionais dos entrevistados para adoção das aves e/ou peixes

	Nº da Entrevista	Fatores Emocionais						Fatores Funcionais		
		Companhia	Felicidade	Saúde mental	Sentido de utilidade	Facilitador Social	Família	Utilitários/Proteção	Passatempo	Outros
Aves	1									
	2									
	3									
	4									
	5									
	6									
	7									
	8									
	9									
	10									
	11									
	12									
	13									
Peixes	4									
	10									
	11									
	12									
	14									
	15									

Para além disso, é importante referir que a indicação de fatores emocionais em exclusivo como motivo de adoção das aves confirmou-se para quatro entrevistas. Já os fatores funcionais foram indicados em exclusivo em sete entrevistas. Nas restantes duas entrevistas respeitantes às pessoas com aves, houve sobreposição de fatores emocionais e funcionais.

No que diz respeito a estes últimos os mais relatados foram os da categoria “outros” e correspondem a ofertas. Na categoria “passatempo”, com três respostas, estão incluídos motivos ornamentais e a beleza dos animais.

Os fatores motivacionais para adoção dos peixes

No caso dos peixes o fator motivacional mais determinante para adoção foi um fator funcional, nomeadamente o da categoria “Passatempo” (com quatro respostas). Este inclui, à semelhança do que se verificou com as aves, os motivos ornamentais e a beleza dos animais. A referência exclusiva de fatores funcionais como motivo para adoção dos peixes verificou-se em quatro das seis entrevistas.

Por outro lado, a referência exclusiva a fatores emocionais observou-se apenas numa entrevista e coincide com o fator “Família”, no caso a pedido dos filhos. Além desse, também a “Companhia”, que dizia respeito ao facto de o peixe constituir um entretenimento, foi mencionada uma vez.

4.2.1.2 Caracterização da relação atual dos donos com as aves e/ou os peixes

Na caracterização da relação atual dos donos com a(s) sua(s) ave(s) e/ou o(s) seu(s) peixe(s) pode observar-se, à primeira vista, que na zona respeitante aos fatores emocionais a Tabela 4.5 se encontra mais preenchida. De facto, parece haver uma tendência indicadora de mais fatores emocionais nesta caracterização do que a verificada para as motivações de adoção. Este acontecimento pode sugerir a criação de uma ligação emocional com os animais ao longo do tempo.

Além disso, também se observam diversas alterações na área dos fatores funcionais, que serão exploradas de seguida.

Tabela 4.5 - Fatores que caracterizam a relação atual dos entrevistados com as suas aves e/ou os seus peixes

	Nº da Entrevista	Fatores Emocionais						Fatores Funcionais		
		Companhia	Felicidade	Saúde mental	Sentido de utilidade	Facilitador Social	Família	Utilitários/Proteção	Passatempo	Outros
Aves	1									
	2									
	3									
	4									
	5									
	6									
	7									
	8									
	9									
	10									
	11									
	12									
	13									
Peixes	4									
	10									
	11									
	12									
	14									
	15									

Caracterização da relação atual das pessoas com a(s) sua(s) ave(s)

No caso das aves observa-se que a relação atual das pessoas com estes animais se baseia em mais fatores emocionais do que aqueles que motivaram a adoção - como se pode observar pela presença dos sombreados em mais quadrículas da tabela.

Efetivamente, os fatores “Companhia” e “Felicidade” passaram a ser predominantes, existindo uma alusão a estes em quase todas as entrevistas (excetuam-se a nº3 e a nº10). O fator “Família” também se mostra mais representativo do que no contexto anterior e sempre associado aos fatores supracitados. Outro aspeto importante é a sugestão da influência das aves na saúde mental/apoio emocional, que foi descrita por seis dos entrevistados. Além disso, é importante reparar que, para 9 das 13 entrevistas, a relação atual dos donos com as aves se caracterizou com base em vários fatores emocionais em simultâneo.

No que diz respeito aos fatores funcionais enquanto caracterizadores da relação atual das pessoas com as aves verifica-se que estes aparecem em cinco entrevistas. O fator “Passatempo” é o mais frequentemente referido. Este relaciona-se com o facto de as aves constituírem um motivo ornamental de valor para a pessoa ou um passatempo propriamente dito. Contudo, excetuando dois casos (novamente as entrevistas nº3 e nº10), observa-se que os fatores funcionais aparecem associados a fatores emocionais. Nessas exceções verifica-se que a relação atual é caracterizada somente por fatores funcionais.

Caracterização da relação atual das pessoas com o(s) seu(s) peixe(s)

Para a caracterização da relação atual das pessoas com os respetivos peixes observa-se uma tendência semelhante à das aves. De facto, há mais fatores emocionais referenciados do que na tabela respeitante aos fatores motivacionais da adoção.

O fator “Companhia” é agora referenciado em 5 destas entrevistas, e o fator “Felicidade”, que não aparecia, é mencionado em 2 entrevistas. O fator “Família” é mencionado 2 vezes, mas neste contexto (ao contrário do da Tabela 4.4) com o significado de constituir um benefício para as crianças.

Os fatores funcionais estão presentes em metade destas caracterizações das relações atuais das pessoas com os seus peixes e aparecem sempre associados a fatores emocionais.

4.2.2 Discussão da interpretação dos resultados das entrevistas

Procedeu-se a uma discussão destes resultados tabelares com recurso direto às transcrições das entrevistas, apresentando algumas citações.

4.2.2.1 Sobre a relação com as aves

Os fatores motivacionais para adoção das aves mostraram-se divididos entre as duas categorias: emocionais e funcionais. Enquanto motivação para adoção os fatores funcionais foram referidos isoladamente (sem associação com outros) mais vezes do que os emocionais. A título exemplificativo, reparou-se que vários dos entrevistados obtiveram as aves através de ofertas de familiares ou de amigos - fator funcional. Contudo, quando passamos para a caracterização da relação atual entre estes donos e as suas aves, observa-se que a maioria expõe conteúdo emocional. Realmente, mesmo quando na caracterização referida há alusão a fatores funcionais, na maioria das vezes estes estão associados com fatores emocionais. Isto sugere a criação de uma ligação emocional com as aves ao longo do tempo, mesmo quando a sua adoção não foi planeada e surgiu “de um momento para o outro” (caso das ofertas).

Considerando as informações obtidas nas entrevistas, podem considerar-se 3 cenários para a caracterização da relação Homem-aves, nomeadamente:

- (i) Relação puramente funcional: na qual os fatores que levaram à adoção das aves foram unicamente funcionais e a relação atual continua a mostrar características coincidentes apenas com fatores funcionais;
- (ii) Relação funcional-emocional: na qual os fatores motivacionais para aquisição das aves foram essencialmente funcionais, mas o desenvolvimento da relação criou uma ligação emocional;
- (iii) Relação emocional-emocional: na qual os fatores que motivaram a adoção das aves eram já de base emocional e, com o desenvolvimento da relação, a ligação permaneceu igual ou tornou-se mais forte.

Para o primeiro cenário, (i) relação puramente funcional, surgem apenas dois exemplos, as entrevistas número 3 e número 10. A citação “*Não tenho assim muita ligação com os periquitos, não há muito para fazer com eles*” (E3, F21, Estudante³) traduz a inexistência de uma ligação emocional atual, que é observada em ambos os casos. De facto, quer a motivação da adoção (oferta) quer a caracterização da relação atual demonstram a presença de fatores

³ Entenda-se que é uma citação de (E3, F21, Estudante) = (Entrevista nº3, Sexo Feminino e 21 anos, Estudante).

unicamente funcionais. Inclusivamente foi evidente durante ambas as entrevistas que as pessoas não mostraram grande interesse pelas suas aves, não houve muito conteúdo propriamente dito para desenvolver, nem demonstraram que estas tivessem grande influência no seu dia-a-dia.

Para ilustrar o segundo cenário, (ii) relação funcional-emocional, podem referir-se os casos das entrevistas número 5, 6 e 7. Efetivamente, as aves destas pessoas chegaram até elas através de ofertas/prendas, mas todas elas desenvolveram uma ligação emocional notória na altura da entrevista. A descrição própria da relação entre estas pessoas e as respetivas aves refletiu a presença de diversos fatores emocionais, entre eles: a Companhia, da qual se destacam os subfactores entretenimento e interação (por vezes recíproca); a Felicidade, da qual se destacam a amizade e o afeto; e a Família, desta vez tomando as aves como um complemento familiar (contrariamente ao que foi visto anteriormente, em que Família apenas estava associada a pedido dos filhos ou tradição familiar). Segue um exemplo elucidativo *“(...) quando vou lá fora e noto que eles estão comigo, que sentem que eu estou lá, que há uma interação, são os melhores momentos. É bom sentir que não lhes sou indiferente. Acho que lhes faço diferença e isso é bom”* (E5, F24, Nutricionista). Nestas entrevistas também houve referência particular à influência benéfica das aves para alguém específico da família (fator Saúde Mental e Apoio Emocional) e ao Sentido de Utilidade, na medida em que sentem que têm um ser vivo, que representa “alguém” para cuidar.

O aspeto relativo ao fator Família referido no último parágrafo é comprovado através de, pelo menos, mais duas entrevistas (número 2 e número 13). As aves das famílias destes entrevistados foram adquiridas devido a pedidos dos filhos. Contudo, com o desenvolvimento da sua relação com os animais, atualmente refletem uma caracterização da relação exclusivamente baseada em fatores emocionais. Isto é, citações como

“Acho que ela nos conhece muito bem a cada um de nós e interpreto o comportamento dela como carinho por cada um” (E2, F51, Secretária)

“A interação da caturra comigo é deslumbrante (...) Ninguém está à espera que um passarinho quase tão insignificante no tamanho físico possa ter uma resposta destas” (E13, M61, Eng^oMecânico)

demonstram, em conjunto com as restantes informações fornecidas durante cada entrevista, o facto de a ave constituir um elemento complementar da família, a relação recíproca, o amor, o afeto, a realização pessoal e o apoio emocional (o conhecimento de cada membro da família pela ave e o respetivo carinho transmitido podem ser percecionados como apoio emocional). Todos estes componentes se incluem nos fatores emocionais.

O terceiro cenário, (iii) relação emocional-emocional, está patente por exemplo na entrevista número 1. Os motivos que levaram à adoção da caturra por esta pessoa já eram de

índole emocional e, com o desenvolvimento da relação, intensificaram-se. Puderam, inclusive, agrupar-se novos fatores, como a saúde mental/apoio emocional, percebidos quando, por exemplo, assegura que *“É ótimo sentir que temos um ou mais seres em casa que gostam de nós tal e qual somos”*; e a Família, no sentido em que considera que a ave faz parte do seio familiar. A título exemplificativo *“Aquele expressão a olhar para mim, falar comigo como se me entendesse, “reclamar” quando me estou a ir embora... São sensações que me completam todos os dias”* denota a existência de uma interação recíproca, bem como a consideração da capacidade de reconhecimento e transmissão de emoções pela ave. Outro exemplo é o relato presente na entrevista número 9, na qual há referência a transmissão de paz de espírito (envolvimento de sentimentos) pelas aves.

Uma das relações mais distintas e que também se inclui neste cenário (iii) é a correspondente à entrevistada número 4 e o seu periquito. Efetivamente, a ligação parece ser muito especial quando a mesma a qualifica como maternal: *“(...) é maternal, não tenho vontade de ter filhos nem nada dessas coisas, mas com ele sinto algo maternal. Querer protegê-lo, só querer que ele esteja bem... Os picos de felicidade são quando ele quer vir para mim e estar comigo, dar beijinhos, a assobiar muito... Sentimos que eles gostam de nós”* (E4, F27, Op.máquinas). Esta pessoa criou o seu periquito à mão (após os progenitores deste terem morrido – reflexão do sentido de utilidade e responsabilidade), e afirma mesmo que há um verdadeiro amor recíproco entre os dois. De facto, confere-se uma grande demonstração de afeto entre esta pessoa e a sua ave (contacto direto, “beijinhos”), assim como de realização pessoal. Este animal parece ser, de acordo com os relatos da própria, um contributo para o seu bem-estar emocional e faz a diferença no seu dia-a-dia e na sua vida.

Considerando estas e as restantes entrevistas, as ligações entre as pessoas e as aves podem ser caracterizadas predominantemente por fatores emocionais, traduzindo uma ligação sentimental e uma influência positiva destes animais na vida dos donos.

4.2.2.2 Sobre a relação com os peixes

No caso dos peixes as razões que motivaram a sua aquisição foram essencialmente funcionais. Apenas uma pessoa (entrevista número 10) manifestou uma perceção de companhia (entretenimento) logo no momento de aquisição do animal, e o fator Família associado à entrevista 14 corresponde a um pedido da filha da entrevistada.

Repare-se nas entrevistas 11 e 12 (um casal, homem e mulher respetivamente): a origem da aquisição dos peixes baseou-se em motivos ornamentais (funcionais). A sua manutenção deveu-se à presença de uma criança, por considerarem ser benéfica a presença e o contacto com

os peixes (fator emocional). Contudo, enquanto o elemento masculino considera que *“os peixes sentem... fome! Mas sentimentos mesmo eu acho que não”* e *“Não posso dizer que olhar para o aquário me transmita alguma emoção...”*, o elemento feminino contradiz, afirmando que os peixes *“são sensíveis”* e até sabem *“quando são os donos a dar comida ou não”*. Efetivamente, as percepções que as pessoas têm acerca do que os peixes podem transmitir e até sentir apresentam-se distintas. Neste caso, na mesma família, a percepção da emoção criada e transmitida pelos peixes, só existe num dos membros.

De forma geral há uma reflexão de fatores emocionais nas relações atuais das pessoas com os peixes, nomeadamente a percepção de companhia/entretenimento, a transmissão de uma sensação de *“calma”* (E10, F21, Estudante), de *“tranquilidade”* e de proximidade com a natureza: *“sinto-me mais próxima da natureza!”* (E15, F24, Advogada). A simultaneidade de fatores funcionais, como os motivos ornamentais, e fatores emocionais como a companhia pode justificar-se pelo facto de poderem ser os primeiros a desencadear o efeito de companhia e as sensações referidas. De facto, numa das entrevistas há referência a esta associação: *“a água, o movimento, o conjunto... Sem os peixes também não seria a mesma coisa, o movimento e as cores deles fazem a diferença quando estamos a olhar para o aquário”* (E4, F27, Op.máquinas).

4.3 Discussão global dos resultados

De acordo com as informações obtidas nos inquéritos, a posse de animais mostrou-se dependente da presença de espaços exteriores na habitação dos respondentes. De facto, entre todos os fatores analisados (caracterização pessoal, familiar e habitacional) este foi o único para o qual as variáveis não se mostraram independentes.

Relativamente aos dados da questão motivacional para ter animais de companhia as informações obtidas nas entrevistas vão de encontro aos dados obtidos nos inquéritos. De forma geral, a caracterização da relação Homem-animal pode ser feita com base em fatores emocionais. Apesar de também aparecerem como motivação e como descritores das relações, os fatores funcionais são menos frequentes.

Considerando os animais na globalidade (aves e peixes incluídos) a relação atual inclui, na maioria das vezes, os seguintes elementos emocionais:

- Companhia, em particular o entretenimento e a interação/relação recíproca;
- Felicidade, mais propriamente o amor e o afeto;
- Saúde Mental e Apoio Emocional, nomeadamente a contribuição positiva para o bem-estar emocional;
- Sentido de utilidade e responsabilidade, particularmente o facto de ter alguém para cuidar e o acolhimento de animais abandonados/de outras pessoas que não podiam ficar com eles;
- Família, especialmente porque é atribuído ao animal um estatuto familiar, funcionando como um complemento do seio familiar.

Relativamente às aves, apesar de nas entrevistas os fatores funcionais terem prevalecido numa primeira fase, verificou-se que o desenvolvimento da relação com estes animais deu origem a ligações emocionais em praticamente todos os casos. A menção aos fatores funcionais apareceu quase sempre associada a fatores emocionais. Efetivamente, as respostas dos inquiridos com aves (na abordagem quantitativa) confirma esta tendência. No caso deste grupo de animais observa-se que os fatores motivacionais predominantes foram o da Companhia e o da Felicidade. Efetivamente, estes apareceram quase sempre interligados. Depois, também os fatores relacionados com a Saúde Mental e com a Família se mostraram relevantes. As descrições destes são concordantes com a descrição feita acima para a generalidade dos animais.

No que diz respeito aos peixes verifica-se que, entre dados quantitativos e entrevistas, os motivos pelos quais as pessoas tendem a adquirir peixes se baseiam ou num pedido dos filhos (fator emocional) ou em motivos ornamentais (fator funcional). Na abordagem qualitativa este

fator funcional revelou-se predominante. Não obstante, considera-se que existe alguma representação emocional nesta relação do Homem com os peixes, mesmo além do fator Família mencionado. De facto, existiram algumas referências ao fator Companhia e à transmissão de emoções/sensações aquando a presença destes animais. Se não existisse qualquer ligação emocional as pessoas poderiam optar por ter apenas um ecrã ou um aquário sem peixes, e isso não constituiu opção para a maioria. Contudo, em comparação com as aves, por exemplo, pode dizer-se que os fatores emocionais não se mostram tão determinantes. Efetivamente, não foi possível identificar a mesma quantidade de fatores emocionais como nas aves, nem a simultaneidade dos mesmos enquanto característica das relações.

Animais enquanto apoio social não humano?

Considerando o facto da prevalência das razões emocionais para ter animais e tendo em conta que as relações atuais entre os donos e os seus animais também são, maioritariamente, de natureza emocional, a hipótese do apoio social (Collis & McNicholas, 1998) não pode passar despercebida. Esta é uma teoria explicativa da persistência deste comportamento ao longo da História e caracteriza-se por diferentes premissas (ver mais informação em T. Anderson et al., 2008; Podberscek et al., 2000; J. A. Serpell, 1996). Efetivamente, os fatores emocionais referidos ao longo do trabalho refletem e evidenciam estas mesmas premissas. Desmembrando esta associação, temos que:

- O fator maioritariamente identificado como razão para ter animais foi a Companhia, que nos remete para a componente da reciprocidade da ligação entre os donos e os animais. A crença desta reciprocidade é uma das três premissas essenciais que sustenta a hipótese do apoio social. Além disso, o efeito da companhia reduz o sentimento da solidão (muitas vezes referido), o que leva a que o animal seja considerado um apoio por si mesmo (Guest et al., 2006).
- O fator da Felicidade, frequentemente indicado em conjunto com o anterior, diz respeito a sentimentos de amizade, amor, afeto e a de realização pessoal. O facto de o indivíduo acreditar ser amado, estimado e valorizado, integrado com a reciprocidade supracitada, remete-nos para outra das três premissas descritivas da teoria.
- Os fatores Saúde Mental/Apoio Emocional e Sentido de Utilidade vão de encontro à premissa que relata o sentimento de ser cuidado por alguém. De facto, o apoio emocional dado pelos animais traduz-se numa reciprocidade de transmissão de conforto em diferentes momentos. A sensação da presença deste apoio e do benefício dos animais no bem-estar emocional mostrou-se presente nos relatos dos respondentes. O sentimento de utilidade não passa de uma necessidade humana inata e remete-nos para

a capacidade de proteger e de nutrir o outro (outra das componentes da hipótese do apoio social). Efetivamente, várias pessoas associaram, mesmo que inconscientemente, o momento da adoção dos seus animais a esta necessidade de se sentirem úteis.

Como se observa, não é possível uma individualização quer dos fatores quer das premissas desta teoria. Todos os elementos referidos são os que constroem e complementam a própria hipótese do apoio social, neste caso não humano, mas sim proporcionado pelos animais.

Capítulo 5 Considerações finais

O presente capítulo resume, de uma forma simplificada e não técnica, as principais conclusões deste trabalho. Serve, assim, como uma fonte de informação concisa e útil, quer para gestores de território/autarcas, quer para o público em geral que demonstre interesse no tema.

Na amostra de 909 inquiridos do município de Aveiro verificou-se que 78,2% destes têm animais, contabilizando-se um mínimo de 2943 animais de companhia. Os animais mais comuns (por número de respondentes) são os cães e os gatos, seguidos das aves, dos peixes e das tartarugas/cágados (por esta ordem). Também há um pequeno número de pessoas com coelhos, porquinhos da índia, ratos/hamsters e uma referência à posse de uma iguana. Além destes também foram mencionados camaleões, chinchilas, cobras, dragões barbudos, ouriços pigmeus africanos, rãs e tarântulas. No que se refere ao número de animais por pessoa, verificou-se que grande parte das pessoas opta por ter apenas um animal e, portanto, há poucas pessoas com muitos animais.

No que diz respeito às aves, cerca de 14,08% dos munícipes tem pelo menos uma e grande parte dos respondentes mantém-nas em gaiolas médias a grandes. Apesar da maioria ter sido adquirida por meio de adoção (ofertas, por exemplo) ou em lojas de animais, também houve algumas referências a capturas na natureza. Estas situações devem constituir uma preocupação visto que sugerem a manutenção de aves, provavelmente, selvagens, em cativeiro.

Relativamente aos peixes há cerca de 9,68% dos respondentes com estes animais, sendo que a maioria se encontra em aquários de água fria, mas também há pessoas que os têm em lagos de jardim ou tanques.

No que se refere à associação entre o sexo e a posse de animais (no geral, incluindo aves e peixes), observou-se que as mulheres apresentam uma maior tendência a ter animais de companhia (83%) do que os homens (67%). Porém, quando falamos sobre a posse de aves e de peixes (em particular) segundo o sexo, estas percentagens mostram-se mais próximas.

Quando se estabelece uma relação entre a presença de crianças no agregado familiar e a posse de animais, verifica-se que quem não tem crianças apresenta animais de companhia mais frequentemente do que quem tem crianças.

No que diz respeito à associação do tipo de habitação com a posse de animais de companhia, verificou-se que quem vive em apartamentos tem animais menos frequentemente do que quem vive em casas. Neste sentido, também é de referir que a presença de espaços exteriores, nomeadamente os pátios, os jardins e os quintais, facilita a posse de animais. De facto, a ausência de espaços exteriores mostrou-se limitativa (exceto para os peixes).

Outros fatores de caracterização pessoal ou habitacional, tais como a idade dos respondentes, o nível de escolaridade ou a profissão, não mostraram relação com a posse de animais.

Analisando o hábito de alimentar animais de rua pelos respondentes verificou-se que a maioria dos respondentes (58,9%) não o costuma fazer. Contudo, observa-se que muitas das pessoas que não têm animais de companhia em casa mostram-se sensibilizadas para esta questão e alimentam animais de rua. Das pessoas que têm animais de companhia verifica-se que há uma tendência a alimentar os mesmos animais que estão na rua (se a pessoa tem gatos em casa, tende a alimentar gatos de rua).

Além da utilidade prática dos dados quantitativos obtidos neste trabalho, também é importante fazer uma alusão acerca das motivações apontadas pelas pessoas para terem os seus animais.

Confirmou-se que estas motivações são predominantemente do foro emocional, nomeadamente a companhia - com ênfase numa componente de reciprocidade da relação entre os donos e os animais -, a felicidade, a saúde mental/apoio emocional e o sentido de utilidade. Os fatores emocionais identificados e desenvolvidos pelos respondentes ao longo do trabalho sugeriram, efetivamente, que os animais na sua generalidade podem constituir um apoio social não humano e contribuir para o seu bem-estar emocional.

Os fatores funcionais, apesar de também serem referidos enquanto razão para ter animais de companhia, não foram identificados pelas pessoas tão frequentemente.

Relativamente às aves e aos peixes, os grupos de animais que constituíam o foco deste trabalho, verificou-se que

- (i) Em primeiro lugar, a ligação das pessoas com as aves é determinada essencialmente por fatores emocionais. Além da identificação de vários fatores emocionais em simultâneo durante a caracterização da relação dono-ave, existiram várias referências a uma reciprocidade da mesma; além disso, as aves podem constituir um apoio social não humano para os respetivos donos.
- (ii) Em segundo lugar, a ligação das pessoas com os peixes não se mostrou tão preponderantemente determinada por fatores emocionais como a das aves. Apesar de estes últimos estarem presentes nalguns casos, são mais pontuais e nas entrevistas não foram objeto de desenvolvimento pelos donos.

Observou-se, através das entrevistas realizadas, que o tipo de vínculo criado entre as pessoas e cada um destes dois animais apresenta diversas diferenças, entre elas a inexistência de reciprocidade no caso dos peixes e a presença desta reciprocidade da ligação no caso das aves.

Referências Bibliográficas

- Amiot, C., Bastian, B., & Martens, P. (2016). People and Companion Animals: It Takes Two to Tango. *BioScience*, 66(7), 552–560. <https://doi.org/10.1093/biosci/biw051>
- Anderson, D. C. (2007). *Assessing the human-animal bond: a compendium of actual measures*. Purdue University Press.
- Anderson, P. (2003). A Bird in the House: An Anthropological Perspective on Companion Parrots. *Society & Animals*, 11(4), 393–418. <https://doi.org/10.1163/156853003322796109>
- Anderson, T., Wallace, H., & Staats, S. (2008). Reasons for Companion Animal Guardianship (Pet Ownership) from Two Populations. *Society & Animals*, 16(3), 279–291. <https://doi.org/10.1163/156853008X323411>
- Archer, J. (1997). Why do people love their pets? *Evolution and Human Behavior*, 18(4), 237–259. [https://doi.org/10.1016/S0162-3095\(99\)80001-4](https://doi.org/10.1016/S0162-3095(99)80001-4)
- Archer, J., & Ireland, J. L. (2011). The Development and Factor Structure of a Questionnaire Measure of the Strength of Attachment to Pet Dogs. *Anthrozoös*, 24(3), 249–261. <https://doi.org/10.2752/175303711X13045914865060>
- Barker, S. B., & Barker, R. T. (1988). The Human-Canine Bond: Closer than Family Ties? *Journal of Mental Health Counseling*, 10(1), 46–56.
- Baun, M. M., Bergstrom, N., Langston, N. F., & Thoma, L. (1984). Physiological effects of human/companion animal bonding. *Nursing Research*, 33(3), 126–9.
- Beck, A. M., Seraydarian, L., & Hunter, G. F. (1986). Use of animals in the rehabilitation of psychiatric inpatients. *Psychological Reports*, 58(1), 63–6. <https://doi.org/10.2466/pr0.1986.58.1.63>
- Beetz, A., Uvnäs-Moberg, K., Julius, H., & Kotrschal, K. (2012). Psychosocial and psychophysiological effects of human-animal interactions: the possible role of oxytocin. *Frontiers in Psychology*, 3, 234. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2012.00234>
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds. *The British Journal of Psychiatry*, 130(3), 201–210. <https://doi.org/10.1192/bjp.130.3.201>
- Brooks, H. L., Rushton, K., Lovell, K., Bee, P., Walker, L., Grant, L., & Rogers, A. (2018). The power of support from companion animals for people living with mental health problems: a systematic review and narrative synthesis of the evidence. *BMC Psychiatry*, 18(1), 31. <https://doi.org/10.1186/s12888-018-1613-2>
- Buckley, C. (2009). *Tarra & Bella: The Elephant and Dog Who Became Best Friends*. (Penguin, Ed.).
- Burkart, J. M., Hrdy, S. B., & Van Schaik, C. P. (2009). Cooperative breeding and human cognitive evolution. *Evolutionary Anthropology: Issues, News, and Reviews*, 18(5), 175–186. <https://doi.org/10.1002/evan.20222>

- Butler, J. R., & Bingham, J. (2000). Demography and dog-human relationships of the dog population in Zimbabwean communal lands. *The Veterinary Record*, 147(16), 442–6. <https://doi.org/10.1136/VR.147.16.442>
- Chur-Hansen, A., Winefield, H., & Beckwith, M. (2008). Reasons Given by Elderly Men and Women for Not Owning a Pet, and the Implications for Clinical Practice and Research. *Journal of Health Psychology*, 13(8), 988–995. <https://doi.org/10.1177/1359105308097961>
- Collis, G. M., & McNicholas, J. (1998). Theoretical Basis for Health Benefits of Pet Ownership: attachment vs psychological support. In D. C. Turner & C. C. Wilson (Eds.), *Companion animals and human health* (1st ed., pp. 105–122). Sage CA: Thousand Oaks, CA.
- Daly, M., & Wilson, M. (1995). Discriminative Parental Solicitude and the Relevance of Evolutionary Models to the Analysis of Motivational Systems. In M. S. Gazzaniga (Ed.), *The cognitive neurosciences* (pp. 1269–1286). City: Cambridge, Ma, US: The MIT Press.
- Dehaven, R. W. (2012). The AVMA Pet Demographic Study Partners for Healthy Pets.
- DeSchraver, M. M., & Riddick, C. C. (1990). Effects of Watching Aquariums on Elders' Stress. *Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals*, 4(1), 44–48. <https://doi.org/10.2752/089279391787057396>
- Downes, M., Canty, M. J., & More, S. J. (2009). Demography of the pet dog and cat population on the island of Ireland and human factors influencing pet ownership. *Preventive Veterinary Medicine*, 92(1–2), 140–149. <https://doi.org/10.1016/J.PREVETMED.2009.07.005>
- Endenburg, N., Hart, H., & de Vries, H. W. (1990). Differences between owners and nonowners of companion animals. *Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals*, 4(4), 120–126. <https://doi.org/10.2752/089279391787057242>
- Friedmann, E., Katcher, A. H., Lynch, J. J., & Thomas, S. A. (1980). Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. *Public Health Reports* (Washington, D.C. : 1974), 95(4), 307–12.
- Gerwolls, M. K., & Labott, S. M. (1994). Adjustment to the Death of a Companion Animal. *Anthrozoös*, 7(3), 172–187. <https://doi.org/10.2752/089279394787001826>
- Grupo Marktest, T. G. I. (2017). Cães e gatos a aumentar nos lares portugueses. Retrieved from <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~220d.aspx>
- Guest, C. M., Collis, G. M., & McNicholas, J. (2006). Hearing dogs: a longitudinal study of social and psychological effects on deaf and hard-of-hearing recipients. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 11(2), 252–61. <https://doi.org/10.1093/deafed/enj028>
- Gullone, E. (2000). The Biophilia Hypothesis and Life in the 21st Century: Increasing Mental Health or Increasing Pathology? *Journal of Happiness Studies*, 1(3), 293–322. <https://doi.org/10.1023/A:1010043827986>

- Hamilton, W. D. (1964). The genetical evolution of social behaviour. I. *Journal of Theoretical Biology*, 7(1), 1–16. [https://doi.org/10.1016/0022-5193\(64\)90038-4](https://doi.org/10.1016/0022-5193(64)90038-4)
- Hare, B., & Tomasello, M. (2005). Human-like social skills in dogs? *Trends in Cognitive Sciences*, 9(9), 439–444. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2005.07.003>
- Hatkoff, I., Hatkoff, C., & Kahumbu, P. (2016). *Owen & Mzee: The true Story of a Remarkable Friendship*. (Scholastic, Ed.) (Illustrada).
- Hawkins, R. D., Williams, J. M., & Scottish Society For The Prevention Of Cruelty To Animals Scottish Spca, S. S. for the P. of C. to A. (Scottish. (2017). Childhood Attachment to Pets: Associations between Pet Attachment, Attitudes to Animals, Compassion, and Humane Behaviour. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 14(5). <https://doi.org/10.3390/ijerph14050490>
- Herzog, H. (2010). Some We Love, Some We hate, Some We Eat: Why It's So Hard to Think Straight About Animals.
- Herzog, H. (2011). The Impact of Pets on Human Health and Psychological Well-Being. *Current Directions in Psychological Science*, 20(4), 236–239. <https://doi.org/10.1177/0963721411415220>
- Herzog, H. A. (2014). Biology, Culture, and the Origins of Pet-Keeping. *Animal Behavior and Cognition*, 1(3), 296. <https://doi.org/10.12966/abc.08.06.2014>
- Heylighen, F. (1998). What makes a meme successful? Selection criteria for cultural evolution. In *Proc. 15th Int. Congress on Cybernetics* (pp. 418–423). Brussels, Belgium: Association Internationale de Cybernetique.
- Hickrod, L. J. H., & Schmitt, R. L. (1982). A Naturalistic Study of Interaction and Frame. *Urban Life*, 11(1), 55–77. <https://doi.org/10.1177/089124168201100103>
- Holcomb, R., Richards, S. P., & Williams, R. (1985). The elements of attachment: Relationship maintenance and intimacy. *Journal of the Delta Society*, 2(1), 28–33.
- Izar, P., Verderane, M. P., Visalberghi, E., Ottoni, E. B., Gomes De Oliveira, M., Shirley, J., & Fragaszy, D. (2006). Cross-genus adoption of a marmoset (*Callithrix jacchus*) by wild capuchin monkeys (*Cebus libidinosus*): case report. *American Journal of Primatology*, 68(7), 692–700. <https://doi.org/10.1002/ajp.20259>
- Jessen, J., Cardiello, F., & Baun, M. M. (1996). Avian companionship in alleviation of depression, loneliness, and low morale of older adults in skilled rehabilitation units. *Psychological Reports*, 78(1), 339–48. <https://doi.org/10.2466/pr0.1996.78.1.339>
- Kis, A., Bence, M., Lakatos, G., Pergel, E., Turcsán, B., Pluijmakers, J., ... Kubinyi, E. (2014). Oxytocin Receptor Gene Polymorphisms Are Associated with Human Directed Social Behavior in Dogs (*Canis familiaris*). *PLoS ONE*, 9(1), e83993. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0083993>

- Knowledge, G. from. (2016). Estudo GfKTrack.2PETs Portugal (Vaga 2015) - Animais de estimação.
- Kruger, K., & Serpell, J. (2006). Animal-assisted interventions in mental health: definitions and theoretical foundations. In A. H. Fine (Ed.), *Handbook on Animal-Assisted Therapy: Theoretical Foundations and Guidelines for Practice* (1th ed., pp. 21–38). San Diego: Academic Press.
- Lago, D., Kafer, R., Delaney, M., & Connell, C. (1988). Assessment of Favorable Attitudes Toward Pets: Development and Preliminary Validation of Self-Report Pet Relationship Scales. *Anthrozoös*, 1(4), 240–254. <https://doi.org/10.2752/089279388787058308>
- Leslie, B. E., Meek, A. H., Kawash, G. F., & McKeown, D. B. (1994). An epidemiological investigation of pet ownership in Ontario. *The Canadian Veterinary Journal = La Revue Veterinaire Canadienne*, 35(4), 218–22.
- Martins, C. M., Mohamed, A., Guimarães, A. M. S., de Barros, C. da C., Pampuch, R. dos S., Svoboda, W., ... Biondo, A. W. (2013). Impact of demographic characteristics in pet ownership: Modeling animal count according to owners income and age. *Preventive Veterinary Medicine*, 109(3–4), 213–218. <https://doi.org/10.1016/j.prevetmed.2012.10.006>
- Marx, M. B., Stallones, L., Garrity, T. F., & Johnson, T. P. (1988). Demographics of Pet Ownership Among U.S. Adults 21 to 64 Years of Age. *Anthrozoös: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals*, 2(1), 33–37. <https://doi.org/10.2752/089279389787058262>
- Mason, W. A., & Kenney, M. D. (1974). Redirection of Filial Attachments in Rhesus Monkeys: Dogs as Mother Surrogates. *Science*, 183(4130), 1209–1211.
- McMillan, F. D. (2008). *Mental Health and Well-Being in Animals*. John Wiley & Sons.
- McNicholas, J., Gilbey, A., Rennie, A., Ahmedzai, S., Dono, J.-A., & Ormerod, E. (2005). Pet ownership and human health: a brief review of evidence and issues. *BMJ (Clinical Research Ed.)*, 331(7527), 1252–4. <https://doi.org/10.1136/bmj.331.7527.1252>
- Murray, J. K., Browne, W. J., Roberts, M. A., Whitmarsh, A., & Gruffydd-Jones, T. J. (2010). Number and ownership profiles of cats and dogs in the UK. *Veterinary Record*, 166(6), 163–168. <https://doi.org/10.1136/vr.b4712>
- New, J., Cosmides, L., & Tooby, J. (2007). Category-specific attention for animals reflects ancestral priorities, not expertise. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 104(42), 16598–16603. <https://doi.org/10.1073/pnas.0703913104>
- Nott, H. M. R., & Bradshaw, J. W. S. (1994). Companion Animals. In *Video Techniques in Animal Ecology and Behaviour* (pp. 145–161). Dordrecht: Springer Netherlands. https://doi.org/10.1007/978-94-011-0699-3_8
- O’Haire, M. (2010). Companion animals and human health: Benefits, challenges, and the road ahead. *Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research*, 5(5), 226–234. <https://doi.org/10.1016/j.jveb.2010.02.002>

- Odendaal, J. S. J., & Lehmann, S. M. C. (2000). The role of phenylethylamine during positive human-dog interaction. *Acta Veterinaria Brno*, 69(3), 183–188. <https://doi.org/10.2754/avb200069030183>
- Odendall, J. S. . (1994). Demographics of Companion Animals in South Africa. *Journal of the South African Veterinary Association*, 65(2), 67–72.
- Patterson, F. (1987). *Koko's Kitten*. (Perfection Learning Corporation, Ed.). Reading Rainbow Books.
- Perrin, T. (2009). The Business Of Urban Animals Survey: the facts and statistics on companion animals in Canada. *The Canadian Veterinary Journal = La Revue Veterinaire Canadienne*, 50(1), 48–52.
- Pet Products American Association. (2017). *The 2017-2018 APPA National Pet Owners Survey*. 255 Glenville Road, Greenwich.
- Podberscek, A. L., Paul, E. S., & Serpell, J. A. (2000). Companion animals and us.
- Poresky, R. H., & Daniels, A. M. (1998). Demographics of Pet Presence and Attachment. *Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals*, 11(4), 236–241. <https://doi.org/10.2752/089279398787000508>
- Poresky, R. H., Hendrix, C., Mosier, J. E., & Samuelson, M. L. (1987). The Companion Animal Bonding Scale: Internal Reliability and Construct Validity. *Psychological Reports*, 60(3), 743–746. <https://doi.org/10.2466/pr0.1987.60.3.743>
- Purewal, R., Christley, R., Kordas, K., Joinson, C., Meints, K., Gee, N., & Westgarth, C. (2017). Companion Animals and Child/Adolescent Development: A Systematic Review of the Evidence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 14(3), 234. <https://doi.org/10.3390/ijerph14030234>
- Ramón, M. E., Slater, M. R., & Ward, M. P. (2010). Companion animal knowledge, attachment and pet cat care and their associations with household demographics for residents of a rural Texas town. *Preventive Veterinary Medicine*, 94(3–4), 251–263. <https://doi.org/10.1016/J.PREVETMED.2010.01.008>
- Rehn, T., & Keeling, L. J. (2016). Measuring dog-owner relationships: Crossing boundaries between animal behaviour and human psychology. *Applied Animal Behaviour Science*, 183, 1–9. <https://doi.org/10.1016/J.APPLANIM.2016.07.003>
- Serpell, J. (1996). *In the company of animals : a study of human-animal relationships*. Cambridge University Press.
- Serpell, J. A. (1996). Evidence for an association between pet behavior and owner attachment levels. *Applied Animal Behaviour Science*, 47(1–2), 49–60. [https://doi.org/10.1016/0168-1591\(95\)01010-6](https://doi.org/10.1016/0168-1591(95)01010-6)

- Serpell, J. A. (2003). Anthropomorphism and Anthropomorphic Selection — Beyond the “Cute Response.” *Society & Animals*, 11(1), 83–100. <https://doi.org/10.1163/156853003321618864>
- Serpell, J. A., & Paul, E. S. (2011). Pets in the Family: An Evolutionary Perspective. In *The Oxford handbook of evolutionary Family psychology* (pp. 297–309).
- Siddiq, A. B., & Habib, A. (2016). Anthrozoology - An emerging robust multidisciplinary subfield of anthropological science. *Green University Review of Social Science*, 3(1), 45–67.
- Silk, J. B. (1990). Human adoption in evolutionary perspective. *Human Nature*, 1(1), 25–52. <https://doi.org/10.1007/BF02692145>
- Slater, M. R., Di Nardo, A., Pediconi, O., Villa, P. D., Candeloro, L., Alessandrini, B., & Del Papa, S. (2008). Cat and dog ownership and management patterns in central Italy. *Preventive Veterinary Medicine*, 85(3–4), 267–294. <https://doi.org/10.1016/J.PREVETMED.2008.02.001>
- Somerville, J., Somervill, J. W., Kruglikova, Y. A., Robertson, R. L., Hanson, L. M., & Maclin, O. H. (2008). Physiological Responses by College Students to a Dog and a Cat: Implications for Pet Therapy. *North American Journal of Psychology*, 10(3), 519–528.
- Stallones, L., Marx, M. B., Garrity, T. F., & Johnson, T. P. (1990). Pet Ownership and Attachment in Relation to the Health of U.S. Adults, 21 to 64 Years of Age. *Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals*, 4(2), 100–112. <https://doi.org/10.2752/089279391787057206>
- Toribio, J. A. L. M., Norris, J. M., White, J. D., Dhand, N. K., Hamilton, S. A., & Malik, R. (2009). Demographics and husbandry of pet cats living in Sydney, Australia: results of cross-sectional survey of pet ownership. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 11(6), 449–461. <https://doi.org/10.1016/j.jfms.2008.06.010>
- Wells, D. (2011). The value of pets for human health. *The Psychologist*, 24, 172–176.
- Wells, D. L. (2005). The effect of videotapes of animals on cardiovascular responses to stress. *Stress and Health*, 21(3), 209–213. <https://doi.org/10.1002/smi.1057>
- Wells, D. L. (2009). The Effects of Animals on Human Health and Well-Being. *Journal of Social Issues*, 65(3), 523–543. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2009.01612.x>
- Wilson, C. C. (1998). Companion animals in human health. (C. C. Wilson & D. C. Turner, Eds.). Sage Publications.
- Wilson, E. O. (1984). *Biophilia*. Cambridge: Harvard University Press.
- Zasloff, R. L. (1996). Measuring attachment to companion animals: a dog is not a cat is not a bird. *Applied Animal Behaviour Science*, 47(1–2), 43–48. [https://doi.org/10.1016/0168-1591\(95\)01009-2](https://doi.org/10.1016/0168-1591(95)01009-2)

Anexo A Inquérito sobre a posse de animais de companhia



dbio

universidade de aveiro
departamento de biologia

INQUÉRITO

Sobre a importância dos animais de companhia

Somos uma equipa da Universidade de Aveiro que se encontra a realizar uma investigação sobre a importância dos animais de companhia para o cidadão urbano. Esta está a ser desenvolvida em colaboração com a Câmara Municipal de Aveiro e pretende conhecer o número de animais na cidade e o que estes representam para os seus donos. Este conhecimento e esta perceção revelam-se importantes para melhorar quer o bem-estar dos animais domésticos quer a qualidade de vida das pessoas na cidade.

A sua participação é voluntária e anónima, podendo anulá-la em qualquer momento da realização do inquérito.

Desde já agradecemos a sua colaboração e as suas respostas.

1 – Tem animais de companhia?

☐ Sim

☐ Não

Se respondeu não, passe para a pergunta nº 6.

2 – Da lista abaixo assinale, por favor, que animais tem e quantos.

☐ Cães Quantos? ____

☐ Coelhos Quantos? ____

☐ Gatos Quantos? ____

☐ Iguanas Quantas? ____

☐ Porquinhos da índia Quantos? ____

☐ Ratos ou hamsters Quantos? ____

☐ Tartarugas ou cágados Quantos? ____

☐ Aves/Pássaros. Se assinalou esta opção por favor responda à pergunta 3.

☐ Peixes. Se assinalou esta opção por favor responda à pergunta 4.

☐ Outros? Quais? _____

Se não tem aves/pássaros ou peixes, por favor passe à pergunta nº 5.

3 – No caso de ter aves/pássaros:

3.1. Quantos? ____

3.2. Como os arranjou? (Assinale as opções)

☐ Loja de animais

☐ Criador

☐ Adoção (através de amigos, por exemplo)

☐ Natureza

☐ Outra: qual? _____

3.3. Da lista abaixo assinale o que costuma fazer durante o tempo que passa com a(s) sua(s) ave(s)

☐ Cuidados básicos (alimentação, água, limpeza)

☐ Falar/assobiar

☐ Ouvir

☐ Contacto direto: mantê-la(s) na sua mão, acarinhar

☐ Mimar com alimentos que gosta(m) de comer

☐ Outro/Observações: _____

3.4. Onde tem a(s) sua(s) ave(s)?

☐ Gaiola fechada pequena (até 0,5m x 0,5m) Quantas? ____

☐ Gaiola fechada média (até 1m x 1m) Quantas? ____

☐ Gaiola fechada grande (mais de 1m x 1m) Quantas? ____

☐ Gaiola aberta (Há um espaço onde pode voar fora da gaiola) Quantas? ____

☐ Construção própria (tipo pombal) Quantas? ____

☐ Outra: qual? _____

4. No caso de ter peixes:

4.1. Quantos peixes?

☐ Até 5

- ☐ 6 a 20
- ☐ 21 a 40
- ☐ Mais de 40

4.2. Onde tem os peixes?

- ☐ Aquário
- ☐ Lago de jardim
- ☐ Tanque
- ☐ Outro: _____

Se **não tem** os seus peixes em **aquários**, por favor passe para a pergunta nº 5.

Se **tem** os seus peixes em **aquários** por favor responda às seguintes questões:

4.2.1. Que tipo de aquários?

- ☐ Água fria
- ☐ Água quente
- ☐ Água salgada

4.2.2. Capacidade do(s) aquário(s):

- | | |
|---|------------------------|
| <input type="checkbox"/> 0-10 litros | Quantos aquários? ____ |
| <input type="checkbox"/> 11-60 litros | Quantos aquários? ____ |
| <input type="checkbox"/> 61-150 litros | Quantos aquários? ____ |
| <input type="checkbox"/> 151-400 litros | Quantos aquários? ____ |
| <input type="checkbox"/> > 400 litros | Quantos aquários? ____ |

4.2.3. Onde tem o(s) aquário(s):

- ☐ Corredor de passagem
- ☐ Cozinha
- ☐ Quarto
- ☐ Sala de estar
- ☐ Sala de jantar
- ☐ Outro: _____

5 – Diga, por favor, por palavras suas, as razões que o/a levam a ter os seus animais de companhia.

6 – Costuma alimentar animais de rua?

- ☐ Sim, cães
- ☐ Sim, gatos
- ☐ Sim, pássaros (por exemplo pombos ou pardais)
- ☐ Não
- ☐ Outra opção: _____

As seguintes perguntas servem para percebermos melhor o ambiente em que os animais vivem.

7 – Vive na cidade de Aveiro ou arredores?

- ☐ Sim
- ☐ Não

8 – Tipo de habitação:

- ☐ Apartamento
- ☐ Casa
- ☐ Outro: _____

9 – Assinale, por favor, todos os espaços exteriores que tem em sua casa.

- ☐ Nenhum
- ☐ Horta
- ☐ Jardim
- ☐ Quinta
- ☐ Quintal
- ☐ Pátio
- ☐ Varanda
- ☐ Outro: _____

10 – Quantas pessoas vivem em sua casa?

Para cada intervalo de idades indique o nº de pessoas de cada sexo.
(F = Feminino; M = Masculino)

Idades

Quantas pessoas (de cada sexo)

0 a 9

___ F

___ M

10 a 17	___ F	___ M
18 a 25	___ F	___ M
26 a 39	___ F	___ M
40 a 55	___ F	___ M
56 a 69	___ F	___ M
70 ou +	___ F	___ M

11 – Sexo (da pessoa que está a responder ao inquérito)

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Prefiro não identificar

12 – Idade: _____

13 – Nível de escolaridade:

- ☐ Nenhum
- ☐ 4º ano
- ☐ 6º ano
- ☐ 9º ano ou equivalente
- ☐ 12º ano ou equivalente
- ☐ Ensino Superior (Licenciatura, mestrado, doutoramento, ...)
- ☐ Outro: _____

14 – Profissão: _____

15 – Gosta de falar sobre os seus animais e partilhar algumas peripécias? Se estiver disponível para ser contactado posteriormente para uma conversa informal, cara a cara ou por Skype, sobre os seus animais de companhia, deixe, por favor, o seu contacto (e-mail ou nº telefone):

Nota: este contacto servirá apenas para a realização da entrevista referida, sendo o anonimato garantido aquando a utilização dos dados obtidos para a investigação.

Se precisar de alguma informação adicional pode utilizar o seguinte contacto: dianamoliveira@ua.pt.

Obrigada pela sua colaboração.

Anexo B Folheto de divulgação do inquérito



Investigação sobre a **importância dos animais de companhia** dirigida a **todos os cidadãos de Aveiro**. Realizada pela Universidade de Aveiro e em colaboração com a Câmara Municipal pretende conhecer a predominância de animais nos lares da cidade, quais são os preferidos e quais as principais motivações aquando a decisão de ter um animal. **Não tem animais? Ajude-nos e colabore também, esses dados são igualmente importantes!** ☺ Pode aceder ao link utilizando o QR CODE através da câmara do seu telemóvel ou escrevendo o link apresentado no campo de pesquisa do seu navegador de internet. Alguma dúvida pode contactar através de: dianamoliveira@ua.pt. Muito obrigada pela colaboração!